



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E HUMANAS
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

GIOVANA BEZERRA DUARTE GOMES

POEMAS URBANOS: A POIÉSES DA CALÇADA E DA VIDA COTIDIANA NAS
BORDAS DE DUAS CIDADES DOS SERTÕES (PAU DOS FERROS/RN &
JAGUARIBE/CE)

PAU DOS FERROS

2026

GIOVANA BEZERRA DUARTE GOMES

**POEMAS URBANOS: A POIÉSES DA CALÇADA E DA VIDA COTIDIANA NAS
BORDAS DE DUAS CIDADES DOS SERTÕES (PAU DOS FERROS/RN &
JAGUARIBE/CE)**

Monografia apresentada a Universidade
Federal Rural do Semi-Árido como
requisito para obtenção do título de
Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes,
Prof. Dr.

PAU DOS FERROS

2026

© Todos os direitos estão reservados a Universidade Federal Rural do Semi-Árido. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do (a) autor (a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. O conteúdo desta obra tomar-se-á de domínio público após a data de defesa e homologação da sua respectiva ata. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu (a) respectivo (a) autor (a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

G633p Gomes, Giovana Bezerra Duarte.
Poemas urbanos: a poíeses da calçada e da vida cotidiana nas bordas de duas cidades dos sertões (Pau dos Ferros/RN & Jaguaribe/CE) / Giovana Bezerra Duarte Gomes. - 2026.
129 f. : il.

Orientador: Damião Esdras Araujo Arraes.
Monografia (graduação) - Universidade Federal Rural do Semi-árido, Curso de --Selecione um Curso ou Programa--, 2026.

1. Calçada. 2. Jardim. 3. Apropriação. 4. Decolonialidade. 5. Cartografia.. I. Arraes, Damião Esdras Araujo , orient. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada por sistema gerador automático em conformidade com AACR2 e os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Biblioteca Campus Pau dos Ferros
Bibliotecária: Erlanda Maria Lopes da Silva
CRB: 15/966

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's) foi desenvolvido pelo Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da Universidade de São Paulo (USP) e gentilmente cedido para o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (SISBI-UFERSA), sendo customizado pela Superintendência de Tecnologia da Informação e Comunicação (SUTIC) sob orientação dos bibliotecários da instituição para ser adaptado às necessidades dos alunos dos Cursos de Graduação e Programas de Pós-Graduação da Universidade.

GIOVANA BEZERRA DUARTE GOMES

**POEMAS URBANOS: A POIÉSES DA CALÇADA E DA VIDA COTIDIANA NAS
BORDAS DE DUAS CIDADES DOS SERTÕES (PAU DOS FERROS/RN &
JAGUARIBE/CE)**

Monografia apresentada a Universidade Federal
Rural do Semi-Árido como requisito para
obtenção do título de Bacharela em Arquitetura e
Urbanismo.

Defendida em: 12 / 06 / 2026.

BANCA EXAMINADORA

Damiao Esdras Araújo Arraes, Prof. Dr. (UFERSA)
Presidente

Giselle Cerise Gerson, Prof. Dr. (UFERSA)
Membro Examinador

Patrícia Fernanda de Sousa Cruz, Prof. Dr. (UFBA)
Membro Examinador

DEDICATÓRIA

À N.S de Fátima, com devoção,
aos meus pais e irmãos, com amor. (*presentes*)

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor Jesus Cristo e sua amadíssima mãe, Nossa Senhora. Não há trabalho, ou mesmo o ar que respiro sem passar pelas mãos que nos fizeram. Foi o Senhor que inspirou essa pesquisa, vi e conversei com Ele sobre os jardins e O observei sentado às calçadas. Com a intercessão de Nossa Senhora, abençoou sua entrega.

Ao meu querido orientador, Prof. Dr. Esdras Arraes, que me acompanhou desde o início da graduação. Muito obrigada pela amizade, pelas indicações de leituras, orientações e escrita que me impulsionaram. Sua gentileza nos apontamentos e sua acessibilidade na escuta e na fala, sensíveis e cruciais em todas as etapas de pesquisa. Agradeço imensamente por ter visto potencial no meu trabalho e por ter transformado ideias desconexas em uma poíeses sensível sobre o cotidiano.

Às professoras: Giselle Cerise Gerson e Patrícia Fernanda de Sousa Cruz pelas recomendações bibliográficas sugeridas e leitura sensível deste trabalho na banca avaliadora.

Aos encontros que moldaram meu pensamento: agradeço ao Grupo de Pesquisa Sertões Amãoé, por todos os debates e leituras que me provocaram a transbordar os limites do pensamento crítico e a fincar raízes em uma perspectiva decolonial.

Agradeço igualmente à Profa. Dra. Kytéria Sabino e ao grupo GPIECE, que, desde a Iniciação Científica, abriram caminhos e me incentivaram a cultivar uma visão interseccional e multifacetada do saber, essencial para a construção desta pesquisa.

À minha avó, Oneide, que sempre me aconselhou “saiba viver”. Escutar suas histórias e ensinamentos, enquanto estávamos sentadas em sua calçada, e ver o seu amor por plantas, me ensinou que cada momento, especialmente os mais lentos cotidianos, é o que constrói nossa vida.

Aos meus pais, Geovani e Renieire, agradeço toda educação que me deram. E, para além dela, por terem me ensinado que gentileza e humildade se entrelaçam ao que nos faz humanos. Sem dúvida, isso me deu uma outra perspectiva sobre como enxergar a arquitetura e o urbanismo.

À minha irmã, Bianca, que sempre me incentivou e apoiou minhas decisões, mesmo quando nem eu tinha certeza sobre elas, me escutou nos momentos de ansiedade, acolheu e, me mostrou outras perspectivas. Ao meu irmão, Júlio, que sempre me desafiou a pesquisar e entender as fontes, buscar outros repertórios, me escutou e incentivou a escrever.

Aos meus amigos, por me ajudarem a compor meu processo de crescimento e, de brinde, a entregar este trabalho: Pedro e Felipe por me acompanharem em visitas de bairros, me

alegrarem nas andanças sob o desconhecido, pelas palavras de apoio, conversas inspiradoras na calçada de casa e acolhimento em momentos difíceis.

A Gabriela, Tamara e Eduardo, por fazerem parte da minha graduação, por todo apoio e incentivo, entre trabalhos em equipe, lanchinhos, conversas aleatórias e desabafos.

A Maurício, pela escuta, palavras gentis, conversas sinceras, companheirismo, compreensão e sempre me encorajar.

Agradeço a todos, por fazerem parte dessa caminhada e por tornarem toda calçada percorrida um pouco mais habitável e por me mostrar a beleza que o cotidiano possui.

EPÍGRAFE

“As coisas têm vida própria. [...] É simplesmente
uma questão de despertar suas almas.”
(Gabriel García Márquez).

RESUMO

Fundamentada na fenomenologia do habitar, esta pesquisa propõe uma reflexão, a partir da perspectiva decolonial, sobre a dialética entre público/privado que rege a calçada como uma “borda”, “uma fronteira” que relaciona a intimidade doméstica da casa com o ambiente urbano. Dessa forma, observei as operações cotidianas nas diversas formas de apropriação espacial da calçada, a sensibilidade das intervenções criativas sobre o ambiente e como essas práticas destacam a heterogeneidade ali existente. Assim, é necessário compreender a prática de “estar”, “experienciar” e “viver” nas calçadas, sobretudo em cidades dos sertões do Nordeste, tendo como recorte espacial as cidades de Jaguaribe/CE e Pau dos Ferros/RN. Nesse sentido, as calçadas atuam como “poemas urbanos” e superam a métrica convencional das normas (destinadas à circulação) e as tornam parte das variadas performances corporais com o entorno social. Estudar a expressão sensível das apropriações das calçadas equivale a perceber um dos ethos urbano que se manifesta nos sertões. Por conseguinte, questiono: qual o limite da interferência do morador em sua calçada? Por que a norma municipal desconsidera o hábito social de utilizá-la? E, sendo a calçada é uma borda entre público-privado e entre o cultivado (jardim) e o não cultivado (ruas), quem de fato deve regular as transformações desses territórios? Para responder a essas questões, utilizo como metodologia a pesquisa-ação participante, para construir um conhecimento paralelo aos moradores, numa relação de complementaridade. Ademais, a cartografia seguiu as experiências cotidianas nas áreas residenciais e mistas de Pau dos Ferros, para tentar ampliar o estudo de maneira prática, em oposição ao conhecimento técnico hegemônico, lançando luz sobre quem usa os espaços.

Palavras-chave: calçada; jardim; apropriação; decolonialidade; cartografia.

ABSTRACT

Grounded in the phenomenology of dwelling, this research proposes a reflection, from a decolonial perspective, on the public/private dialectic that governs the sidewalk as an "edge", a "boundary" that connects the domestic intimacy of the home with the urban environment. Thus, I observed the everyday operations in the diverse forms of spatial appropriation of the sidewalk, the sensitive nature of creative interventions in the environment, and how these practices highlight the heterogeneity existing therein. Therefore, it is necessary to understand the practice of "being", "experiencing", and "living" on the sidewalks, especially in cities of the Northeastern sertões (hinterlands), having the cities of Jaguaribe/CE and Pau dos Ferros/RN as the spatial scope. In this sense, sidewalks act as "urban poems"; they surpass the conventional metrics of regulations (designed for circulation) and become part of varied bodily performances within the social surroundings. Studying the sensitive expression of sidewalk appropriations is equivalent to perceiving one of the urban ethos manifested in the sertões. Consequently, I ask: what is the limit of the resident's interference on their sidewalk? Why do municipal regulations disregard the social habit of utilizing it? And, since the sidewalk is an edge between the public and the private, and between the cultivated (garden) and the uncultivated (streets), who should actually regulate the transformations of these territories? To answer these questions, I employ participatory action research as a methodology to build knowledge alongside the residents in a relationship of complementarity. Furthermore, the cartography followed everyday experiences in the residential and mixed areas of Pau dos Ferros to expand the study in a practical manner, in opposition to hegemonic technical knowledge, shedding light on those who actually use these spaces.

Keywords: sidewalk; garden; appropriation; decoloniality; cartography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização de Jaguaribe e Pau dos Ferros	22
Figura 2 - Desenho do passeio público do Rio de Janeiro.	29
Figura 3 - Mercado de escravos no Recife (atual Rua Bom Jesus)	31
Figura 4 - Casa para alugar, cavalo e cabra à venda.....	32
Figura 5 - Sobreposição de usos nas calçadas em Jaguaribe	36
Figura 6 - Cotidiano no centro de Pau dos Ferros	41
Figura 7 - Rua Hipólito Cassiano cruzando com a Avenida Independência	44
Figura 8 - Vila Jaguaribe-Mirim em 1909	45
Figura 9 - Cotidiano jaguaribano.....	46
Figura 10 - Detalhe seção mínima calçada.....	47
Figura 11 - Paisagem urbana dos bairros projetados em Pau dos Ferros	52
Figura 12 - Habitar a calçada.....	53
Figura 13 - Cartografia – Ação Manhã A	58
Figura 14 - Cartografia – Ação Manhã B	59
Figura 15 - Cartografia – Ação Manhã C	61
Figura 16 - Cartografia – Ação Manhã D	62
Figura 17 - Cartografia – Ação Manhã E	63
Figura 18 - Cartografia – Ação Manhã F.....	64
Figura 19 - Cartografia – Ação Meio dia A	65
Figura 20 - Cartografia – Ação Meio dia B	66
Figura 21 - Cartografia – Ação Meio Dia C	68
Figura 22 - Cartografia – Ação Meio Dia D	69
Figura 23 - Cartografia – Ação Manhã E	70
Figura 24 - Cartografia – Ação Manhã F.....	70
Figura 25 - Cartografia – Ação Tarde A	72
Figura 26 - Cartografia – Ação Tarde B	73
Figura 27 - Cartografia – Ação Tarde C	75
Figura 28 - Cartografia – Ação Tarde D	76
Figura 29 - Cartografia – Ação Manhã E	77
Figura 30 - Cartografia – Ação Manhã F.....	77
Figura 31 - Cartografia – Ação Noite A	79
Figura 32 - Cartografia – Ação Noite B	80
Figura 33 - Cartografia – Ação Noite C	82

Figura 34 - Cartografia – Ação Noite D	83
Figura 35 - Cartografia – Ação Manhã E	84
Figura 36 - Cartografia – Ação Manhã F.....	84
Figura 37 - Jardim da Moradora (J1).....	88
Figura 38 - Jardim da Moradora (J2).....	88
Figura 39 - Jardim da Moradora (P1)	89
Figura 40 - Jardim da Moradora (P2)	90
Figura 41 - Jardim da Moradora (P8)	91
Figura 42 - Fachada Moradora (P3)	92
Figura 43 - Fachada Moradora (P3)	92
Figura 44 - Jardim da Moradora (P8)	93
Figura 45 - Espécie Clitoria ternatea	94
Figura 46 - Objetos de jardim.....	95
Figura 47- Jardins de objetos.....	95
Figura 48 - Jardim da Moradora (J3).....	96
Figura 49 - Jardim da Moradora (J4).....	97
Figura 50 - Mobiliário na calçada da Moradora (J4).....	98
Figura 51- Calçada da Moradora (J5).....	99
Figura 52 - Calçada da Moradora (P6)	100
Figura 53 - Calçada da Moradora (J5).....	101
Figura 54 - Imagem religiosa em jardim	101
Figura 55 - Artesãs de renda filé.....	103
Figura 56 - Roupas de renda filé estendidas na calçada	103
Figura 57 - Telas de renda filé na calçada	104
Figura 58 - Calçada – Jardim em Encanto/RN	105
Figura 59 - Calçada-Jardim em José da Penha/RN	106
Figura 60 - Calçada-Jardim em José da Penha/RN	106
Figura 61 - Calçada-Jardim em Araripina/PE.....	107
Figura 62 - Apropriação comercial na rua Joaquim Torquato	108
Figura 63 - Apropriação doméstica rua Joaquim Torquato	108
Figura 64 - Apropriação doméstica na rua Carloto Távora	109
Figura 65 - Apropriação doméstica rua Carloto Távora	109
Figura 66 - Rua Maestro Wilson.....	109
Figura 67 - Apropriação comercial na rua São João.....	110

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Bairros residenciais estudados em Jaguaribe e Pau dos Ferros.....	23
Mapa 2 - Bairro Nações Unidas	48
Mapa 3 - Bairro Chico Cajá.....	49
Mapa 4 - Bairro João Catingueira	49
Mapa 5 - Bairros em crescimento de Pau dos Ferros	50
Mapa 6 - Trechos cartografados	56

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
1.1. Calçada: a escala dos olhos.....	15
2. METODOLOGIA.....	20
2.1.1. Definição do método	20
2.1.2. Fontes teóricas e empíricas	20
2.1.3. Fragmentos territoriais de análise	21
2.1.4. Pesquisa participativa e Pesquisa-Ação.....	23
2.1.5. Cartografia-Ação da poética cotidiana das calçadas.....	24
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	26
3.1. A Calçada -borda: um Caminho poético	26
3.2. Apontamentos sobre a calçada na história da cidade brasileira	27
3.3. A calçada como borda	33
3.4. Calçada-Jardim	37
3.5. Pau dos Ferros & Jaguaribe: fragmentos de urbanização	40
4. RESULTADOS.....	54
4.1. Calçada: expressão do sensível e do cotidiano	54
4.2. Cartografia-Ação	55
4.3. Pesquisa Participante	85
4.3.1.1. Tecer os fios das conversas	86
4.4. Noturnos	107
5. DISCUSSÕES	111
5.1. A poíeses das calçadas: apontamentos	111
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
6.1. A calçada vivida	113
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICE A: CARTOGRAFIAS - AÇÃO	121

1 INTRODUÇÃO

1.1 Calçada: a escala dos olhos

O olhar atento às operações cotidianas torna compreensível o funcionamento do urbano e a sensibilidade da produção material da cidade. A vida cotidiana desvela a criação do espaço urbano e doméstico, sendo possível observar, longe da parcialidade, a heterogeneidade ali existente, como os modos de vida, as formas de morar, a sensibilidade de agir sobre o ambiente, o uso dos terrenos por diversas atividades, dentre outros aspectos (Sydow; Silva, 2023).

Para o urbanista Jan Gehl (2013; 2020), a qualidade urbanística de uma cidade é estabelecida pela quantidade e qualidade de espaços públicos para pedestres. O valor desempenhado por esses lugares é notado com a ocorrência de atividades corriqueiras, quando as pessoas saem ao ambiente urbano como um fim em si, para desfrutá-lo. O desfrute do ambiente urbano muitas vezes se dá em lugares que escapam as lógicas do planejamento *stricto sensu*, como acontece nas calçadas de pequenas cidades implantadas nos sertões do Nordeste brasileiro, por exemplo. O uso das calçadas supera a métrica convencional das normas – destinadas projetualmente ao ato da circulação –, devendo possibilitar performances corporais variadas com as condições sociais do entorno.

Essa perspectiva estética se sintoniza com os postulados de Jane Jacobs (2011), para quem as calçadas são espaços de encontro e integração, base da vitalidade urbana, do conflito e de espaços de convívio. Assim como a rua, a condição ontológica da calçada se faz devido à apropriação mobilizada pelo ser humano, cujo significado é dado a partir da interação com objetos de diversas formas e não-humanos, animais, árvores, edifícios, obras de arte, monumentos, calçadas próximas e seus usos. Ainda para a autora, a partir da combinação desses aspectos, o uso das calçadas de forma afetiva como um lugar de convivência, lazer e interatividade, em escala micro, interfere na vitalidade urbana em uma escala macro, no território da cidade (Jacobs, 2011).

Nesse aspecto, é necessário compreender a prática de “estar”, “experenciar” e “viver” nas calçadas, sobretudo em cidades dos sertões do Nordeste, onde são encontradas relações sociais que, em alguma medida, se afastam das ideias concebidas no planejamento urbano. Estudar a expressão sensível das apropriações das calçadas equivale em perceber um dos *ethos* urbano que se conforma nos sertões. Essa característica ganha outra dimensão quando comparado o uso estético das calçadas em termos de escala socioeconômica, isto é, em bairros considerados de “classe média ou alta” há baixa frequência na convivência humana nas

calçadas, ao contrário do que ocorre em áreas com moradores de classe econômica mais baixa, onde a ludicidade e o sentido estético das calçadas são acentuados. Isso mostra que o entendimento sobre as calçadas ultrapassa a imposição normativa, sendo o resultado de operações criativas e cotidianas das pessoas. Além das relações sociais e domésticas, que mobilizam formas de habitar, a história e a memória também são categorias que validam as especificidades culturais e urbanas desses ambientes.

Assim, Heidegger (2002) estabelece parâmetros filosóficos que podem auxiliar sobre o significado de “habitar” as calçadas. Esses territórios não devem ser circunscritos somente como uma forma geométrica abstrata, mas como espaço de resguardo que reúne paisagem e pessoas, negociações e disputas, criando um lugar que propicia o habitar. Para o filósofo alemão, supera-se a função teleológica das construções, pois o habitar é uma condição ontológica do ser, por vezes relacionado à simplicidade de demorar-se junto às coisas que criam a liberdade de estar em paz em um abrigo. A calçada torna-se um lugar de profundo significado humano, *locus* de convivência que permite emaranhados de pertencimentos ao lugar e de vínculos com os seres mais-que-humanos (plantas, animais, objetos). Em essência, é um “deixar-habitar” contínuo mobilizado pela vida (Heidegger, 2002).

A calçada arquiteta-se em plásticas que superam a linha que separa a domesticidade do lar e o ambiente público da cidade. Parafraseando Patrícia Cruz (2025, p. 71), é possível sintonizá-la “mais do que contorno, limite que desenha uma relação simples de um dentro e de um fora” (Cruz, 2025, p. 71). Constrói-se um lugar onde duas relações distintas “se encontram, se reconhecem, e se relacionam como uma borda” (ibid., p. 81). Esse lugar-entre, que forma a borda, transita entre as relações e comportamentos humanos, e, habitá-la, habitar as calçadas significa re-existir à noção hegemônica e delimitadora de funções urbanas. Esse ato cria um “*trans borda mento*”, que permite pensar além, experimentar, ir adiante, necessário a liberdade (Cruz, 2025).

Esta pesquisa emerge da observação pessoal da convivência sensível de pessoas com suas calçadas, um fenômeno sociocultural que se manifesta de forma particular em diferentes sertões¹. Essa forma de convivência alude a “poemas urbanos”, uma vez que as calçadas, assim

¹A ideia de um sertão homogêneo como sinônimo da região Nordeste brasileira é uma forma limitada de compreender a diversidade da vida, a heterogeneidade de paisagens e dinamicidade das relações humanas presentes nesses lugares. O significado de “sertão” recebeu diferentes interpretações desde a invasão portuguesa em 1500. Atualmente, segundo o IBGE, a nomenclatura faz referência a uma subárea pobre e árida. Esse rótulo carrega uma intrínseca ambiguidade: o lado depreciativo mais explorado nos discursos que o construíram, mas também a esperança anfitriã atraiu aqueles que o ressignificaram como parte de si mesmos, indígenas e quilombolas de diferentes etnias, obviamente além do português. O rol de sertões é grande e contém atributos próprios, alguns exemplos são: sertão do Piancó, dos Cariris Novos, dos Cariris Velhos, do Pajeú, do Araripe, do Seridó, de Buíque (Arraes, 2017, p. 59 – 71). A heterogeneidade envolta desse termo será apresentada no tópico 3.1 deste trabalho de conclusão de curso.

como os poemas, possuem ritmo, estrutura e voz própria a ser interpretada e deve ser divulgada também como uma forma de urbanidade. Dessa maneira, é importante pensar sobre o uso das calçadas como uma “borda”, “uma fronteira” que conecta a domesticidade da casa com o ambiente urbano. O território “calçada” liga-se ao fluxo do ir e vir das pessoas, mas também à ao ato de estar, ao descansar e ao se relacionar simultaneamente com as intimidades doméstica, urbana e com os outros seres que habitam a Terra (Haraway, 2023).

Uma observação merece destaque: este trabalho não busca solucionar ou propor uma requalificação das calçadas. Não se pretende, inclusive, romantizar os desníveis, irregularidades e formas espaciais que são, conforme a normativa da NBR 9050, inacessíveis a pessoas idosas e PCDs (Pessoas com Deficiência). Como veremos adiante, as irregularidades podem ser frutos de territórios historicamente construídos sem a presença do Estado, isto é, o Estado transfere suas obrigações urbanísticas para os moradores desde o período colonial brasileiro. Seguindo a linha de pensamento de Jacobs (2011), Cruz (2025), Haraway (2023), Dori Tunstall (2023), Cullen (2008), Michel de Certeau (2025) e outras e outros tantos autoras e autores, celebramos a sensibilidade das práticas cotidianas operadas nas calçadas, as quais, em muitos momentos e devido a subjetividades várias, tornam-se imperceptíveis ao olhar técnico. Lançamos luz na criatividade e nas performances executadas dia e noite nas calçadas.

A pesquisa envolve-se em decifrar a poíeses (poética) das calçadas em onze bairros das cidades de Pau dos Ferros/RN (Alto do Açude, Bela Vista, Manuel Domingos, Princesinha do Oeste, São Judas Tadeu, São Benedito e São Geraldo), e da cidade de Jaguaribe/CE (Manoel Costa Moraes, Expedito Diógenes I, II, III, IV, João Paulo II, José Pinheiro da Silva). Esses bairros, onde o uso das calçadas é uma operação humana habitual, contrasta com os baixos índices de urbanidade de outras áreas das cidades, como, por exemplo, em Nações Unidas, João Catingueira e Chico Cajá. Ali, as calçadas são subutilizadas tanto para a configuração de urbanidade, como também, conforme sua função primeira, isto é, de circulação de pedestres no ambiente construído da cidade.

A escolha das cidades parte de memórias e aproximação dos fenômenos encontrados em Pau dos Ferros, cidade da ribeira do Apodi fundada numa fronteira e localizada no Alto Oeste Potiguar. Além disso, a escolhi² por facilidade de pesquisa devido ser a cidade onde estudo graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFERSA. Já a cidade cearense de Jaguaribe, situada na histórica ribeira do rio Jaguaribe, é fruto de afeto, minha cidade natal, onde aprendi a habitar as calçadas e a me entrelaçar com a borda da domesticidade/urbanidade. As calçadas são arenas

² A linguagem é uma área do conhecimento amplamente estudada, com ela as intenções e desejos subjetivos são colocados em evidência. Assim, a escolha pela escrita que alterna entre primeira e terceira pessoa, parte da metodologia participativa escolhida para pesquisa e descrita no tópico 2.5.

criativas da arte da jardinagem e da renda filé, lugar de vínculo da vida pública e privada. Essas cidades, localizadas nos sertões de Caatinga, possuem fenômenos socioculturais aproximados: há jardins cultivados nas calçadas e sobreposição do uso, ou seja, as cidades representam dois universos empíricos que servem como um modelo potencial de práticas cotidianas encontradas em outros lugares dos sertões. Outras cidades vizinhas foram utilizadas para exemplificar como estas operações criativas são mais comuns do que imaginamos, mas não foram aprofundadas neste estudo. De todo modo, é necessário lembrar que este trabalho é entendido como uma proposição reflexiva inicial, que busca ser ampliado e explorado em um trabalho de pós graduação futuro, dada a complexidade da fortuna crítica e as especificidades dos agentes envolvidos no processo de uso, embelezamento e habitar a calçada.

Mediante esse desafio heurístico, este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral **refletir** sobre o significado da vida cotidiana no uso das calçadas como narrativa poética dos bairros Alto do Açude, Bela Vista, Manuel Domingos, Princesinha do Oeste, São Judas Tadeu, São Benedito e São Geraldo, localizados na cidade de Pau dos Ferros e dos bairros Manoel Costa Moraes, Expedito Diógenes I, II, III, IV, João Paulo II, José Pinheiro da Silva localizados na cidade de Jaguaribe. Esse objetivo se descortina em outros específicos: **Compreender** em linhas gerais a história das calçadas na urbanização brasileira e de seu uso a partir da segunda metade do século XX; **Estudar** o significado da calçada como “borda”, isto é, como o lugar fronteiro entre as dimensões urbana e o doméstica, entre o público e o privado; **Comparar** o hábito do uso das calçadas na vida cotidiana dos bairros supracitados com outros bairros da cidade, nos quais seu uso parece ser mínimo (Nações Unidas, Nova Pau dos Ferros e João Catingueira); **Fornecer** subsídio teórico para futuros estudos na área sobre as calçadas, sobretudo em cidades pequenas dos sertões do Nordeste, onde essa prática resiste às interferências do capital fundiário.

Nesse sentido, o trabalho se organiza em seis capítulos. O primeiro, a Introdução, apresenta o prólogo do tema e a problemática associada, além de abordar os objetivos e a justificativa para pesquisa. A seguir, o segundo capítulo descreve o procedimento metodológico utilizado, submetido especialmente à perspectiva da “metodologia-ação”: (I) Mapas Afetivos e Cartografia-Ação com vistas a situar etnografias espaciais em Pau dos Ferros, (II) Observação Sistemática do comportamento humano nas calçadas, (III) Conversas informais sem a obrigatoriedade racionalizante de entrevista baseada no modelo binário “pergunta-resposta” e (IV) fotografias. O terceiro capítulo discute o repertório teórico considerado fundamental para a compreensão sobre o hábito do uso das calçadas pelos atores sociais, a partir da perspectiva decolonial/contracolônial. São debatidas ideias sobre a constituição do espaço público e a dualidade público-privada, a configuração física, cultural e histórica do espaço público,

aspectos subjetivos de pertencimento e memória associados às calçadas. O quarto capítulo expõe o levantamento de dados obtidos com as visitas de campo, em que são apresentados os mapas afetivos e a cartografia-ação elaborados em parceria com alguns moradores dos bairros, como se deram as conversas e a cartografia das performances do uso prático e sensível das calçadas. O quinto capítulo analisa os resultados obtidos na pesquisa de campo a partir do referencial bibliográfico empregado. O sexto capítulo se refere às considerações finais da poética urbana estudada. Por fim, a pesquisa é complementada pelas referências bibliográficas utilizadas e apêndices relevantes ao trabalho.

2 METODOLOGIA

2.1 Registros do cotidiano

2.1.1 Definição do método

Com o objetivo de refletir como a vida cotidiana performada nas calçadas possui narrativa poética, a pesquisa conta com abordagem qualitativa exploratória, numa tentativa de convidar a repensar, em linhas gerais, o que é o urbano e a urbanidade de cidades pequenas. A pesquisa utiliza de diferentes fontes visuais e textuais (fotografias autorais e históricas, mapas, legislação, documentos históricos e relatos de moradores) e contribuições teóricas, buscando contextualizar o fenômeno da “calçada-borda” observado e seu entrelaçamento com a memória coletiva, cultura, práticas sociais e pertencimento. Além disso, emprega-se a cartografia-ação como uma estratégia para conhecer as práticas sociais performadas na calçada e explora a pesquisa participativa e pesquisa-ação como método de análise.

2.1.2 Fontes teóricas e empíricas

Uma das lentes metodológicas do presente trabalho é a leitura decolonial do ambiente urbano. O objetivo é reposicionar as práticas cotidianas de pessoas que habitam os sertões para além dos estereótipos que lhes foram imputadas historicamente, sobretudo em termos de atraso, rusticidade e falta de senso estético. Assim, é imprescindível as reflexões de Bell Hooks (2022), Ailton Krenak (2019) e Antônio Bispo dos Santos (2023) sobre pertencimento e memória. No que se refere à urbanidade derivada da vida cotidiana o fundamento se dá no estudo da obra referencial de Michel de Certeau (2025), Frederico de Holanda (2012), Jane Jacobs (2011), Jan Gehl (2013) e Gordon Cullen (2008) e os atuais trabalhos do *Urban Humanities*. De fato, o coletivo *Urban Humanities* se dedica em acionar novas práticas para reimaginar a cidade e seu futuro. Pensa-se o urbano em termos de diversidade, sem comparar a construção urbana em termos estritamente comparativos, mas considerando particularidades da interação cotidiana em favor da produção da justiça urbana (Cuff et al, 2020).

Em termos de relações sociais no território habitado da cidade e no desenho de objetos culturais, as obras de Abdoumalik Simone (2022), Dori Tunstall (2023), Richard Sennett (2020), Paolo Perulli (2012) e a tese de doutoramento de Patrícia Cruz (2025) discutem sobre a ideia de borda e a necessidade de olhar sensível para as maneiras como o agenciamento de humanos e mais-que-humanos cria intervenções de diferentes modalidades na cidade. Calçada

é, assim, tanto uma preocupação heurística da Arquitetura, do Urbanismo, da Sociologia e Antropologia urbanas, bem como do Design. O ato de fazer “calçadas” subjaz a ideia de projeto divulgada por Tunstall (2024): onde a moradora/morador localizará as plantas ornamentais? Como solucionar os desníveis do terreno? Quais materiais usa-se na ornamentação dessas bordas?

Além disso, para embasar o contexto histórico do município estudado, foi considerado a *Collecção de Leis Provinciaes do Rio Grande do Norte (Rio Grande do Norte, 1887)*. - 1835 a 1887 - para análise das diretrizes urbanísticas implementadas no império, bem como a Lei nº 311 que elabora o Código de Postura do Município de Pau dos Ferros desde 1972, e, por fim, a Lei Complementar nº 016 que institui o Plano Diretor Participativo do Município de Pau dos Ferros promulgada em 2021 (Pau dos Ferros, 1972, 2019).

Cumprе salientar que o relevo de pesquisa participativa no entendimento do significado das calçadas como lugar de pertencimento e memória para os moradores. A pesquisa analisa a maneira sensível como as pessoas se relacionam com o meio que as envolve e o que elas consideram relevantes social e culturalmente para elas.

2.1.3 Fragmentos territoriais de análise

Além da pesquisa bibliográfica, este trabalho vai a campo para observar a relação da vida cotidiana dos moradores com suas calçadas e as diferentes formas de intervenção nesses lugares, aqui considerados “bordas”, a fronteira tênue entre a domesticidade do lar e o convívio na cidade. O trabalho de cartografia ocorreu a partir da observação sobre os usos das calçadas em trechos de bairros de Pau dos Ferros. A seleção dos trechos foi feita a partir de uma primeira visita para identificar onde havia interação com as calçadas por seus moradores. Assim, foram selecionados os seguintes bairros: Alto do Açude, Centro, Manuel Domingos, São Judas Tadeu, São Benedito e Princesinha do Oeste (Mapa 6).

Nesse aspecto, para corroborar a empiria, na pesquisa participativa foi observado o fenômeno da **calçada-jardim** nos bairros supramencionados, somados a dois exemplares significativos localizados nos bairros Bela Vista e São Geraldo. Em Jaguaribe, esse fenômeno também é encontrado em quatro bairros: Manoel Costa Moraes, Expedito Diógenes (I, II, III e IV), João Paulo II, José Pinheiro da Silva, além de alguns exemplares no Centro. Também foi realizada a observação, em Pau dos Ferros, de bairros onde a calçada é subutilizada em sua função de acessibilidade, como Nações Unidas, João Catingueira e Chico Cajá, bairros projetados segundo as diretrizes do capital fundiário com preocupação mínima com a

urbanidade do lugar. A localização das cidades estudadas está identificada na Figura 1, enquanto os bairros estão no Mapa 1.

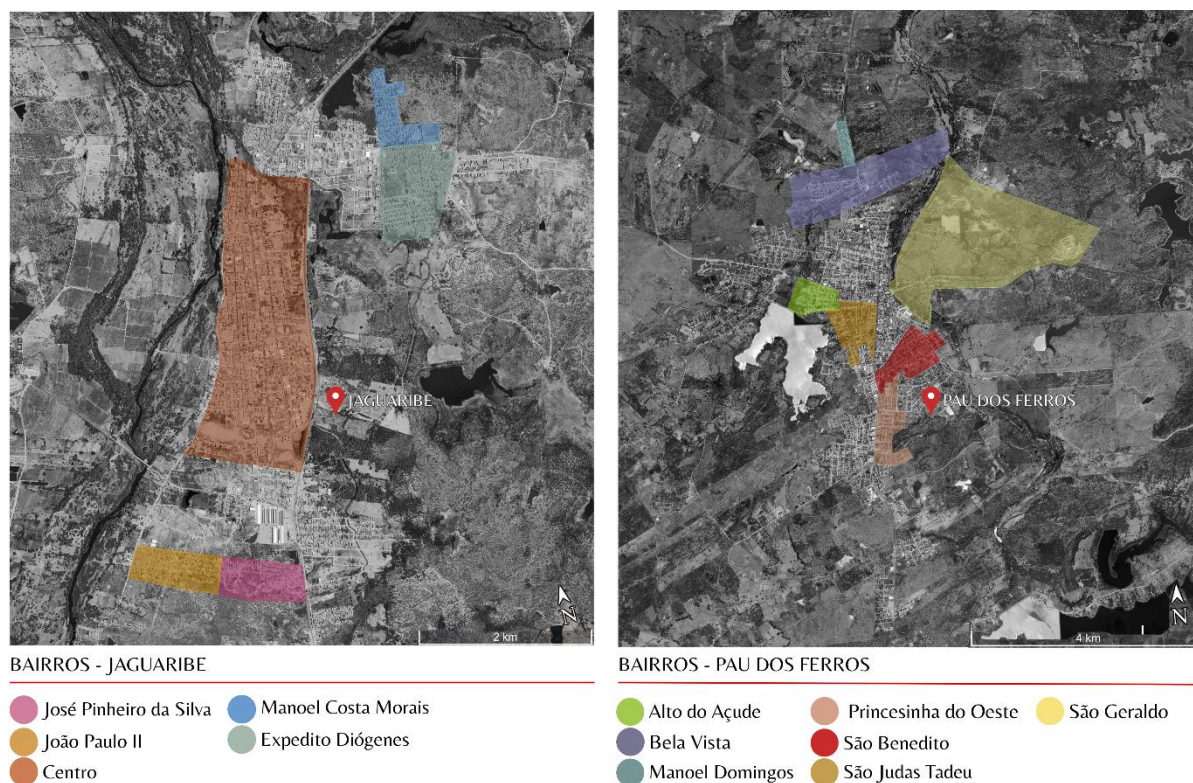
A partir da análise do estudo da constituição física e sensível das calçadas e a maneira como a vida cotidiana se desdobra nas calçadas, como, por exemplo, no projeto de jardins e a justaposição de usos, observou-se que, nas áreas em pesquisa, o significado de borda complexifica a dimensão urbana de Pau dos Ferros e Jaguaribe, sobretudo por serem lugares urbanizados a partir de lógicas sociais construídas historicamente, não conforme projetos urbanos técnicos elaborados pelo corpo técnico municipal. Por outro lado, nos bairros urbanizados mediante os imperativos do capital fundiário e aprovados pela municipalidade, a vida cotidiana concebida no ambiente urbano é frágil. O movimento ocorre de forma pendular, e as relações sociais ocorrem especialmente no universo da casa. A forma *urbis* do primeiro grupo é irregular, acompanhando a topografia local; já o segundo obedece a normativa do desenho urbano moderno, com lotes de dimensão homogênea e geometria regular. Dessa dualidade, desponta a inquietação: por que em lugares que não obedecem a lógica do urbanismo moderno a vida urbana é ativa, inclusive transformando as calçadas em ambientes de bordas, isto é, no limiar entre o público e o privado? Esse é outro tensionamento que este trabalho procura apresentar, algumas considerações possíveis e não peremptórias.

Figura 1 - Localização de Jaguaribe e Pau dos Ferros



Fonte: Adptado do MapChart (2026).

Mapa 1 - Bairros residenciais estudados em Jaguaribe e Pau dos Ferros



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

2.1.4 Pesquisa participativa e Pesquisa-Ação

A leitura decolonial encaminha a pesquisa para a confluência de saberes (Bispo dos Santos, 2024). Consideramos a cidade como construção coletiva, derivada de diferentes saberes que acionam o significado de urbano, sem estar exclusivamente atrelado ao conhecimento científico gerado pela tecnicidade do projeto. Nesse aspecto, a construção coletiva da pesquisa provém da pesquisa participativa. Esta se fundamenta na observação livre e conversas não estruturadas com a comunidade de **moradores/as-jardineiros/as**, para colher o máximo de informações de forma franca, sem a rigidez de questionários previamente delineados em entrevistas modeladas segundo a polaridade pergunta versus resposta. A relação que subjaz a pesquisa participativa é **sujeito-sujeito**, dado que “o objeto de estudo é a realidade social vivida pelas pessoas numa relação dialética, com vistas à conscientização popular e à participação” (Gabarrón; Landa, 2021; p. 109). Importante ressaltar o auxílio do registro fotográfico na tentativa de capturar a vida nos lugares estudados, a relação entre os moradores com o urbano e o resultado de suas apropriações desses lugares como forma de expressão.

A aproximação entre sujeito participante e pesquisa também é viabilizada por meio da pesquisa-ação. Essa metodologia estreita a relação entre participante e pesquisador de forma

cooperativa, com foco na investigação de ações problemáticas ou na solução de um problema coletivo (Thiollent, 2011). O participante torna-se agente mediador de conhecimento, não apenas “paciente” (que recebe a ação) ou objeto de estudo. Para além de soluções objetivas e imediatas, a pesquisa-ação trata de firmar a consciência político-cultural da coletividade a respeito de questões complexas sem solução de curto prazo. Seu objetivo é tornar evidente aos envolvidos a natureza dos problemas considerados (ibid., p. 25). A configuração da pesquisa-ação contribui para um melhor entendimento sobre os diversos usos das calçadas e das ações geradoras de tensões inerentes a esse território. Envolve a escuta ativa, que transforma a pesquisa no entrelaçamento entre os agentes participantes. A hipótese de pesquisa é constituída e reformulada à medida que o processo acontece, assemelhando-se a um caminhar, ora lento, ora rápido (Barbier, 2004).

Em termos aplicados, selecionamos nas áreas estudadas algumas residências cujos/cujas moradores/as compartilham afetos e cotidianidades que transformam as calçadas em **Calçada-Jardins e Calçada-Borda**. A ideia é dar relevo aos diferentes dispositivos de apropriação sensível e utilitária dos lugares que, em alguma medida, problematizam os conceitos do que seriam “jardim”, “borda” e “calçada”. As conversas serão conduzidas de maneira não estruturada, em que foram previamente pensadas a partir da perspectiva dos temas pesquisados: a forma como os moradores utilizam esses lugares, por que intervir na calçada e não em outro ambiente, quais vegetações são plantadas, se há motivo para a escolha das espécies, qual o significado da natureza no convívio diário, quais operações cotidianas tornam as calçadas o seu palco, o porquê do jardim, quais os motivos de estar nas calçadas em horários específicos do dia e como as calçadas servem para o convívio social. A partir dos diálogos e da observação em campo, atendo-se a expressões e comportamentos, é possível desenvolver uma cartografia que delineiem as calçadas para além das representações correntes e sintonizadas com a cartografia-ação.

2.1.5 Cartografia-Ação da poética cotidiana das calçadas

No panorama estudado, as conversas foram traduzidas em imagens cartográficas que representam a dualidade movimento/estar. Para tanto, o trabalho de Passos e Barros (2009) intitulado de **A cartografia como método de pesquisa-intervenção** fundamentou as observações da pesquisa de campo. Tentei traduzir os hábitos diários dos moradores, como eles habitam seu território existencial e como este é produto da expressividade da vida cotidiana. De fato, a imersão no contexto social e urbano como plano de experiência é um dos caminhos para o conhecimento da poética das calçadas. Durante os eventos cartografados, a pesquisadora

se coloca no lugar de aprendiz, imersa ao meio, apreendendo o que o outro sujeito participante tem a ensinar.

A cartografia-ação, instrumento metodológico criado pela socióloga Ana Clara Torres Ribeiro *et al.* (2001, p. 33-52) no artigo **Por uma cartografia da ação: pequeno ensaio de método**, seria outro mecanismo de inquérito válido para averiguar como nas calçadas se entrelaçam tempos múltiplos e o utilitarismo funcional com as dimensões estética e afetiva. A autora chama atenção para o mapeamento da ação, envolto da complexidade humana criadora de reivindicações sociais e apropriações territoriais que contribuem para a historicidade do momento, indispensável quando “a esfera cultural é transformada em lugar de negócios, observando-se, simultaneamente, a luta pelo resgate de memórias, de raízes e de identidades culturais.” (ibid., p. 35). Celebram-se contextos, lugares, subjetividades e narrativas daquelas e daqueles que fazem “concretamente a vida e que (re)costuram, de forma incessante, o tecido social no âmago das incertezas e das espaço-temporalidades do presente” (ibid., p. 36), sem almejar conclusão peremptória dada a plasticidade das relações humanas.

A cartografia-ação possibilita outra leitura espacial para as calçadas: os moradores se apropriam para transformá-las em ambientes domésticos, isto é, o que no planejamento urbano seria de acesso às pessoas que circulam na cidade se converte em uma extensão da casa. Há, portanto, uma dimensão cosmopolítica nas calçadas que este trabalho tenta sinalizar. Diante desse desafio heurístico e metodológico, a cartografia-ação possibilita o estudo do ser humano como sujeito e não somente como objeto, com vistas a analisar o potencial da subjetividade na construção do urbano e do doméstico.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 A Calçada -borda: um Caminho poético

O conceito de cidade é polissêmico e passou por diversas modificações ao longo da história das ideias. Historicamente, o pensamento ocidental tem se colocado como uma das imperativas chaves de conceituação, relegando para as margens outras concepções de urbano (Neves; Castriota, 2023). Para Mourão (2014), a *polis* da Grécia antiga é entendida como o local do debate, da filosofia e civilização. Posteriormente, o Império Romano constrói as ideias de *urbe* e *civitas*, mas diferentemente da sociedade anterior em que os locais alteravam o espaço seguindo os traços naturais do ambiente, agora na *civitas* o Estado determina as construções e prestações de serviço (Mourão, 2014).

Nesse sentido, Cacciari (2010) argumenta que o conceito de cidade não existe, pois, cada sociedade possui uma terminologia com significado essencialmente diferente. Para o grego, a *pólis* significa sede, morada e enraizamento de um mesmo povo com costumes e tradições específicos, seu *ethos*. Enquanto, na origem latina o termo *Civitas*, decai sobre o termo *civis*, que significa aqueles que decidem seguir as mesmas leis, sem que houvesse qualquer ligação ancestral. Ou seja, a civilização grega se preocupava em unir pessoas da mesma estirpe, costumes e tradições, o que criava um isolamento entre cada *pólis*; já na sociedade romana, aqueles que se submetiam as mesmas regras por um objetivo em comum, eram considerados cidadãos, independente da determinação étnica ou religiosa, criando um “império sem fim”, sendo necessário respeito a *Urbs* (Roma), pois, com grande valor simbólico, é onde são decididas as leis que todos os *civis* seguiriam. Assim, a *pólis* precede o cidadão (*polites*), e o faz por uma relação de consanguinidade; e para os romanos, os cidadãos (*civis*) constituem a cidade (*civitas*) por um ideal em comum.

O arquiteto urbanista Fernando Chueca Goitia (1977) cita dois modelos de cidade: a pública e a doméstica. Para o autor, as cidades latinas e mediterrâneas são públicas, abertas e falantes, hábito que causa estranhamento em outras culturas, mas para seus moradores “[...]el verdadero habitat es el exterior, la calle y la plaza, que, aunque no tiene techo, tiene paredes (fachadas) que lo se gregan del campo circundante.” (Goitia, 1977, p.12).

Nessa perspectiva, a história da cidade possibilita um melhor entendimento sobre a cultura de uma sociedade. Ao considerar a cultura como determinante no entendimento sobre vida na cidade, este capítulo aborda em linhas gerais informações teóricas basilares ao conhecimento histórico, urbano e social das relações entre as pessoas com suas calçadas. Busca-

se entender o papel do Estado e da vida cotidiana no agenciamento das operações estabelecidas entre as esferas pública e privada com foco em cidades dos sertões do Nordeste.

3.2 Apontamentos sobre a calçada na história da cidade brasileira

Como exercício semântico da calçada na história luso-brasileira, recorreremos aos comentários de dicionários escritos entre os séculos XVIII e XIX. De acordo com o lexicógrafo jesuíta Raphael Bluteau (1728, p. 50), o termo “calçada” significava, no início dos Setecentos, a “rua ou [o] caminho de calhaos³ igualmente assentados”. À época, não havia distinção formal e funcional explícita entre calçada e rua como há na contemporaneidade. As gravuras e pinturas de viajantes naturalistas do século XIX mostram ruas servindo como ambiente de circulação e passagem humanas. Outra acepção para o termo foi definida por Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1890, p. 486), para quem a calçada se conectava a uma espécie de carrapicho da Calçada, um arbusto muito comum de ser encontrada em ruas calçadas.

Nesse aspecto, o conceito histórico de calçada não ajuda com o entendimento sobre o significado do uso desses territórios no cotidiano da cidade. Dessa negação derivou um questionamento: em que momento da história urbana o termo “calçada” se consolidou como nós o compreendemos hoje? Por ora, a pesquisa não conseguiu encontrar uma resposta definitiva; porém, apresentam-se apontamentos ou rascunhos conceituais que podem trazer alguma luz sobre a dúvida.

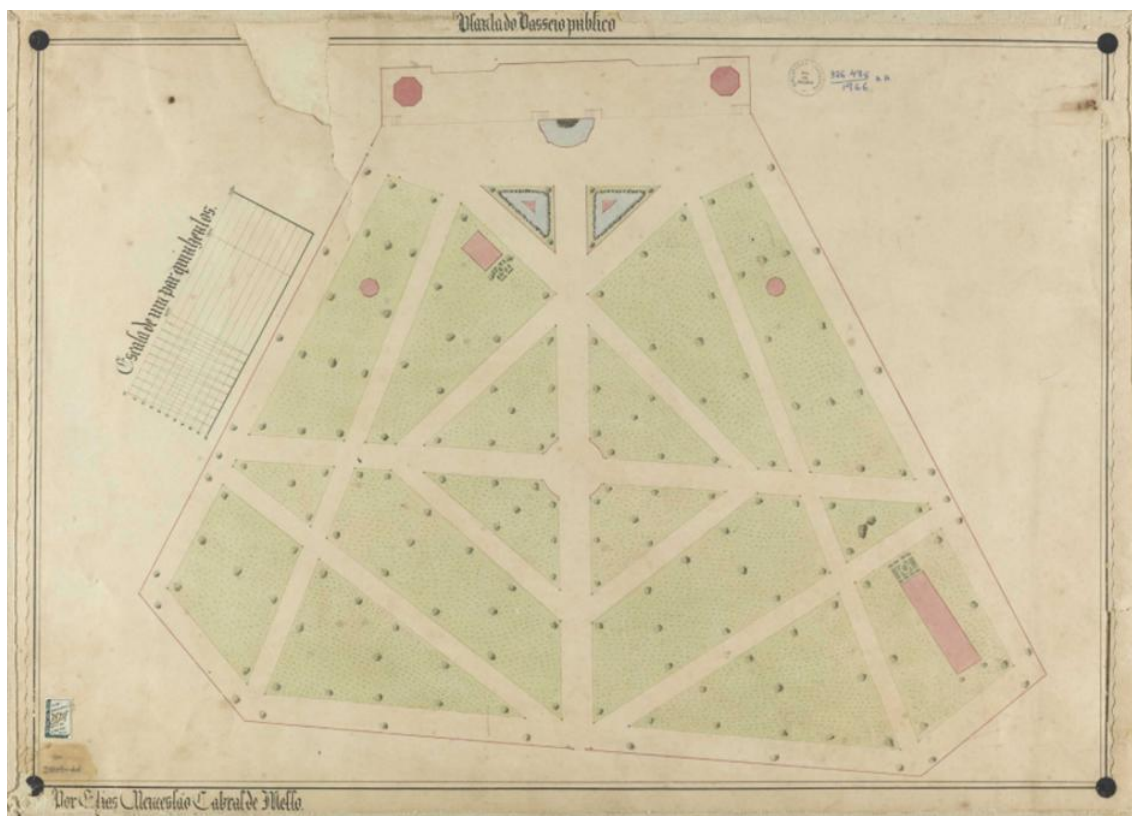
Para traçar melhor os contornos dos apontamentos relativos ao que seria esse território e sua função correlata, recorreremos à palavra “logradouro” como pista investigativa. Bluteau (1728, p. 175) o considera como um campo público de uma vila, ou lugar, onde todos podem mandar pastar o gado; há logradouros de particulares, chão, que *cada qual tem diante de suas casas para sua esterqueira ou outro cômodo* (sem grifo no original). Relendo a interpretação do jesuíta, Antônio de Moraes Silva (1789, p. 234) descreve “logradouro” de qualquer particular (pessoa) como “o chão, que tem diante das casas, para esterqueira, e outros usos”. Para o século XIX, a menção do termo foi encontrada na obra de Luís Maria da Silva Pinto (1832, p. 667), que o caracteriza como “o chão que serve para esterqueira, e outros usos”. Essas definições subjazem a delimitação física de logradouro diante das casas para esterqueira e outros usos. A generalidade da expressão “outros usos” demonstra a indefinição e complexidade desse lugar diante das casas.

³ O dicionário de Antônio de Moraes Silva associa “calhao” à pederneira. Esta seria “pedra de ferir lume [...] para dar fogo”. Assim, calhao seria um tipo de rocha utilizada no calçamento de ruas. Cf. Silva, 1789, p. 175.

Ao pesquisar sobre a palavra “esterqueira”, apresentada nas três definições de logradouro, Raphael Bluteau (1728, p. 318) a entende como o lugar em que se junta o esterco dos animais; já Antonio de Moraes Silva (1789, p. 775) considera como sendo o lugar onde se depositam imundices, excrementos, estercos para curtirem, hervas para apodrecerem, e servirem de estrumes. Nessa análise, pode-se aferir que esterqueira se refere ao local designado para depósito de sujeira em frente ao lote ou casas. Esse jogo interpretativo do significado colonial dos termos revela ambientes urbanos e domésticos apreendidos tanto por sua função, bem como por experiências olfativas.

“Passeio” foi outro termo localizado na documentação do século XIX e início do XX que se confunde com “calçada”. Bluteau (1728, p. 307) apresenta duas distinções fundamentais: primeiro, o lugar “com seus passeios, & ruas, que as dividem”. Aparentemente, havia um lugar na cidade ou vila destinado ao passeio das pessoas, além das ruas. Segundo, chama-se a atenção para o aspecto subjetivo das ações ali executadas - “O passear só, he indicio de cuidado, & da aplicação da alma, ocupada em cousa de importância”. Nesse caso, o autor detalha regras de comportamento social de se apresentar em ambiente público. Então, passeio em alguns momentos se confunde com “calçada”, isto é, um lugar dividido pela rua e palco de performances sociais praticadas no mundo urbano. Essa noção é corroborada por Moraes Silva (1789, p. 408), ao citar o termo “passeio” como o lugar ou jardim onde se passeava. Este “passeio” foi igualmente chamado de “passeio público”, o jardim público de usufruto, sobretudo, da elite local. Por seu turno, Luís Maria da Silva Pinto (1832, p. 789) entende “passeio” como a ação de passear ou o lugar onde a ação se executava. O passeio público da cidade do Rio de Janeiro é um dos raros exemplares de jardim projetado na era colonial (Figura 2). Seu desenho foi idealizado por Mestre Valetim, em 1772, nos moldes dos jardins com traçado geométrico regular chamados de “jardim de gosto francês”. Outros importantes passeios públicos foram projetados no século XIX em outras cidades capitais brasileiras – Recife, Salvador, Fortaleza, São Paulo – com o propósito de embelezamento e sanitarismo da cidade. Vale ressaltar a concordância dos três lexicógrafos sobre outro termo – “passeadouro” (“lugar de passear”) - que complexifica a especificidade da calçada nas pretéritas paisagens urbanas brasileiras.

Figura 2 - Desenho do passeio público do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo da Biblioteca Nacional (2026). Disponível em: <

http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon326438/icon326438.htm

>|. Acesso em: 1 abr. 2026.

Nesse processo hermenêutico, partindo da leitura semântica dos termos apresentados, as definições de calçada, passeio, passeadouro, logradouro dizem muito sobre como o imaginário colonial representava os lugares de uso comum nas povoações. Em alguns casos, nota-se uma certa “despreocupação” do Estado em firmar as especificidades morfológicas, funcionais e simbólicas daqueles lugares.

Nesse sentido, as hierarquias urbanas e os elementos que compunham a fisicalidade das povoações coloniais foram muito bem estudados pelo arquiteto Murilo Marx em três de suas obras centrais - **Cidade Brasileira** (1980), **Cidades do Brasil, terra de quem?** (1991) e **Cidades no Brasil, em que termos?** (1999). Segundo o autor, a trama urbana é modelada segundo topográficas do sítio. Fora as vilas projetadas na era pombalina, com suas ruas, praças e lotes elaborados segundo a abstração e racionalidade geométricas, o “serpenteado” das casas denuncia a forma das ruas, ruelas, becos e, possivelmente, das calçadas. A irregularidade confere a personalidade e dá uma fisionomia própria a cada povoação (Marx, 1980). O curso tortuoso, curvas e variação de largura implicam novas perspectivas e pontos de fuga, surpresas, mistérios, expectativas e obstáculos ao caminhante. Por outro lado, o simbolismo e as

hierarquias da rede urbana (capelas, paróquias, julgado, vilas e cidades) originam adros, praças, e ruas, elementos materiais de constituição do urbano que proporcionavam a criação de espaços livres públicos para permanência e trocas culturais cotidianas, como atividades de comércio, expressões religiosas e reuniões cívicas (Marx, 1991).

Para Marx (1980), a rua servia como mediação entre os domínios do doméstico e do público, cuja escala era determinada pelo uso. A rua limitava o avanço do privado em ambientes de usufruto comunal. Apesar dessa determinação urbanística, as ruas eram utilizadas pela população para algumas formas de recreação e, principalmente, para procissões, isto é, o significado religioso do ambiente público das povoações condicionava o comportamento humano praticado na vida cotidiana (Marx, 1991).

Em *Cidades do Brasil, em que termos?* (1999), à rua destina-se o ato de arruar coordenado pelos oficiais da câmara. Ali justapunham-se moradia e trabalho, segregação e reunião, era o local de socialização entre diferentes. Além disso, a toponímia da rua refletia sua função urbana, definida pela concentração das atividades que ocorria nela: a cartografia urbana colonial é pródiga em mencionar os nomes das ruas associados à profissão - rua dos ferreiros, dos sapateiros, dos ourives – ou aos hábitos imorais exercidos sub-repticiamente ou nas noites escuras: em Oeiras do Piauí havia a “rua dos Pecados Mortais” e a “rua das Pataratas” (Arraes, 2017). Com a consolidação da República, os nomes das ruas são substituídos por nomes e datas institucionais. Em muitos casos, a população pouco cria o sentido de pertencimento ou identidade, sobretudo porque o significado toponímico louva homens cordatos à escravização e ao patriarcado. A cidade projetada no século XIX e XX, como Teresina, Belo Horizonte e Brasília, é geométrica, tendo em vista a regularidade urbana como nexos simbólicos de civilidade social e a melhor circulação dos automóveis (Marx, 1991). A modernidade feita à abstração das formas geométricas preza por territórios singulares ou homogêneos. A rua como um território plural onde habitam diferentes tempos passou a ser desinteressante ao trabalho técnico, tornando-se “[...] vulgarmente mais do que nunca como elemento de circulação, de ligação” (Marx, 1999, p.107).

Nestor Goulart Reis Filho (1965, p. 133) afirma que as ruas e praças, em sua maioria, não eram “calçadas”, e o uso recorrente aos poucos criava problemas de conservação exigindo reparos constantes. Segundo o autor, um exemplo disso ocorreu, em 1625, quando a Câmara do Rio de Janeiro obrigou os moradores a construir calçadas de 5 palmos em toda a extensão de suas casas, medida que pouco se relacionava à criação de lugares destinados ao trajeto das pessoas, mas sim em minorar os efeitos das águas pluviais que corriam dos beirais dos telhados e das gárgulas. Esse evento dá a ver que, desde os tempos iniciais da configuração do urbano no ambiente brasileiro, o Estado, na figura do rei, imperador, presidente e seus representantes,

delegava às pessoas a modelagem das calçadas em frente às suas casas, camuflando sua responsabilidade com a manutenção e projeto de espaço públicos. Entretanto, é notória a noção utilitarista e higienista subjacentes à calçada do Rio de Janeiro, pois a preocupação era manter a cidade com aspecto limpo. A pavimentação no trecho em frente ao lote afastava as imundícies (as esterqueiras de Bluteau) originadas da mistura da água da chuva com a terra da rua e outros dejetos de origem animal.

É significativo sublinhar que as considerações de Murillo Marx e de outros estudiosos do assunto não se atentaram ao papel das calçadas na construção das dimensões urbana e privada de nossas cidades. A leitura se concentrou especialmente na rua ou na praça, ambientes cujas especificidades são fáceis de se sistematizar e definir. Ao contrário das calçadas, que, como vimos na disparidade semântica elencadas nos dicionários, possui em sua história a confluência de ações humanas de diferentes ordens, sejam do Estado, de instituições privadas ou cultivadas em operações sensíveis e pragmáticas do cotidiano.

Imagens da paisagem urbana da época exemplificam a fragilidade infraestrutural das ruas e distinção entre o que seria público do privado. No Recife (Figura 3), o Mercado de pessoas escravizadas (atual Rua Bom Jesus) era constituído por uma larga rua de terra batida sem calçadas, o lugar público diferenciava-se do privado por meio da arquitetura, embora pequenos balcões em madeira projetados no primeiro pavimento dos sobrados possibilitassem o entrelaçamento da privacidade do lar com a rua.

Figura 3 - Mercado de escravos no Recife (atual Rua Bom Jesus)



Fonte: Wikipedia.org (2025). Disponível em:<

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Zacharias_Wagner_

[_Mercado_de_escravos_no_Recife.jpg](#) >. Acesso em: 10 nov 2025.

A chegada do século XIX acarretou em mudanças urbanas em muitas povoações. Até então, “a cidade cindida refletia-se na ocupação dos espaços pelas classes: o espaço interno das casas era de domínio dos senhores, enquanto que o escravo era o ‘senhor’ das ruas.” (Verdi, 2002, p. 38). A Figura 4 mostra o cotidiano de uma rua comercial no Rio de Janeiro desenhada por Debret e catalogada em seu livro "Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil" entre 1816 e 1831. A imagem é exemplar do uso das ruas pela população escravizada, apesar das inúmeras restrições normativas impostas pelas câmeras das vilas e cidades. Vale salientar que a economia propiciou a reconfiguração da estrutura cidadina. As atividades mineradoras, açucareiras, cafeeiras, a criação de gado e do comércio nas áreas consolidadas, após a abertura dos portos, contribuiu para a redefinição da hierarquia entre os centros urbanos (Friedman; Ferreira, 2023).

Figura 4 - Casa para alugar, cavalo e cabra à venda.



Fonte: Acevo Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin. Disponível em: <

<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3743?locale=en> >. Acesso em: 10 nov 2025.

Nesse âmbito, a partir da lexicografia, historiografia e ilustrações, encontramos algumas chaves interpretativas do paradigma estabelecido entre público e privado era tênue, e seu limite movediço. A rua e a calçada formavam bordas entre dois universos a um só tempo diferentes e complementares. A ideia de espaço público como se conhece atualmente não existia, a rua era um espaço de congregação e segregação, mescla de diferentes classes e funções. A morfologia do urbano era criada por táticas cotidianas. Entretanto, na contemporaneidade, o urbano é derivado, dentre outros fatores, de normativas padronizadas conforme o desenho universal e legislações locais, uma tentativa ilusória de civilidade sem adequação às necessidades humanas

e não-humanas, o que torna a cidade impessoal. Apesar das investidas de transformar o território em um dado homogêneo, as pessoas continuam exercitando-se de maneira criativa nas calçadas, ruas e praças por meio de movimentos que interliga, aproxima, afasta o público e o privado independente da norma.

3.3 A calçada como borda

Hoje, há muitos trabalhos acadêmicos de diversos campos do saber dedicados a compreender os fenômenos que acontecem nas bordas, nos limites ou fronteiras. Por isso, para este trabalho, conceituamos a borda como uma zona limite que declara a passagem de fronteiras, marcada por uma linha indivisível, a qual, ao ser colocada em perigo, cria mais uma borda (Perulli, 2021, p. 102). É importante o “des-bordar”: apesar do transbordamento da cidade, existe um limite para o bem-estar dos envolvidos. Para o sociólogo italiano Paolo Perulli (2012), isso acontece porque a cidade possui raiz móvel impulsionada por fatores econômico-funcionais, sociais e culturais. De fato, a borda cresce como um elemento de uma rede de comunicação. Esse crescimento configura a cidade em diferentes âmbitos da vida humana, exprimindo a própria liberdade de propagação.

Para o sociólogo e urbanista AbdouMaliq Simone (2022), em seu **livro The Surrounds: urban life within and beyond capture**, a tensão entre os “arredores” (*surrounds*) e a captura funciona como mecanismo de resistência e re-existência no contexto do Sul Global. O autor afasta a ideia tradicional geográfica de borda e margem, pois se limitam à periferia ou um limite geográfico. Dessa forma, o conceito é pensado como produto de uma localização relacional. Trata-se de um lugar formado pela composição mútua, cuja complexidade dificulta fixar uma única função, mas absorve a multiplicidade de características que compõem os arredores (Simone, 2022). A borda, por vezes negligenciada nos Estudos Urbanos, se torna oportunidade e território de operação para os moradores experimentarem novas maneiras de mover-se e viver. Sendo assim, ela é usada como tática para contrariar a captura de sua vida. Como lembra Simone (2022, p.24), são “espaços além da captura, não imunes a ela, não livres dela, mas sim como algo à parte dela, como loci de rebelião contínua. Esta é uma rebelião que nem sempre pode parecer rebelião”.

De maneira sintonizada ao pensamento de Simone, Patrícia da Cruz (2025), em sua tese de doutorado, aplica a ideia de borda ao contexto sociocultural e territorial do sertão do Piauí, um lugar-mundo. Ao contrário da borda, o “cerco” age como uma estratégia hegemônica de imposição de valores. A borda seria o lugar de experimentação, onde nasce um “encontro de mundos” que cria um lugar outro, é uma zona fronteira, em que condições diferentes se

confrontam (Cruz, 2025). A borda é fluida, flexível, permeável, porosa, estímulo para contatos diversos que resultam num “**trans (borda)r**” de mundos. Já o cerco fagocita, dissolve e destrói a borda na tentativa de homogeneizar o modo de vida. Nesse sentido, a borda está longe de ser passiva, na fricção com o modelo hegemônico, é compreendida como sua potencialidade de re-existência e re-invenção de um *ethos*. Assim, culturas, sensibilidades e materialidades que ocorrem na exterioridade do ambiente público da cidade entram em contato com a calçada-borda, entrelaçando-se com a domesticidade, com a intimidade do lar e com biopolíticas de sociabilidade cotidiana.

Para Richard Sennett (2020), atualmente o planejamento urbano envolve um paradoxo: apesar dos recursos técnicos avançados, os especialistas não o utilizam de maneira criativa e responsiva. Essa falha reside na excessiva determinação modernista de firmar racionalmente formas e funções sociais, condenando a cidade ao fracasso ou como ele chamou de “cidade perecível”. As novas diretrizes de urbanismo criam “a segregação de funções, homogeneização da população, prevenção por meio do zoneamento e de regulamentação do espaço do lugar – falham em prover às comunidades o tempo e o espaço para evoluírem, necessário ao desenvolvimento” (Sennett, 2020, p.29). Diante disso, é preciso estar receptivo à experimentação amigável da informalidade, assumindo uma narrativa não linear e a forma incompleta da **Cidade Aberta**. Essas características remodelam o paradigma do desenho urbano moderno, reconhecendo a priorização do centro como elemento segregador e admitindo **a borda** como um espaço potente de integração, poroso e resistente, que fomenta a interação entre comunidades racial, étnica e economicamente diversas.

O conceito de Cidade Aberta (Open City), inventado por Jane Jacobs em seu livro *Morte e vida de grandes cidades* (2011), propõe a cidade informal como produto da intervenção constante e orgânica de seus usuários, em oposição à rigidez formal do planejamento funcionalista das premissas da Carta de Atenas de 1933. Jacobs (2011) defendia que o urbanista deveria promover a dissonância em um mesmo lugar, viabilizando a integração social e a complexidade da vida pública, como um encontro inesperado de onde pode surgir uma inovação. As atividades executadas nas calçadas eram pródigas em acionar performances acidentais, que engendravam vínculos de sociabilidade e vizinhança. Este princípio se opõe veementemente à procura incansável por ordem e unidade, que caracterizam a homogeneização da paisagem urbana determinada pelas lógicas imperativas do Capitaloceno.

De maneira semelhante, a cientista social e geógrafa Doreen Massey (2026, p. 29) defende uma narrativa alternativa sobre o espaço, ela reconhece o espaço como o produto das inter-relações, como possibilidade e multiplicidade da pluralidade contemporânea. Para a autora, entender isso, combina com uma política que busca comprometer-se com o

antiessencialismo, no lugar de um liberalismo individualista. Assim, o espaço é um processo, nunca fechado ou completo, e muda à medida que as relações se contrapõem, pois é por meio da negociação de relações plurais que o meio social é construído.

Em consonância, os limites e as fronteiras do espaço urbano são flexíveis e permitem a reformulação por seus usuários. Assim, é evocado o poder da imaginação, “a mente divaga e os limites da cidade se esfumam um no outro.” (Perulli, 2012, p. 107). A mobilidade existencial, proposta por Perulli (2012), é responsável pela continua modificação das fronteiras locais, e ultrapassa a dicotomia interno-externo, mediada pelos fluxos e circuitos de comportamento. Dessa forma, **a borda** da cidade se desfaz e refaz, sem rigidez, segue um traçado comandado por práticas diversas, sejam institucionais ou sociais. A borda se assemelha à espuma, à nuvem ou à névoa, além de se tornar uma zona de conflito por ser lugar de exclusão sociopolítica, mas com vasto potencial de interação.

Em artigo inspirador, Fernando Fuão (2019) situa a dicotomia urbana na oposição entre capital e cidades do interior, bem como centro e periferia, ou seja, tanto a cidade interiorana, como a periferia são marginalizadas e objetificadas, relegadas a condição de objetos de estudo, mas nunca aquelas que produzem o conhecimento. A periferia é afastada para preservar a “cidade burguesa”, esta e se fecha (Perulli, 2012), tornando-se excludente e segregadora. Assim, quanto mais afastamo-nos do centro, mais a atmosfera se torna política, pois “Aqui a cidade está em estado de assédio; esse é o terreno no qual ininterruptamente enfurece a grandiosa, a decisiva batalha entre a cidade e o campo.” (Benjamin, 1973 apud Perulli, 2012, p. 116-117).

O território público da cidade é tanto uma determinação político-jurídica, quanto um produto do uso social. Existem lugares inacessíveis e outros que, embora não sejam determinados oficialmente como públicos, possuem um uso coletivo intenso. Logo, a noção de público não é uma característica intrínseca determinado espaço, mas uma construção social e política (Castro, 2002). Milles (2000) lança luz sobre essa questão. Para esse autor, o modelo de cidade é historicamente contraditório. Apesar de o espaço público ser considerado a priori de domínio público, se transformou um símbolo exclusivo de determinada classe (Milles, 2000). Isso nos leva a pensar que o processo de urbanização e a configuração móvel da borda devem interseccionar gênero, raça, poder, economia e classe. Em qual lugar público da cidade a mulher negra pobre se sente intimidada? Para essa mulher, o espaço público deixou de ser borda para assumir seu caráter de cerco? Em muitos casos, a fixidez da categorização binária da cidade em público e privado resultou no esvaziamento das complexidades da vida urbana. Por exemplo, para as pessoas em situação de rua, as praças, os parques e as calçadas são ambientes domésticos, enquanto a casa pode representar para aquela mulher negra pobre um ambiente hostil de violência doméstica, onde não se atam vínculos afetivos de pertencimento.

Nesse sentido, os espaços transicionais (calçadas e sacadas, por exemplo) são ignorados, embora tais locais recebam intervenção direta de seus moradores, que adicionam plantas, gaiolas de pássaros, varais de roupas, ou conversam com outros usuários, condicionando a formação de padrões de socialização, como identificado na Figura 5. Além disso, nas calçadas ocorre a sobreposição de usos, pois em alguns casos estudados os moradores as apropriam com objetivos comerciais. Outro fator que contribui para isso, é o poder público estabelecer o proprietário da residência como responsável por sua construção e zelo, tal arranjo gera uma ambiguidade na definição do papel do cidadão e do Estado.

Figura 5 - Sobreposição de usos nas calçadas em Jaguaribe



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Diante disso, é importante refletir quem são os usuários que intervêm nas calçadas, levando em consideração raça, classe e gênero. Como apontado por Milles (2000), o espaço público foi historicamente dominado pelo masculino, enquanto à mulher era designada o domínio doméstico. Analogamente, moradores de rua e outros atores sociais são constantemente expulsos para a borda da cidade, o que evidencia a negligência no amparo a essa população. Somada a alta valorização imobiliária como outra responsável por afastar as pessoas de classe econômica mais baixa para a margem da cidade, os espaços de lazer, como parques e praças são locados no centro, dificultando o uso diverso desses equipamentos e segregando a cidade (Fuão, 2019).

Nessa perspectiva, o espaço de transição entre a casa e a rua é a calçada. A atmosfera desse lugar é intrigante, assumindo no debate dos estudos urbanos como um ambiente ambíguo, para além do sentido espacial dos “passeios públicos”, envolvendo uma mudança de uso, domínio e expressão, tal como Milles (2000) apontou. Como a linguista Neuza Zattar (2008) afirma, a calçada recebe uma linguagem simbólica e poética moldada pelas diversas formas de ocupação dos diferentes atores sociais, atribuindo-lhe novas identidades. A autora complementa:

Daí dizer que a calçada não é compreendida somente como espaço físico, geográfico ou ambiental, mas como espaço simbólico que significa pela sua história, pela convivibilidade e conflitos entre vizinhos, passantes e ocupantes e pela demarcação de um território que é público pela localização na espacialidade da cidade, e privado pela re-funcionalidade que lhe é atribuída. (Zattar, 2008, p. 75).

Nesse aspecto, é possível compreender a calçada como um elemento transicional **instigante**, que além de congregar diversos usos e agentes sociais, funciona como palco da esfera doméstica e pública. Nesse sentido, muitas vezes, é estabelecida uma relação “topofílica” com os usuários, ou seja, um elo afetivo com o lugar pelos moradores. O espaço é transformado em lugar a partir da carga emocional atribuída (Tuan, 1980). Assim, a população busca lugares familiares no ambiente construído, que contenham memórias que possam engendrar estabilidade psíquica e social (Del Rio, 1990). A apropriação da calçada pressupõe afeto e outros sentimentos ao utilizá-la como extensão residencial, o morador demonstra sua afetividade e subverte a função para a qual foi criada. Estabelece, ainda ante a omissão do poder público, a criação de ambiente urbano democrático, a sua própria versão do espaço e uso público, que não é definida pelo *modus operandi* da locomoção envolto do passeio, mas cria um estar público, um recinto e um **lugar de “privilégio”**, conforme a acepção perspicaz de Gordon Cullen (2008).

3.4 Calçada-Jardim

Na concepção histórica, o jardim é considerado a representação de um mundo harmonioso e de sua cosmologia (Bragança, 2021). De acordo com a arquiteta e pesquisadora Luciana Bragança (2021), historicamente fez-se relação entre os jardins domésticos ao gênero feminino. As mulheres estavam incumbidas da colheita e do plantio de ervas, o que lhes permitiu adquirir conhecimentos botânicos de cunho medicinal e de sementeira. Em contraponto, a profissão de jardineiro vinculava-se ao homem. Se à mulher era permitida

socialmente a jardinagem como trabalho doméstico, atividade que requeria cuidado com a saúde e preparo de refeições, aos homens trabalhar como jardineiro envolvia retorno monetário.

Nesse contexto, pode-se entender que a paisagem e o jardim são conceitos relacionados intrinsecamente à cultura e se manifestam de diferentes formas em cada sociedade, como apontado por Hernández, Vélez e Andrade (2022). A paisagem é irrepetível e representa o enquadramento de um lugar determinado; por outro lado, os jardins são espaços de conexão subjetiva com a natureza, que abrigam memórias e um conhecimento ancestral de plantação. Essa memória ancestral de cultivo da Terra tem sido reiteradamente esquecida desde o início da colonização. A imposição do modelo europeu de jardim pela necessidade de controle e ordem sobre a cultura local preexistente criou uma espécie de estigma das espécies nativas, que as relacionava a rituais (ibid., p.159). Nesse contexto, muitos saberes foram apagados da história e memória do Brasil. Para os autores ainda é possível observar uma memória biocultural permeada por numerosos eventos e um sincretismo tropical, como processo resultante dessa hibridez e convivência entre espécies a longo prazo. Dessa forma, o jardim torna-se também junção de fatores externos e internos que produzem uma paisagem, e transmite um conhecimento prático e experiencial por meio do diálogo entre jardineiro, paisagista e habitante (ibid., p.174). Paisagem e jardim se entrelaçam conceitualmente, mas também se individualizam em suas especificidades.

É possível criar o jardim como um cosmo, assim as práticas do campo constroem um alfabeto do saber que não pode ser ensinado formalmente, pois o jardim é o próprio mestre, e exige uma sensibilidade poética do jardineiro. Dessa forma, sobre o jardineiro (arquiteto paisagista) Gilles Clément (2024) esclarece: reconhecer o compositor do jardim como jardineiro e não paisagista, dado que este soluciona a estética mutável do jardim ou da paisagem. Para ele, o jardineiro “interpreta no cotidiano as intervenções da vida” (Clément, 2024, p.24), enquanto ambos se complementam, o jardineiro está direta e intimamente relacionado à construção material e à troca afetiva com a flora.

O livro *Louvor à Terra: uma viagem ao jardim*, do filósofo coreano Byung-Chul Han (2021), nos transporta para o universo do jardineiro, dando a ver a maneira delicada como esse agente se relaciona com a terra. No jardim, as estações do ano são percebidas corporalmente, em contraste com a velocidade e desapego do morno mundo digital. O tempo é sentido de forma diferente, sendo mais lento, as mudanças das flores podem causar até mesmo sofrimento ao jardineiro, por observar as espécies lutando por sobrevivência em decorrência da mudança climática. O jardim é um lugar de amor e de redenção, onde o tempo é dedicado ao outro, assim é necessário desapegar do ego, pois cada planta possui uma pronunciada consciência de tempo ou contrário do ser humano, o jardim acontece em seu próprio ritmo. O autor complementa “O

jardim para o qual se trabalha dá muito em troca. Ele me dá ser e tempo. O esperar incerto, a paciência necessária, o crescimento lento produz uma sensação de tempo especial.” (ibid., p. 26). Han reflete sobre essa imersão contrária à lógica do sujeito abstrato criado no racionalismo do século XVII e propagado amplamente no Capitaloceno. Esse sujeito se afasta da Terra para submetê-la a seus objetos e para proteger seu senso de autonomia, controle e liberdade. Por outro lado, ela o lembra de sua falta de domínio e da iminente incerteza em momentos de catástrofe natural. (ibid., p. 27)

Nessa mesma lógica, a escritora Ligia Fagundes Telles aborda a importância de “amar o inútil” como uma maneira de acessar o que há de mais humano no indivíduo, numa perspectiva que dialoga diretamente com a contemplação e redenção descrita por Han. Em seu romance *Ciranda de Pedra*, a autora ressalta essa quebra da lógica utilitarista “[...] é preciso amar o inútil. Criar pombos sem pensar em comê-los, plantar roseiras sem pensar em colher as rosas, escrever sem pensar em publicar, fazer coisas assim, sem esperar nada em troca.” (Telles, 1954, p.104). Para Airton Krenak (2019), nosso tempo é especialista em criar ausências, do sentido de viver em sociedade, de experiências de vida, e do próprio sentido do ser. A necessidade anestésica do consumo e da produtividade, gera uma intolerância a experimentar o prazer de estar vivo. Dançar, cantar e contar suas histórias são algumas das formas de cultivar a própria subjetividade, como sendo uma ideia para adiar o fim do mundo e suspender um pouco o céu, para aumentar o horizonte existencial, que sofre uma tentativa homogeneizadora. Para o autor, precisamos ser capazes de manter nossas poéticas sobre a existência.

Portanto, a apropriação da calçada - levando em consideração as operações da vida cotidiana exercidas na casa e na cidade - por meio da criação de um jardim doméstico subverte a lógica do domínio e da velocidade, inserindo uma dinâmica de cuidado, do tempo lento, da memória e da afetividade, sem esperar nada em troca além do próprio prazer envolto no ato de contemplar as plantas cultivadas. As calçadas que estudamos não se atrelam à rigidez de funções predeterminadas em projeto, mas são ressignificadas em diferentes ocasiões pela ação humana. Nesse sentido, a construção de calçadas, e aqui inclui toda a dimensão estética, pelos moradores e pelas moradoras não está vinculado ao metodismo projetual determinado pela funcionalidade e locomoção, mas se desenvolve em atos criativos de design guiados pelo gosto pessoal e sensibilidade do/a jardineiro/a. Por isso, nesses lugares, é comum a transculturação de espécies locais e externas motivadas a partir do senso estético e afeto dos moradores, muitas vezes sendo relacionado ao sagrado.

3.5 Pau dos Ferros & Jaguaribe: fragmentos de urbanização

A interação cotidiana de pessoas com suas calçadas demonstra um aspecto sensível e criativo no que concerne o fenômeno sociocultural que se manifesta de diferentes formas e lugares. Nessa perspectiva, é importante entender como esse processo se deu nas cidades pequenas dos sertões do Nordeste em estudo.

Os sertões foram tratados, muitas vezes, como um vazio humano após a faixa litorânea. A narrativa europeia enfatizou o vazio a fim de controlar e colonizar os territórios de vida indígena. Além disso, essa mesma narrativa transcrita em documentos oficiais e relatos de viajantes não lusitanos é contraditória ao apresentar as formas vegetais dos sertões. Há indicação não somente da Caatinga, mas igualmente de brejos, florestas úmidas, cerrados e, no caso dos sertões do Maranhão, uma enorme faixa de floresta amazônica (Arraes, 2017).

Pau dos Ferros nasce mediante os processos de urbanização levados a cabo pela Coroa portuguesa muito bem estudados por Murillo Marx (1991). Essa povoação passou pelos estágios de capela (s/d), freguesia (1755), vila (1856) e cidade (1924). Num documento enviado à Biblioteca Nacional pelos vereadores locais, datado de 1866, caracteriza o ambiente urbano da vila nos seguintes termos: “As ruas não são bem alinhadas, mas bastante largas. Todas as casas são térreas. Seu principal edifício é a igreja matriz. Tem diversos estabelecimentos comerciais” (FBN. II-32,28,19). Em nenhum momento esses agentes políticos mencionaram a existência de passeios, calçadas, passeadouros em Pau dos Ferros. Hipotetiza-se que a circulação das pessoas ocorria, como antes visto, na própria rua, como é vista na Figura 6, até 1956 o centro da cidade de Pau dos Ferros era preenchido por pessoas vivendo o cotidiano.

Figura 6 - Cotidiano no centro de Pau dos Ferros



Fonte: Pauferrence.blog. Disponível em: < <https://culturapauferrence.blogspot.com/2020/06/pau-dos-ferrosna-decada-de-70-memorias.html> >. Acesso em: 21 mar. de 2026.

Há documentos hoje localizados em arquivos digitais que funcionam como indícios da paisagem urbana pretérita de Jaguaribe e Pau dos Ferros. Dessa maneira, é possível analisar como se deu o processo de urbanização das cidades de Pau dos Ferros e Jaguaribe por meio de leis municipais de diferentes cronologias: Colleição de Leis Provinciaes, Código Municipal de Posturas, Fallas dos Presidentes de Província, Relatório dos Presidentes dos Estados e Plano Diretor.

Em 1856, pela Lei n.º 344, a freguesia de Pau dos Ferros recebe a categoria de vila. A economia local girava em torno da criação de gado, plantação de mandioca e algodão, feiras de gado e outros produtos e comércio. Torna-se cidade pela Lei n.º. 5932, de 1924, (Casado, 1968; Barreto, 1987). À medida que os contingentes populacionais da cidade aumentavam, também há o crescimento material do território urbano. Como era de se esperar, o maior foco de adensamento urbano se localizava ao redor do largo da Igreja Matriz dedicada à Nossa Senhora da Conceição. A partir dali se desdobraram o parcelamento do solo para uso residencial, institucional e comercial. Mediante leitura cartográfica do tecido urbano de Pau dos Ferros e experiências visuais, percebe-se que a cidade cresce de forma tentacular em direção aos bairros São Benedito, João XXIII, Alto São Geraldo, São Judas Tadeu e Riacho do Meio. Alguns desses, como Riacho do Meio, era uma fazenda que atraiu a urbanização seguindo o eixo viário da atual RN-177.

Valendo-se da perspectiva histórica, estudar a formação urbana da cidade nos direciona entender a cultura de apropriação do ambiente construído e a compreender a vida cotidiana dos bairros residenciais estudados. Alia-se à história da cidade e da urbanização, a leitura interseccional, na tentativa de compreender o cotidiano e a paisagem urbana segundo as categorias de gênero, raça, sexualidade e classe. Cada vez mais os estudos urbanos sinalizam a pertinência da interseccionalidade, pois, por exemplo, para entender os jardins-calçadas é preciso saber quem o cultivou, quem o decorou, quais são as classes sociais das pessoas que a utilizam em diferentes horários do dia.

Fazendo uma busca na Colleção de Leis Provinciaes do Rio Grande do Norte (RN) - 1835 a 1887 / 1868 a 1887 - desde a data mais pretérita a mais atual, os primeiros registros sobre a cidade de Pau dos Ferros descrevem o ensino escolar. A Lei nº 11, de 9 de março de 1835, coloca sob administração da igreja matriz uma cadeira de Gramática Latina. A Resolução nº 213, de 5 de junho de 1850, cria uma cadeira de primeiras letras para o gênero masculino, já o “provimento” do professor seria mediante concurso público.

Ulteriormente, com a Resolução nº 611 da Lei de 26 de março 1868 - Art. 27, entra em vigor o contrato celebrado pela câmara municipal de Pau dos Ferros acerca de casa de mercado público. Por seu turno, a resolução Nº 621, de 10 de novembro de 1870, seu Art. 1º decreta a criação de uma cadeira instrução para o gênero feminino em São Miguel, freguesia sufragânea a de Pau dos Ferros, hoje município homônimo. Com a resolução nº 742, de 26 de agosto de 1875, é autorizada a construção de uma estrada de ferro a partir do porto, ou cidade de Mossoró, aos limites da província em direção dos municípios de Apody e Pau dos Ferros.

A criação de cadeiras de ensino e a construção de estradas, como exposto nas leis, demonstra a necessidade de instrução dos habitantes e as ligações comerciais para o incremento econômico da província. Representa ainda a implementação de políticas pedagógicas locais e o estreitamento mercantil entre os sertões do Apodi à vila de Mossoró, importante entreposto comercial da província, sobretudo de venda de sal. Cabe frisar que, os grupos escolares aprovados por lei não atenderiam todas as crianças da vila, pois muitas moravam em áreas periurbanas e rurais distantes e outras eram filhas de pessoas escravizadas.

Com o crescimento urbano, o Estado aplica disposições sobre os deveres dos cidadãos. É o caso da Lei nº 866, de 24 de julho de 1882, que aprova o Código Municipal de Posturas da vila Pau dos Ferros. Ao analisar esse documento, dando atenção maior às prescrições sobre Alinhamento e nivelamento das ruas, calçadas e casas; Asseio e limpeza; Higiene e salubridade pública, compreende-se como a materialidade da povoação se modificou ao longo do tempo e, em alguns casos específicos, ainda permanece na atualidade, como as “rugosidades” conceituadas por Milton Santos (2012).

No capítulo 1 do Código de Posturas, sobre o alinhamento e nivelamento das ruas e edificações, os agentes políticos do Estado reforçam as punições pecuniárias aos moradores que não padronizassem o alinhamento das casas. Os Artº 4º e 5º, relativos à dimensão das fachadas e calçadas, demonstram a atitude intervencionista estatal, simultânea a falta de cuidado ou sensibilidade em escutar das demandas da própria população ou o contexto em que a lei está inserida.

Art 4º Guardar-se-há toda a possível regularidade symetrica nas portas, janelas e claro das paredes, devendo as portas dos predios, que se construírem ou reedificarem ter pelo menos 1m 11 de lagura e 2m42 de altura e as janelas 1m 43 de altura e 1m 10 de largura. O infrator será multado em 2\$000 reis por cada porta ou janela que não estiver de acordo com a presente disposição, sendo obrigado a fazel-a de novo. Art 5º As calçadas, que se fizerem em frente das casas, terão de largura 1m54: pena de 2\$000 reis a 10\$000 reis de multa ao infractor (Rio Grande do Norte, 1882, p.55)

Não obstante, o segundo capítulo impõe deveres aos munícipes sobre a limpeza das ruas e construção de esgotos, punindo quem não obedecesse. Um exemplo significativo é o parágrafo 2º (ibid. 1882, p. 57), que cita: “Plantar no pateo e ruas arvores que a câmara, por intermédio de seu fiscal, reconhece como prejudiciara ao transito e ao aformosamento público, ficando aos plantadores obrigados a arrancar-os sob pena de 4\$000 reis de multa”. Para a elite política de Pau dos Ferros, a arborização da cidade era prática de somenos importância, atitude que traduz a colonialidade do poder, ausentando do convívio urbano seres mais-que-humanos ou submete uma forma de viver a outra. Desnecessário dizer que ainda presenciamos essa prática até os dias atuais em diferentes cidades brasileiras. Nota-se, assim, que há raras ocasiões em que o poder estatal da vila se preocupou em orientar os moradores a construírem suas calçadas.

Entre o final do século XIX e por todo o século XX, infelizmente encontramos poucas (raras) leis homologadas pela prefeitura municipal. O Plano Diretor Participativo de Pau dos Ferros (Pau dos Ferros, 2021), lei fundamentada a partir das considerações do Estatuto da Cidade e outros códigos normativos, estipula 1,50m para os passeios públicos, determinando que o espaço não deve ser obstruído. Por outro lado, o Código de Posturas (Pau dos Ferros, 1972) municipal atribui aos moradores a responsabilidade pela limpeza e zelo desses lugares. Até a década de 1970, Pau dos Ferros ainda contava com ruas de terra batida e sem a pavimentação em frente aos lotes que seriam projetadas as calçadas. A Figura 7 registra a Rua Hipólito Cassiano, no encontro com a Avenida Independência (rua mais larga que circulam as carroças), onde captura o uso da rua como o espaço livre público de locomoção de pessoas, animais e meios de transportes de diferentes tipos. Nessa paisagem fotografada transparece a paisagem urbana com estreito vínculos com o universo rural. As conexões rurais-urbanas são

encontradas até os dias atuais: há trânsito de carroças, há caminhos de terra e não há calçadas nas frentes das casas. Aquela grande rua, que devido aos processos de urbanização posteriores e às operações cotidianas, converte-se na Av. da Independência e BR-304, rugosidades que se expressam muito bem na ideia de Rua-Estrada formulada pelo geógrafo Álvaro Domingues (2009, p. 16):

Na Rua da Estrada não há apenas trânsito de passagem como na estrada, nem movimentos locais de peões [pedestres] e veículos como na rua. A estrada-rua mistura tudo num conflito permanente, camiões e peões, carros e autocarros, motorizadas e patins em linha, cruzamentos com outras estradas. Há quem simplesmente passe e há quem queira sair e entrar, e estacionar ou atravessar a estrada. Um desassossego que não resolve com passadeiras [faixa de pedestre], semáforos, multas, rotundas e outros truques de acalmia de tráfego.

Figura 7 - Rua Hipólito Cassiano cruzando com a Avenida Independência



Fonte: Página de Pau dos Ferros no Facebook. Disponível em:<

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=985467580381346&set=pb.100067543388335.-2207520000&type=3> >. Acesso em: 21 mar. de 2026.

Essa não é uma situação isolada. Houve dificuldade em achar documentos oficiais de Jaguaribe, especialmente leis emitidas durante o Segundo Império, quando a vila de Jaguaribe-Mirim foi instituída oficialmente. A Figura 8 representa a paisagem urbana da então Vila Jaguaribe-Mirim em 1909. A Igreja Matriz ambientada no centro da imagem e construções em seu entorno conjugam-se com o rural: animais sendo criados soltos, pessoas se locomovendo a

pé e carroças, movimentos que deixam seus rastros formativos nos “caminhos do desejo”⁴ antes da criação de um sistema viário rígido.

Figura 8 - Vila Jaguaribe-Mirim em 1909



Fonte: Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em:<

https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon858493/icon858493.pdf

>. Acesso em: 25 mar. 2026.

A normativa que regula a paisagem urbana de Jaguaribe é mais recente. O Código de Posturas do município, que faz parte do Plano Diretor da cidade, em sua Lei nº 1.439/2019 define “calçada” como espaço integrante do logradouro público alinhado aos lotes e destinado à *circulação de pedestres* (Jaguaribe, 2019) (sem grifo no original). O capítulo 2 trata sobre calçadas, e explicita a responsabilidade do morador em construí-las, conservá-las e mantê-las limpas. Mais uma vez há permanência de mesma prática ao longo do tempo, isto é, o Estado delega aos moradores a tarefa de construir e cuidar das calçadas. Talvez seja por esse fato que as pessoas nos sertões consideram suas calçadas como extensão do universo doméstico, uma borda que sintoniza o público com o privado. Ainda no documento municipal de Jaguaribe, o capítulo 4 torna-se especialmente interessante, pois aborda a instalação de mesas e cadeiras nas

⁴ Sobre os caminhos dos desejos recomenda-se a leitura do artigo encontrado em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64038880>. Acesso em 23 abr. 2026.

calçadas, desde que o mobiliário respeite a faixa livre de 1,20m de largura para circulação dos pedestres. É importante ressaltar que todas as instruções são sujeitas a multas, que vão até 500 reais. Esses aspectos urbanos são encontrados desde 1949 por meio de um registro fotográfico apresentado na Figura 9. Na paisagem fotografada é possível identificar, provavelmente, o cotidiano do centro da cidade com a rua de terra. As calçadas já regularizadas para deslocamento servem talvez para afastar a terra das residências e comércios; além disso, pode-se perceber as árvores plantadas na rua. Não se sabe se o cultivo das plantas nas ruas resultou de políticas públicas de arborização levadas a cabo pela prefeitura de Jaguaribe na primeira metade do século XX.

Figura 9 - Cotidiano jaguaribano



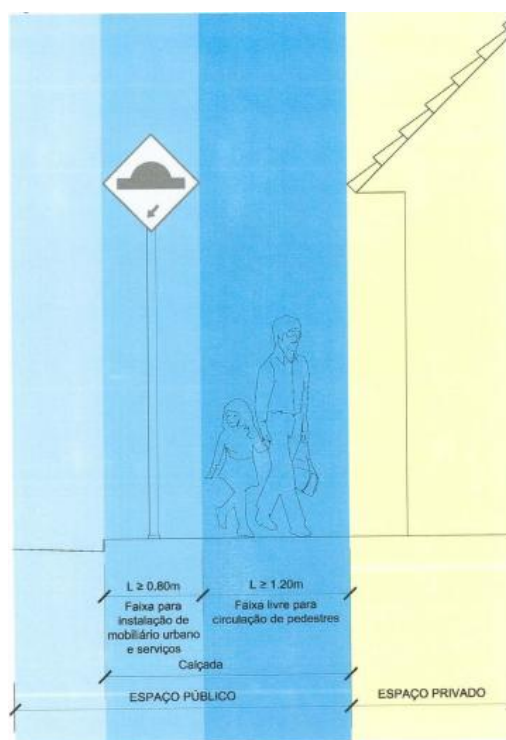
Fonte: Collections.lib.uwm. Disponível em: <

https://collections.lib.uwm.edu/digital/collection/ags_south/id/1211/rec/74 >. Acesso em: 20 mar. 2026.

Nas duas cidades há legislações que ainda reproduzem princípios coloniais, sobretudo em termos de atribuir funções aos moradores quanto à modelagem do ambiente público da

cidade e quanto à negligência ao enfrentamento das necessidades sociais e culturais da população. É evidente a baixa inclusão das pessoas na legislação. No Plano Diretor de Jaguaribe (2019), por exemplo, consta o mesmo desenho genérico da medida das ruas e calçadas (Figura 10). As leis urbanísticas das cidades reproduzem o desenho universal que prevê medidas mínimas de circulação dissociada de qualquer contexto topográfico e cultural da localidade. Embora essas diretrizes sejam importantes para direcionar o arquiteto e urbanista na idealização de seus projetos e assegurar acessibilidade e conforto à cidade, é notória a padronização métrica que falha em se adaptar às operações do cotidiano, onde ocorre apropriação e atribuição do sentido afetivo de lugar. A lei desconsidera as complexidades e contradições da vida urbana diária, implementando posturas que, na tentativa de inovação urbanística, reproduzem velhas ações coloniais que desconsideram a materialidade preexistente da cidade.

Figura 10 - Detalhe seção mínima calçada



Fonte: Plano Diretor de Jaguaribe, 2019. Disponível em:<

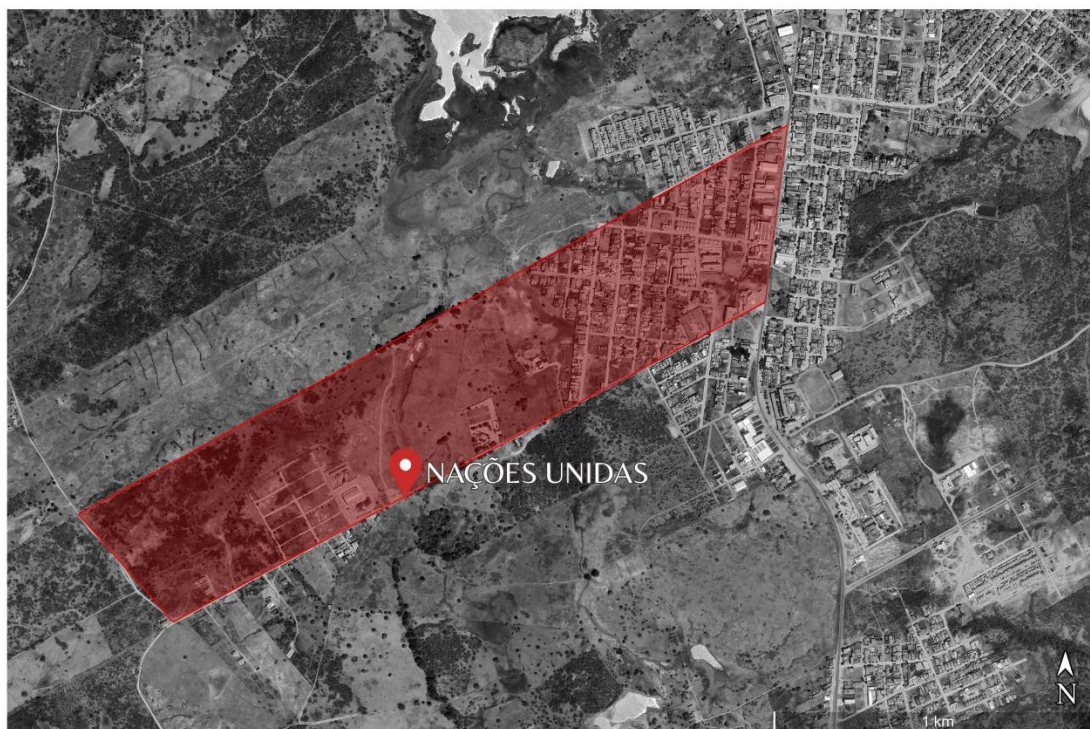
https://www.jaguaribe.ce.gov.br/arquivos/126/Leis%20Municipais_1437_2019_0000001.pdf

>. Acesso em: 10 abr. 2026.

Essa conjuntura é evidente nos bairros Nações Unidas, Chico Cajá e João Catingueira, por exemplo (Mapa 2, Mapa 3 e Mapa 4 respectivamente). Devido ao forte movimento pendular provocado pela oferta de serviços, Pau dos Ferros se tornou uma cidade intermediária que atrai moradores, principalmente estudantes e servidores que não possuem intenção de adquirir moradia fixa (Holanda, 2023). Nesse aspecto, aqueles bairros se tornaram áreas potenciais

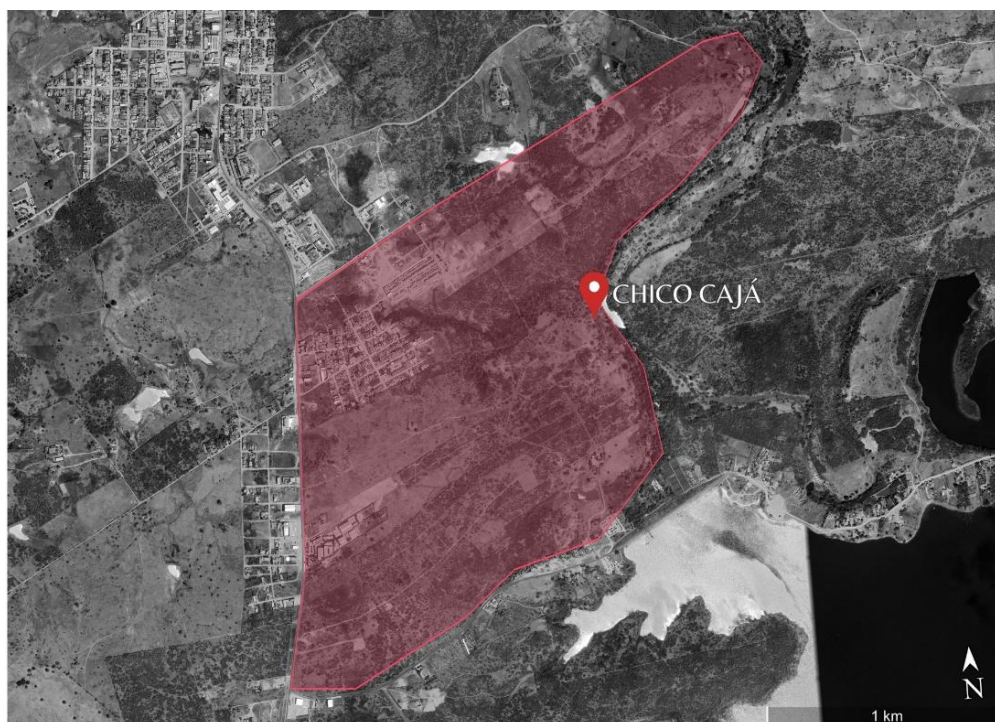
crescimento urbano em direção à periferia, como identificado no Mapa 5. Ali encontramos baixo adensamento e lotes de terra disponíveis para venda, no qual as lógicas do capital impera aliado à especulação imobiliária em duas principais frentes: a construção de imóveis visando a população pendular; e loteamentos feitos pelo Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV), entre 2009 e 2015, para facilitar o acesso à casa própria (Holanda, 2023).

Mapa 2 - Bairro Nações Unidas



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Mapa 3 - Bairro Chico Cajá



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Mapa 4 - Bairro João Catingueira



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Mapa 5 - Bairros em crescimento de Pau dos Ferros



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

A partir desses fatores, a construção urbana nesses bairros molda-se pelos ditames do urbanismo funcionalista/racionalista moderno caracterizada pelo traçado regular e privilégio dado à máquina (circulação com máquinas, casas e cidades como máquinas de morar). Para o filósofo alemão Anselm Jappe (2025), as formas ortogonais presentes na história da arquitetura causam uma ruptura entre natureza e corpo humano. Porém, o fetichismo pelo retangular e formas geométricas como a esfera ganha maior notoriedade com o Estado moderno do século XVI, que na busca pelo controle social, clamava por “ordem”. A linha reta torna-se sinônimo de civilidade. Essa ideologia tirana instituiu um urbanismo concentrado no maior número de lotes vendáveis para obtenção de lucro e o quadriculado era perfeito para esses objetivos. O ódio pela sinuosidade e obsessão da ordem e controle, a rua passa a ser, como expressa pela famosa frase de Le Corbusier, a “máquina de trafegar”. Para Jappe (2025), a situação não melhorou, o ideal realizado pela linha reta e o culto da transparência (do vidro) correspondem ao desejo pelo controle e vigilância total, o autor explica:

As longas artérias retas que atravessam as cidades modernas não servem apenas para atirar mais facilmente nos rebeldes, mas também para impedir que alguém possa chegar a pensar em se insurgir: é preciso que os cidadãos saibam que alguém os observa - Big Brother is watching you – e que não há recônditos escuros, onde se esconder para conspirar contra a ordem existente, nem labirintos onde se refugiar, nem ruelas sinuosas onde os representantes do Estado não consigam entrar. (Jappe, 2025, p. 137)

Assim, a rua pode ser entendida como a materialidade do movimento humano, e controlá-la, por consequência, controla os corpos que estão imbuídos nesse sistema. Isso é observado na paisagem urbana dos novos bairros projetados em Pau dos Ferros (Figura 11), o traçado ortogonal, somado à falta de praças e às calçadas tratadas projetualmente apenas como apêndices coadjuvantes no desenho da cidade, confere uma paisagem austera, de baixa experiência cotidiana, com pouca ambiência, urbanidade e sociabilidade. Contudo, as operações cotidianas “fogem da captura”⁵ e formam uma resistência, como os caminhos dos desejos encontrados próximos a longos quarteirões e as calçadas nas quais as pessoas insistem em usar para além de um passeio.

⁵ A captura é um conceito articulado por Simone (2022), para mecanismos de controle e ordenamento social operados pelo Estado, pelo mercado capitalista e por sistemas racializados, que tentam eleger função e valor para seres humanos.

Figura 11 - Paisagem urbana dos bairros projetados em Pau dos Ferros



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Assim, é imperativo que as legislações municipais sejam mais responsivas e inclusivas, integrando em suas políticas o cotidiano, suas especificidades e as necessidades dos habitantes com suas idiossincrasias. Desconsiderar esses fatores torna o corpo legal um conjunto de regras inoperantes, que resultam em uma série de intervenções pontuais, as quais, muitas vezes, rompem a beleza do cotidiano, despersonalizando o ambiente urbano. Isso configura uma cidade sem urbanidade, sem qualquer vínculo com o *ethos* local e com bem estar social dos habitantes. As calçadas como palco da sensibilidade cotidiana, não são descritas leis atuais. São lugares que justapõem ou sobrepõem funções, onde são incorporadas diversas temporalidades do cotidiano sinônimos de lazer, cuidado, urbanidade e conforto. O senso de pertencimento e a criação de memórias ali se entrelaçam, deixando de ser um espaço abstrato, sem elo subjetivo com a cidade, para se tornar um lugar habitado, como mostram os exemplares representados na Figura 12.

Figura 12 - Habitar a calçada



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Dessa forma, desses problemas de teor urbanístico questões retóricas emergem, sobretudo com relação ao entendimento das bordas que configuram a calçada: se a moradora ou morador realiza um investimento para o projeto desse lugar, qual o limite de seu uso? Se o hábito social é utilizar a calçada para fins “lúdicos” e não apenas para locomoção, por que a normativa municipal os desconsidera? Essas dúvidas permeiam os argumentos deste trabalho de conclusão de curso, dando a ver outra problemática: sendo a calçada uma borda entre público-privado e entre o cultivado (jardim) e o não cultivado (ruas), quem de fato deve regular as transformações desses territórios?

4 RESULTADOS

4.1 Calçada: expressão do sensível e do cotidiano

The city is the social, physical, and political terrain of our collective lives, where we live in geographic proximity to people unlike ourselves, negotiating the varied understandings that comprise our coexistence. (Cuff *et al.*, 2020)

Segundo Dana Cuff *et al.* (2020), a cidade é um ambiente multidisciplinar atravessado por questões sociais, econômicas e políticas, que compõem a coexistência de seus habitantes no espaço comum. Nesse sentido, a forma que o espaço é compreendido, articulado e regulamentado se relaciona com a maneira como interagimos nele, como é o caso das calçadas. É importante analisar como se dá a interação nesses lugares, cuja atmosfera é rica de significados, sem legislação que compreenda sua multidimensão que permeia a borda entre o público e o doméstico. Então, faz-se valer da abordagem humanista⁶, apresentada pela autora, como forma de interpretar e intervir na cidade, atenta às complexas redes culturais, sociais e históricas que se entrelaçam no urbano. Para ela, a cidade é lida como um texto urbano, e, para nós, as calçadas, com suas intervenções criativas humanas, são poemas que traduzem a interação do ser no habitar (Cuff *et al.*, 2020).

As reflexões de Cuff *et al.* (2020) e dos/das pesquisadores/as se sintonizam com o estudo do designer de humanidades, que realiza o diálogo entre as necessidades humanas, o projeto e o planejamento de arquitetura e urbanismo, de modo que as pessoas ensinem aos técnicos profissionais o que é importante para elas, e os técnicos materializem esses anseios no território (Cuff *et al.*, 2020). Essa representação espacial do cotidiano das pessoas é teorizada pela cartografia – ação, importante método cartográfico na decolonização do conhecimento e para pensar a cidade a partir das pessoas e não da forma. A **cartografia-ação** busca entender os processos que operam na subjetividade encontradas no trabalho de campo. Para isso é necessário abrir-se às novidades, aproximando o pesquisador do fenômeno estudado (Barros; Kastrup, 2009).

Como Dana Cuff *et al.* (2020) e a cartografia-ação propõem, queremos inverter a lógica, pensando em múltiplas escalas, procuramos entender como operações cotidianas criativas das pessoas as mobilizam a se territorializar nas calçadas. Essas ações podem ser instrumentos

⁶ Essa abordagem possui uma investigação humanística centrada em quem habita a cidade, levando em consideração cultura, raça, etnia, línguas, expressões linguísticas dos habitantes, formas e estruturas sociais, espaço construído e vivido, e histórias variadas. (Cuff, 2020, p. 6).

diretivos de projeto e normativas consecutivas, no lugar de produzir leis abstratas e espaços inutilizáveis.

4.2 Cartografia-Ação

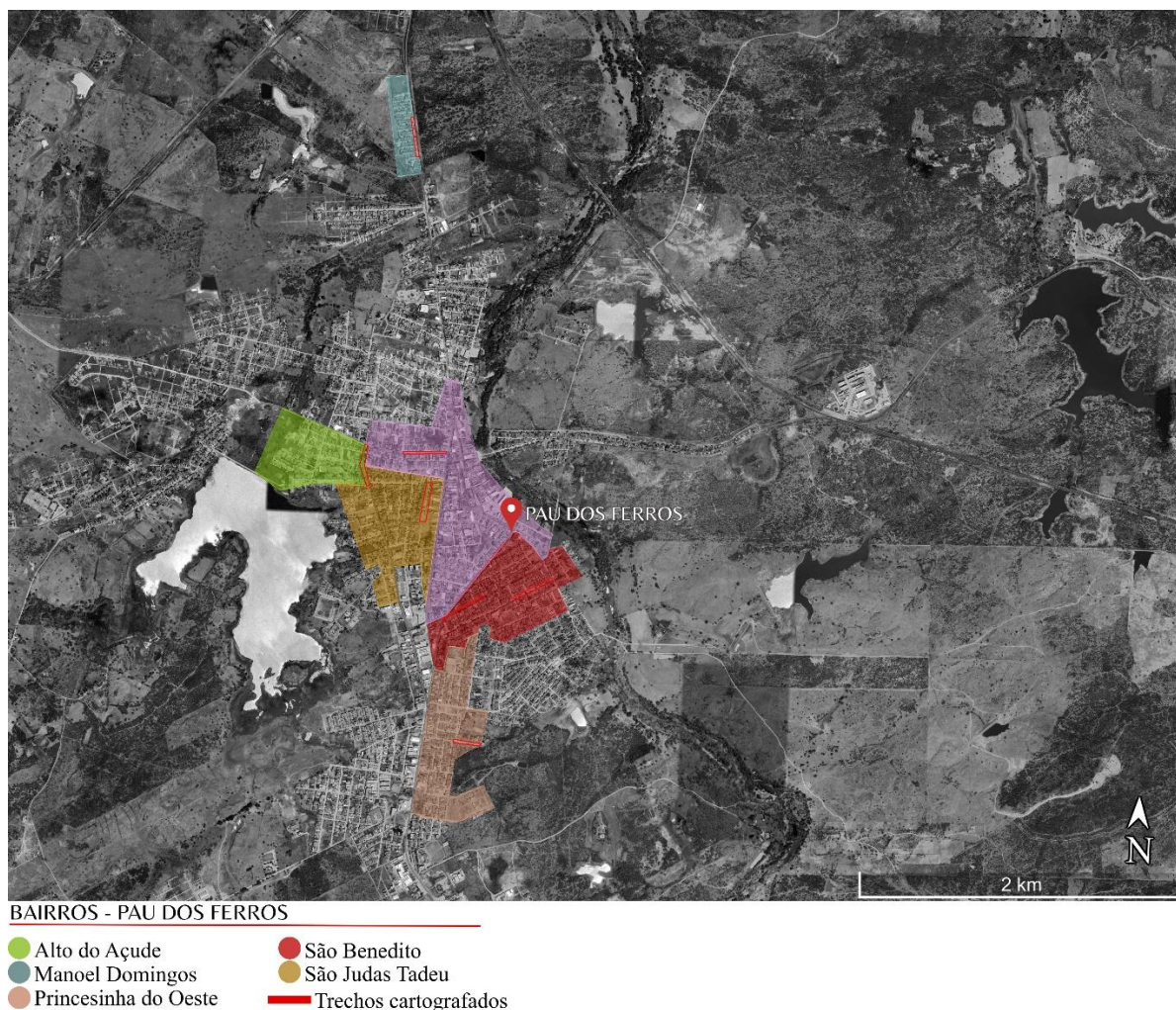
A cartografia-ação é um método de pesquisa-intervenção, não definido por regras delimitadoras, mas trata de reverter o tradicional e aproximar a academia e o campo de pesquisa, traçando a experiência e acompanhando os efeitos sobre pesquisadora, objeto de estudo e resultados, do percurso da investigação “considerando que objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar” (Passos e Barros, 2009, p. 18). Para Johnny Alvarez e Eduardo Passos (2009), cartografar é habitar um território existencial, em que a base experiencial não é desencarnada ou um exercício de abstração sobre a realidade estudada, mas o compartilhamento de um território habitado que antecede a pesquisa, relaciona sujeito e codertermina pesquisadora e objeto de pesquisa.

A metodologia objetiva tradicional, perigosamente, cria generalidades e ocultamentos que o mapeamento de práticas diárias e táticas de sobrevivência próprios da perspectiva decolonial da cartografia tenta registrar as multiplicidades das realidades estudadas têm permitido a afirmação de identidades sociais (Ribeiro *et al.* 2001). Nesse sentido, o estudo tenta voltar-se para a realidade encontrada em bairros residenciais de Pau dos Ferros e Jaguaribe em que o hábito de usar as calçadas se faz presente, registrando o processo de produção dos moradores e como criam intervenções criativas em suas calçadas, construindo conhecimento com eles, além de se surpreender com o que pode ser encontrado.

Na tentativa de decifrar a poíeses (poética) das calçadas foi elaborada uma cartografia-ação⁷ de recortes territoriais de sete ruas da cidade de Pau dos Ferros: Carloto Fernandes Távora e São João no bairro São Benedito, Joaquim Torquato no Alto do Açude, Lafaiete Diógenes no São Judas Tadeu, Maestro Wilson Arnaldo no Manoel Domingos, Manoel Antônio no Princesinha do Oeste e, 13 de maio no Centro. A escolha desses territórios se deu pela observação da variedade de usos cotidiano e experiências do sensível, identificadas com cores diferentes, para fácil visualização. As capturas foram feitas em quatro horários do dia: 8h – 9h, 12h-13h, 17h30-18h30, 20h-21h, para um melhor entendimento dos usos cotidianos interseccionando-os com gênero, raça e classe. O contexto geográfico de cada trecho cartografado, foi identificado no Mapa 6.

⁷ Para visualização integral das cartografias-ação, consultar o Apêndice A.

Mapa 6 - Trechos cartografados



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Como mostra a cartografia da Figura 13 e Figura 14 (Cartografia – Ação Manhã A e B), no período da manhã, entre 8h e 9h, as calçadas assumem dinâmica distintas, divididas entre locomoção e apropriação do território. A rua Carloto Távora é palco de uma rotina tranquila: os idosos estão despreocupados, sentados em cadeiras de balanço (C1 e C2), observando o movimento ou conversando (C1, C2, C4 e C9) ao longo de todo o trecho; já os adultos estão incumbidos de atividades laborais, como os homens descarregando encomendas (C5), um casal trabalhando na mecânica do carro (C3) e um agente de endemias visitando casas para descontaminação da água (C7) ou a mulher que varre sua calçada (C8). É habitual observarmos em cidades dos sertões, a predominância de mulheres preocupadas com a limpeza tanto de suas calçadas, bem como do trecho da rua diante de sua casa. Durante a pesquisa de campo, surpresas ocorreram: criança brincando de bicicleta (C3) e uma mulher de moto alimentando cachorros de rua (C6).

As ações do cotidiano mudam na rua Joaquim Torquato. A este logradouro se deslocam um alto fluxo de veículos motorizados (motocicletas e automóveis), identificado na vista do trecho (J13). Ali, as calçadas atendem principalmente à função de movimento de pedestres, uma senhora (J1), uma mulher (J2), um casal transitando a pé (J7), e um senhor que usava duas muletas (J8), além de um homem (J2) e um adolescente se locomovendo de bicicleta (J5). Na primeira metade do trecho, uma tinturaria funcionava com um senhor pintando peças na calçada (J1) o que deixava um forte odor na área, já a padaria atrai muitos clientes e cria um fluxo constante de pessoas e automóveis, além disso, notei que as funcionárias desempenhavam o papel de limpar o local (J3). Apesar de o uso não se fazer na calçada, notei uma senhora que permaneceu sentada na ante sala de sua propriedade observando a rua (J4), que funciona como uma pista da porosidade de funções e usos no lugar. Por outro lado, a segunda metade do trecho concentra operações de apropriação territorial: o idoso sentado observando (J9) contrasta com o uso utilitário da mulher (J10), que se divide entre varrer a calçada e estender roupas no varal. Ademias, a lanchonete (J11) deixa mesas e cadeiras na calçada para receber os clientes, enquanto o bar está fechado, o local não possui uso.

Em seguida, a rua Lafaiete Diógenes, no bairro São Judas Tadeu, é marcada pelo uso misto de atividades domésticas, comerciais e institucionais. A primeira metade do trecho possui muitos veículos estacionados vinculados à academia (L1). Em seguida, um homem, de mais ou menos 50 anos, sai do SEDRU (Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural) e continua em pé observando (L2). As calçadas permanecem vazias (L3) até a lanchonete, que recebe os clientes com mesas nas calçadas e são protegidas do sol por uma coberta de PVC (L6), o fluxo aqui é constante com trabalhadores em horários de intervalo. À frente, notei um senhor varrendo a calçada e o trecho da rua (L4) enquanto conversava com uma mulher sentada na calçada (L5). Os profissionais das oficinas mecânicas trabalham com lavagem e consertos, sendo ações realizadas nas calçadas (L7 e L9). Além disso, notei dois homens idosos conversando e um adulto observando, todos sentados (L8). No final do trecho, pessoas com diferentes meios de locomoção se deslocam no ambiente urbano por meio de bicicleta, a pé e motocicletas (L10).

Figura 13 - Cartografia – Ação Manhã A



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 14 - Cartografia – Ação Manhã B



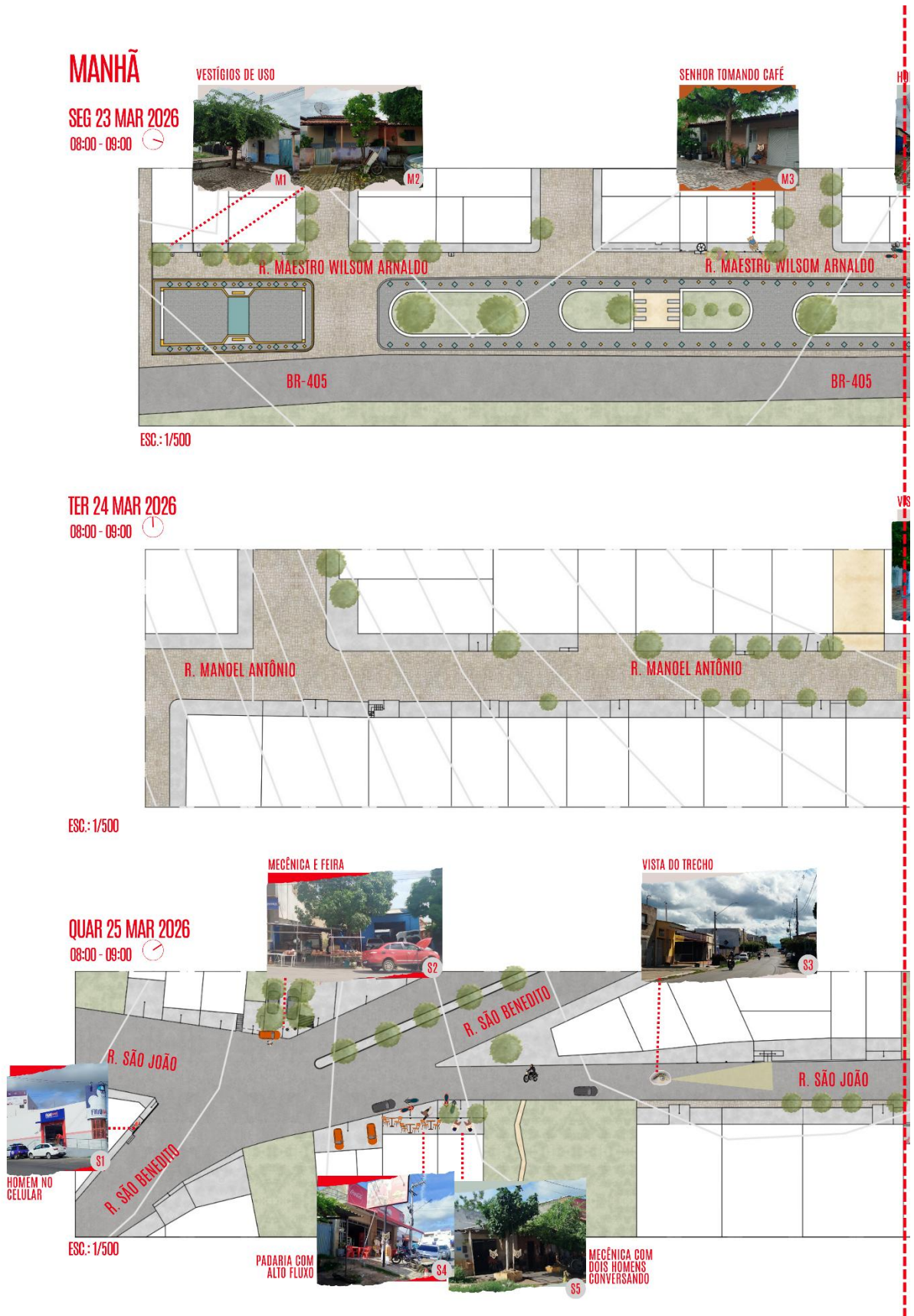
Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Por outro lado, a rua Maestro Wilson Arnaldo concentra o comércio e praças do bairro do bairro Manoel Domingos, o que há faz ter uma movimentação interessante se comparada a outros bairros. É importante notar que o bairro surgiu como um conjunto habitacional, e como é de práxis está localizado nos arredores da cidade, na saída de pau dos ferros, ligada ao restante da população apenas pela BR-405, ao considerar que a cidade não possui transporte público, exceto ônibus escolares, o bairro ganha características de vila. Nesse sentido, foi observado na parte da manhã um alto fluxo de saída do bairro Figura 15 e Figura 16 (Cartografia – Ação Manhã C e D), possivelmente motivado pelo trabalho e escola, já a população que permanece é idosos e comerciantes locais ou prestadores de serviços. A Figura 15 registra essa movimentação, como a mecânica, atrai um grupo de 4 homens em torno de 30 e 50 anos em toda a manhã, eles variavam entre conversar na calçada da mecânica e passar para o outro lado da rua, sentando-se na praça (M4). Além disso, um idoso permanece sentado observando a rua e tomando café (M3), cadeiras são deixadas em outras calçadas como um vestígio de uso (M1 e M2), o que lembra o lugar de apreciação de Cullen (2008). Nota-se ainda que as calçadas das ruas perpendiculares continham moradores sentados e conversando.

Em contraponto, o trecho escolhido da rua Manoel Antônio não possuiu nenhum tipo de uso, como identificado nas vistas (MA1 e MA2). Uma possibilidade para explicar esse fenômeno pode ser devido a rua ser residencial, com moradores, majoritariamente, adultos e idosos, e por possuir poucas árvores, a rua se torna pouco atrativa no período da manhã.

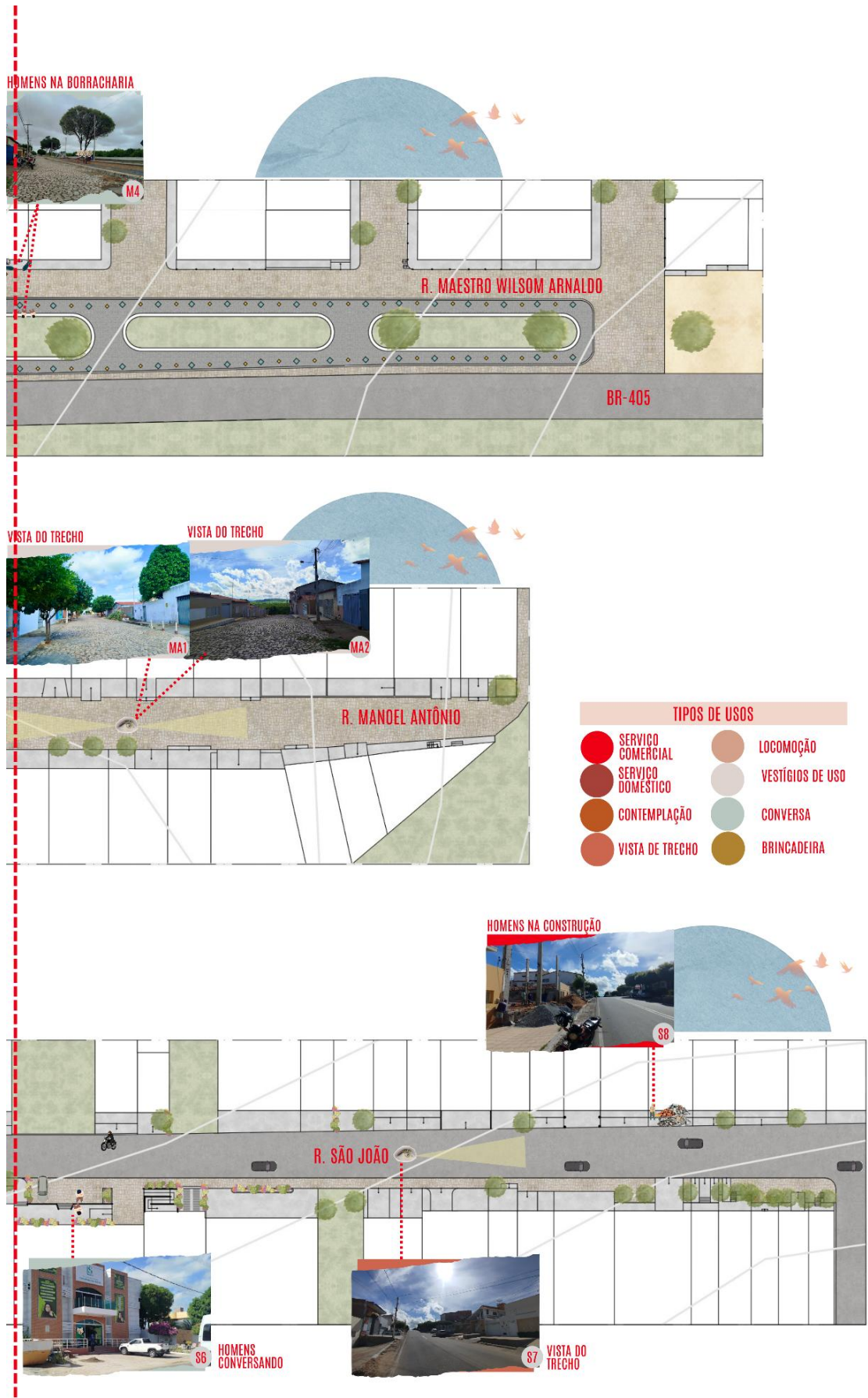
A rua São João, importante rua coletora do bairro são benedito, concentra os comércios e serviços locais, com alto fluxo de automóveis, motocicletas e ônibus. No trecho escolhido, as ações se concentram na primeira parte do trecho Figura 15 (Cartografia – Ação Manhã C), pois é onde está localizada a maior parte do comércio além de ser um encontro entre ruas. Nesse trecho foi observado a panificadora Sabores & Massas (S4) como um ponto potencializador do uso da rua, com fluxo constante de clientes que escolhem se alimentar na calçada, como policiais, estudantes, trabalhadores e idosos. O trecho também conta com três oficinas mecânicas que gera um uso da calçada como palco laboral, em que os serviços prestados são realizados publicamente, além de atrair grupos de homens de diferentes faixas-etárias (S2 e S5). Na segunda parte do trecho, identificada na Figura 16 (Cartografia – Ação Manhã D) as ações se dividem entre uma conversa entre vigia e faxineiro da escola Catarina de Siena (S6) e a construção de uma obra por pedreiros e serventes, homens adultos (S8). Nesse aspecto, como mostra a vista do trecho (S7), enquanto no início a paisagem sonora é intensa, atravessada por conversas e buzinas, aqui o silêncio prevalece.

Figura 15 - Cartografia – Ação Manhã C



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

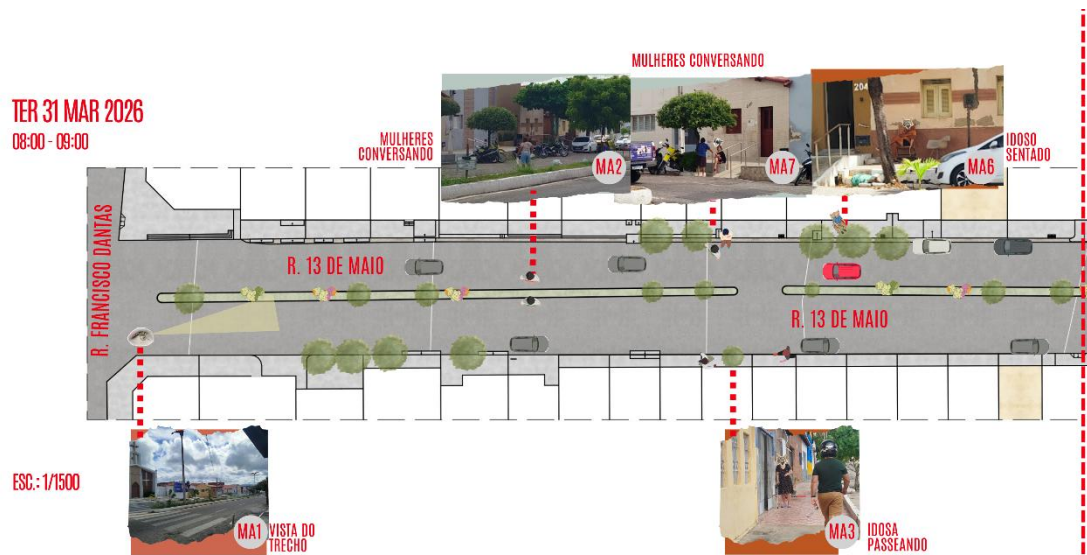
Figura 16 - Cartografia – Ação Manhã D



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

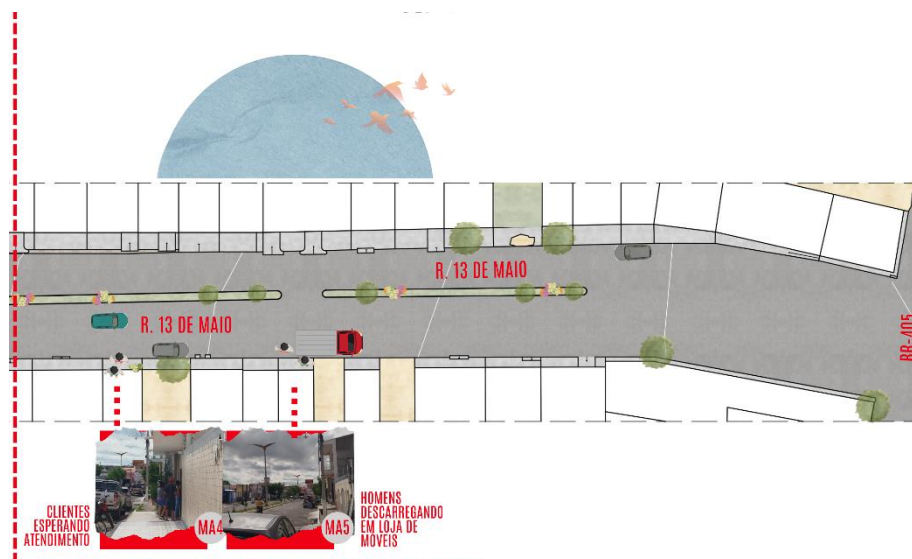
Localizada no centro da cidade, a Rua 13 de Maio se estruturou como uma das ruas mais antigas da cidade. Dessa forma, caracteriza-se por ser uma área residencial ocupada majoritariamente por idosos em justaposição a uma rede de serviços e comércios. Sua relevância urbana é acentuada pelo cruzamento com a BR-405, configurando-se também como uma importante conexão para outras cidades da microrregião. No período da manhã, conforme ilustrado na Figura 17e na Figura 18 (Cartografia – Ação Manhã E e F), nota-se a sobreposição de usos. O dinamismo comercial, capturado nas imagens MA4 e MA5, com pessoas em uma fila esperando atendimento e homens descarregando um caminhão com móveis, coexiste com as dinâmicas de permanência e sociabilidade nas calçadas. Essa apropriação passiva e social na calçada é comprovada pela presença de idosos em pé ou sentados em contemplação da paisagem (Imagens MA3 e MA6), bem como pela formação de grupos de mulheres conversando. (Imagens MA2 e MA7).

Figura 17 - Cartografia – Ação Manhã E



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 18 - Cartografia – Ação Manhã F

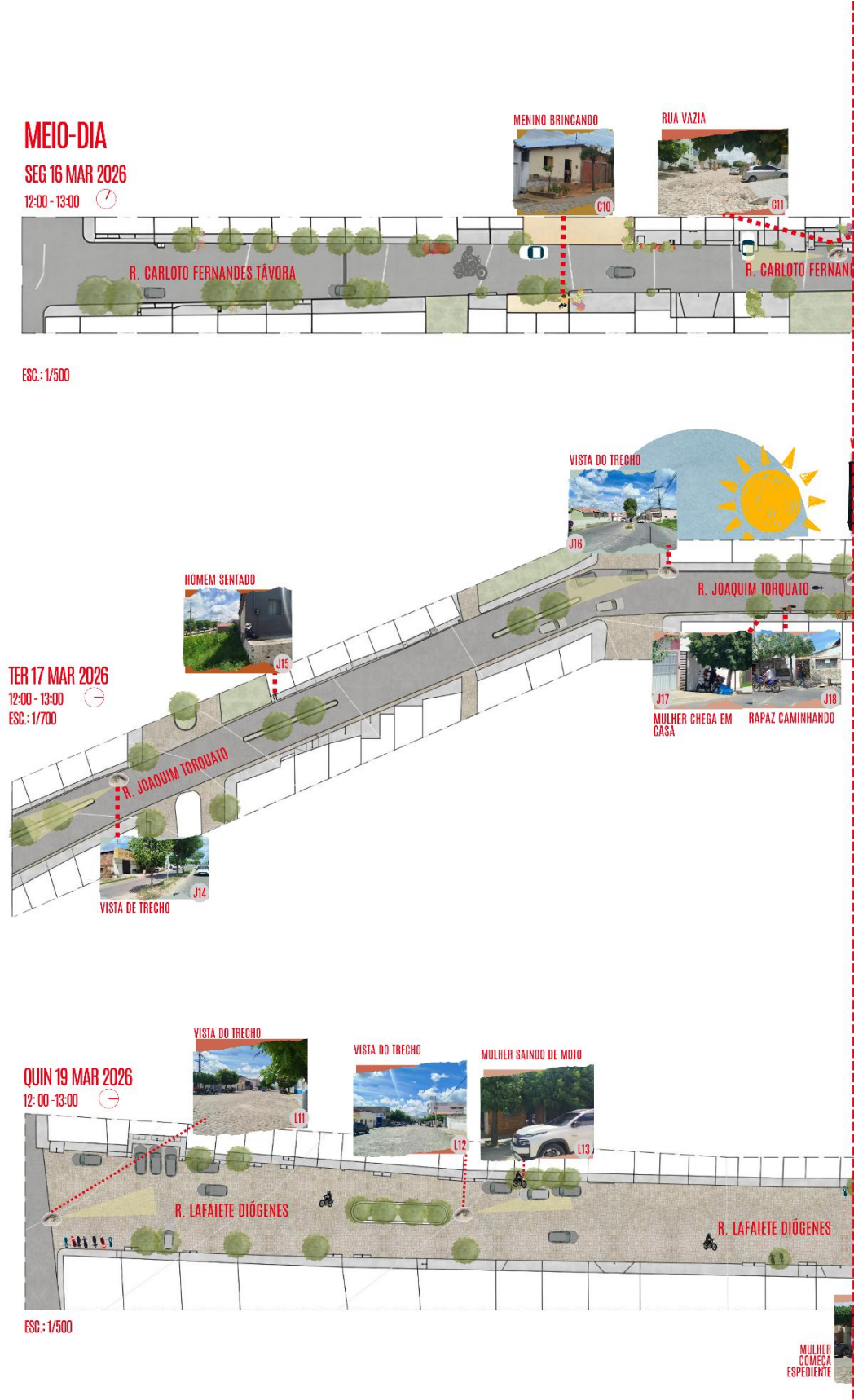


Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Entre 12h e 13h (Figura 19, Figura 20, Figura 21 e ,Figura 22), a vitalidade do cotidiano dos trechos sofreu uma drástica redução. Os espaços são dominados pelo alto fluxo de automóveis, em contraste com a quase inexistência de pedestres (C11 e C12). Essa atitude é, possivelmente, influenciada tanto pela cultura do “estar da porta para dentro de casa” no intervalo do almoço, quanto pela alta incidência solar. Contudo, há exceções: a mesma criança que brincava de bicicleta na rua Carloto Távora (C4), agora brincava na porta de casa intercalando entre sair e entrar em casa (C10), o mesmo é visto em outros trechos. Na rua Joaquim Torquato, um homem sentado na calçada a utiliza como refúgio para se proteger do sol (J15), um jovem transita pela rua em direção a escola próxima (J18) e uma mulher estaciona sua motocicleta, possivelmente para pausa entre expedientes (J17), nesse aspecto, é percebido que os transeuntes tentam se proteger do sol, com roupas protetoras.

Situação semelhante ocorreu na rua Lafaiete Diógenes, onde foi observado raros registros de pedestres se esgueirando pelas sombras (L15) ou realizando transições rápidas, como moradores chegando de veículos (L13) ou iniciando seus expedientes do trabalho vespertino (L14). Contudo, de forma surpreendente, encontrei um homem sentado na calçada pela manhã, continuava ao meio dia (L16), mas agora estava embaixo da árvore.

Figura 19 - Cartografia – Ação Meio dia A



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 20 - Cartografia – Ação Meio dia B



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Na rua Maestro Wilson Arnaldo as únicas que fazem uso da calçada são duas jovens esperando o ônibus escolar (M7), apesar da ausência de pessoas, o varal com roupas ainda molhadas (M6) sugere uma atividade recém realizada, nesse simples ato de exposição da intimidade doméstica é identificado como a transposição dos ambientes é sutil.

Na rua Manoel Antônio não possui pedestres (MA3 e MA4), o único movimento na rua é de motocicletas e automóveis. Por outro lado, a rua São João, apesar do costumeiro fluxo de automóveis, surpreende com a presença de pedestres. Os estabelecimentos fechados, com exceção da padaria, estabelecem um ritmo lento e calmo interrompido por alguns veículos e ônibus. Nesse contexto, notei um jovem sentado mexendo no celular na escada (S9), enquanto homens conversavam na mecânica com baixo fluxo, em seguindo é percebido dois senhores em pé conversando com tranquilidade na sombra de uma edificação (S10), do outro lado da rua, um casal estava podando árvores (S13) e guardando o equipamento no carro, depois, uma mulher foi vista percorrendo o caminho do desejo (S12), como rota alternativa, mesma ação notada pela manhã, por fim, um senhor observava a própria casa (S14). Dessa forma, é surpreendente como a rua mais comercial do contexto estudado, é também o trecho que mais teve uso de pedestre nesse período do dia. Nos trechos, a paisagem sonora é silenciosa interrompida pelo som de motores.

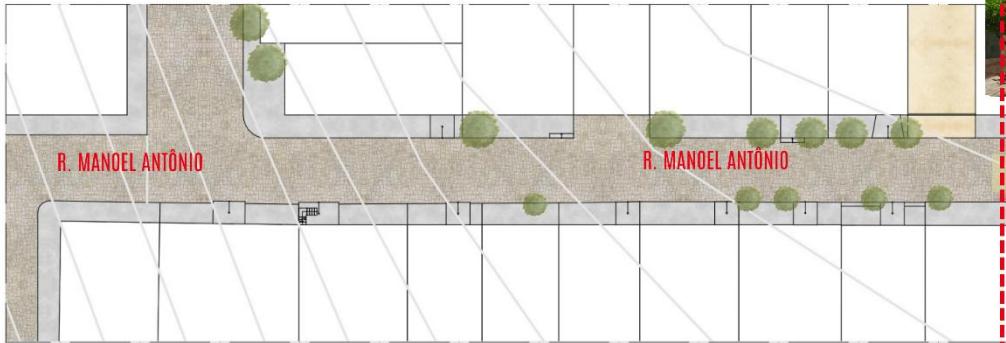
Figura 21 - Cartografia – Ação Meio Dia C

MEIO DIA

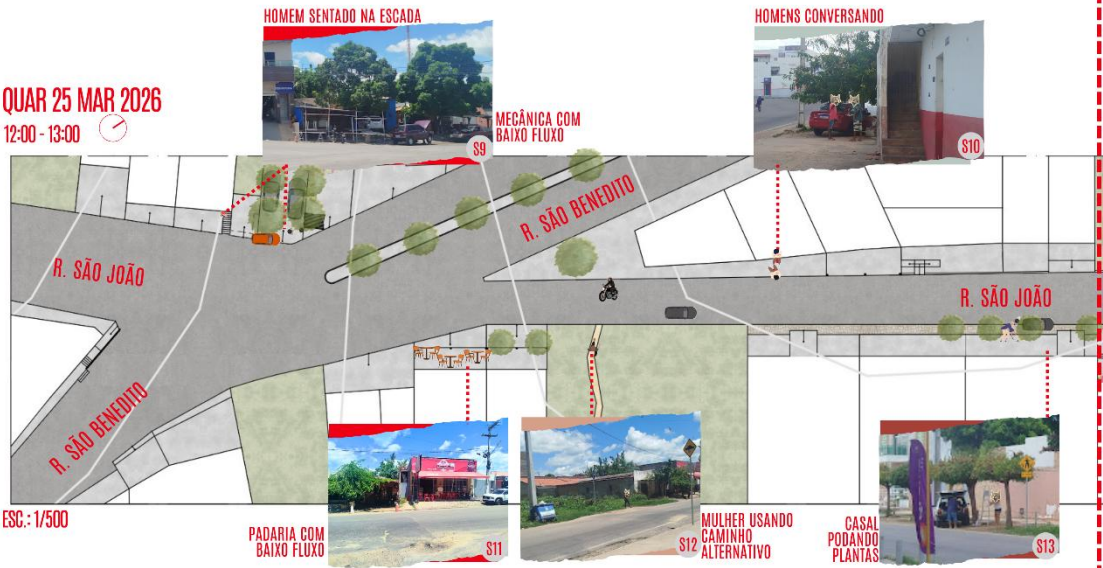
SEG 23 MAR 2026
12:00 - 13:00



TER 24 MAR 2026
12:00 - 13:00

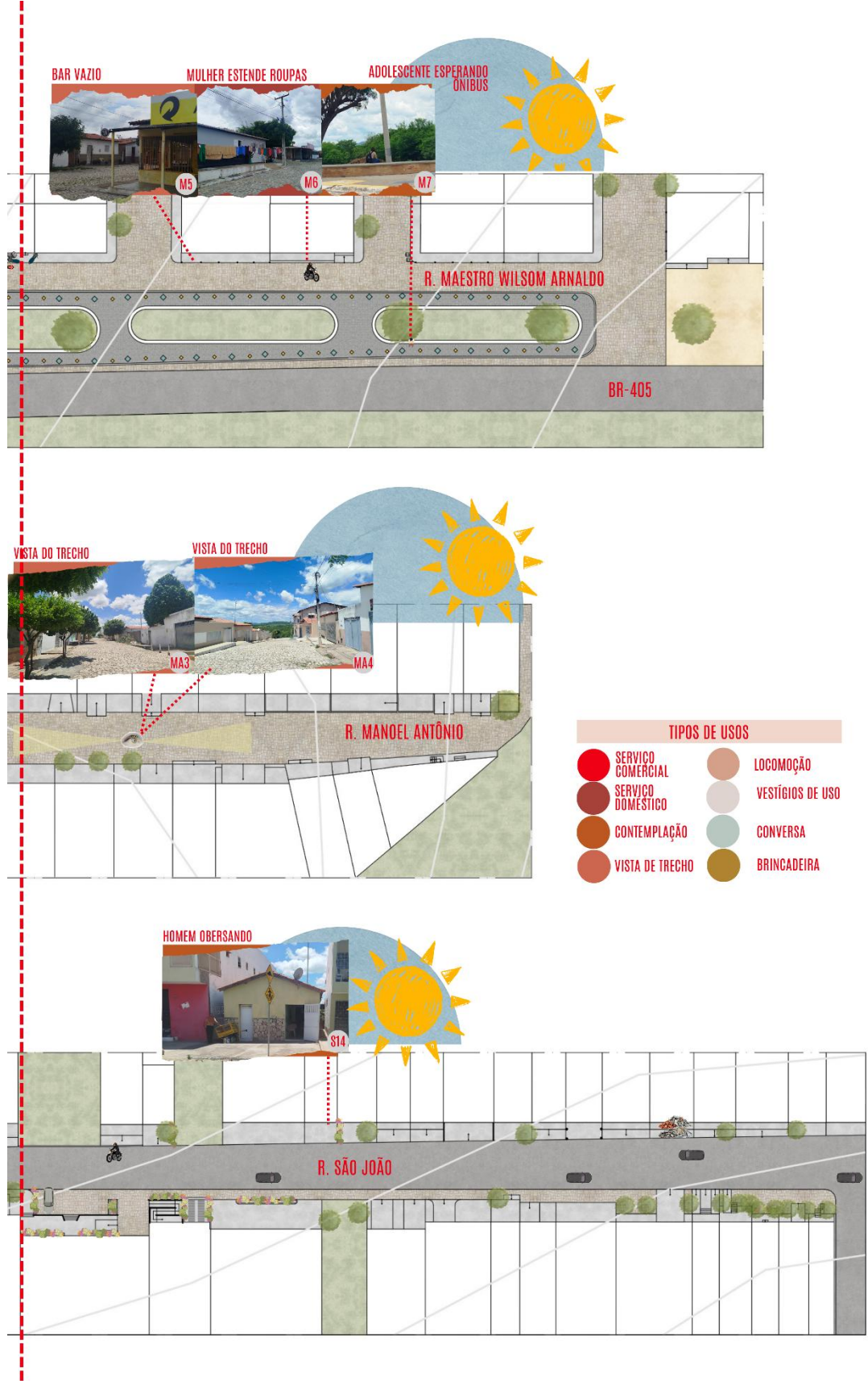


QUAR 25 MAR 2026
12:00 - 13:00



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 22 - Cartografia – Ação Meio Dia D



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

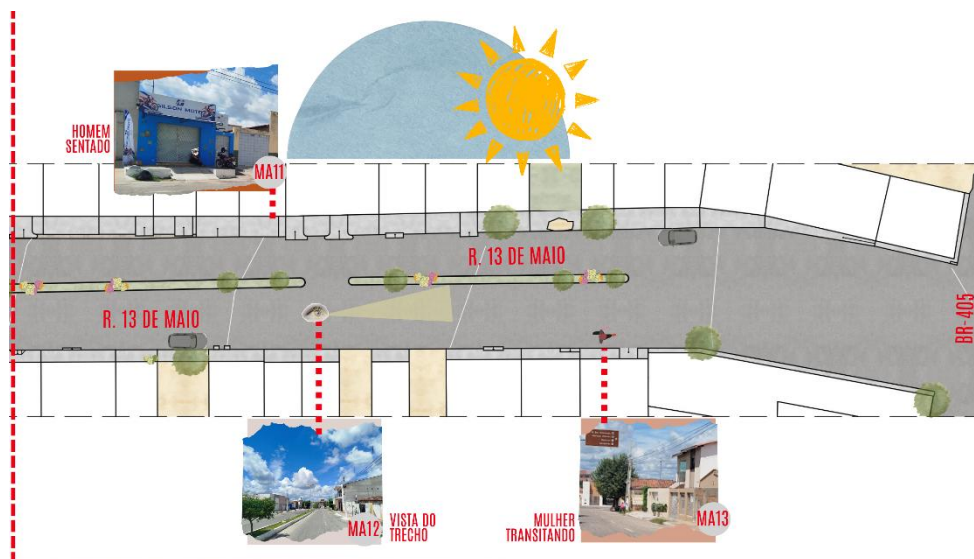
Ao meio-dia, a rua 13 de Maio comporta-se de maneira similar às demais, ou seja, permanece com pouco uso durante o período (Figura 23 e Figura 24). Porém, algumas exceções pontuais são interessantes sublinhar: é o caso da senhora manuseando o celular enquanto se “balançava” na cadeira (MA8), ao mesmo tempo em que um homem com uniforme de uma empresa está sentado ao chão da calçada e à sombra para se proteger do sol (MA11) e uma mulher caminhando na rua em direção a BR-405 desprotegida da incidência solar (MA13).

Figura 23 - Cartografia – Ação Manhã E



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 24 - Cartografia – Ação Manhã F



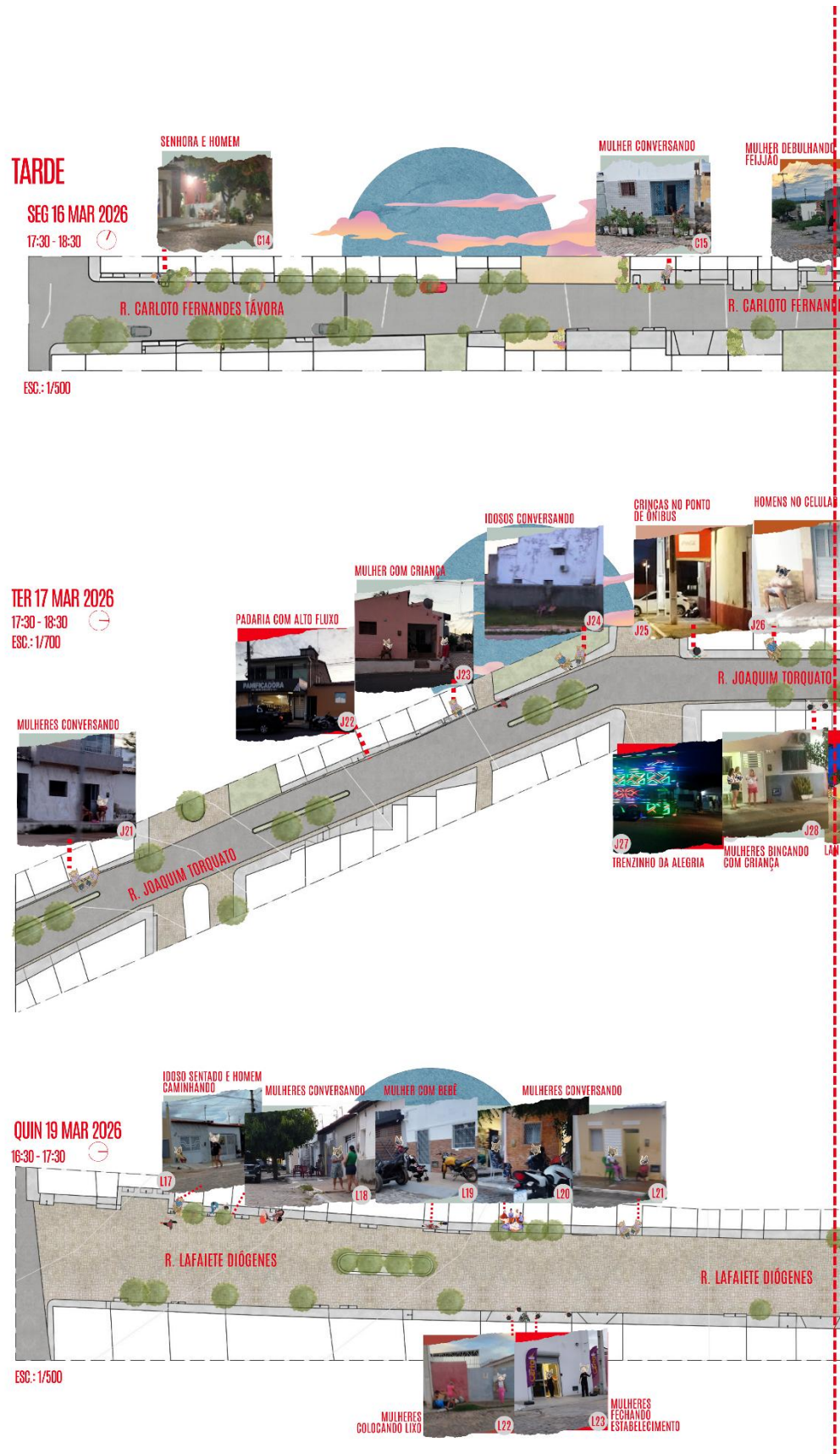
Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Ao entardecer, no período entre 17h30 e 18h30, as ações sociais foram enriquecidas por sua complexidade (Figura 25, Figura 26, Figura 27 e, Figura 28). Com o encerramento do horário comercial, apropriação das calçadas se converteu em palco de interação, contemplação e lazer. Nos trechos, observei uma intensa ocupação de pessoas sentadas, com maior presença de mulheres adultas e pessoas idosas. Cada recorte territorial possui peculiaridades significativas: na rua Carloto Távora, uma senhora e um homem permanecem sentados conversando por um longo período (C14), em seguida uma notei um casal de idosos conversando, a mulher estava sentada na calçada de costas para a rua, e o homem estava sentado na ante sala sentado (C15) e uma mulher idosa sentou na calçada para debulhar feijão (C16). O trabalho com o corpo, o portão aberto e a forma como conversam, ilustra o lugar como fronteira porosa, na qual a performance das ações domésticas se tece no ambiente público. Adiante, famílias sentam para conversar entre si e com seus vizinhos (C17 e C18).

Na rua Joaquim Torquato, algumas mulheres são vistas conversando na calçada ou brincando com crianças (J21 e J23) e a padaria continua atraindo visitantes (J22). Em seguida, vi um casal de idosos levando suas cadeiras a um terreno baldio apenas contemplar o movimento do devir da vida desdobrada na rua (J24). Aquele terreno se tornava uma espécie de mirante de captura do cotidiano. Na esquina, crianças sentam-se no chão aguardando o transporte escolar (J25), enquanto mais adiante, duas mulheres trazem uma criança até a calçada (J27 e J28) para observa o “Trenzinho da Alegria” (veículo recreativo itinerante, com luzes intensas e música alta para chamar atenção das crianças). Simultaneamente, o comércio noturno entra em operação, cujas atividades extrapolam as fronteiras da arquitetura alcançando as calçadas com suas mesas (J29 e J30). O homem e a mulher que outrora desempenhavam papéis diferentes, agora são vistos sentados, como uma atividade de lazer (J26 e J31)

As calçadas da rua Lafaiete Diógenes vibram de relações sociais. O trecho é consolidado por laços comunitários urdidos por várias conversas e interação entre os vizinhos. A esquina ainda é tomada por veículos devido à academia nas proximidades; porém, as calçadas recebem uma multiplicidade de agentes: idosos observando e andando (L17), mulheres conversando (L18, L20, L21 e L27), e mulher com carrinho de bebê (L19) encenam movimentos corporais que os tornam seres urbanos de Pau dos Ferros. Cabe sublinhar que os três homens encontrados pela manhã continuam sentados e conversando (L26), de modo que aquela calçada se converte em território de permanência duradoura, ali corpos se situam em vínculos afetivos. As ações ainda envolvem atividades casuais, como uma mulher esperando a amiga (L24) e atividades domésticas corriqueiras de descarte de lixo (L22).

Figura 25 - Cartografia – Ação Tarde A



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 26 - Cartografia – Ação Tarde B



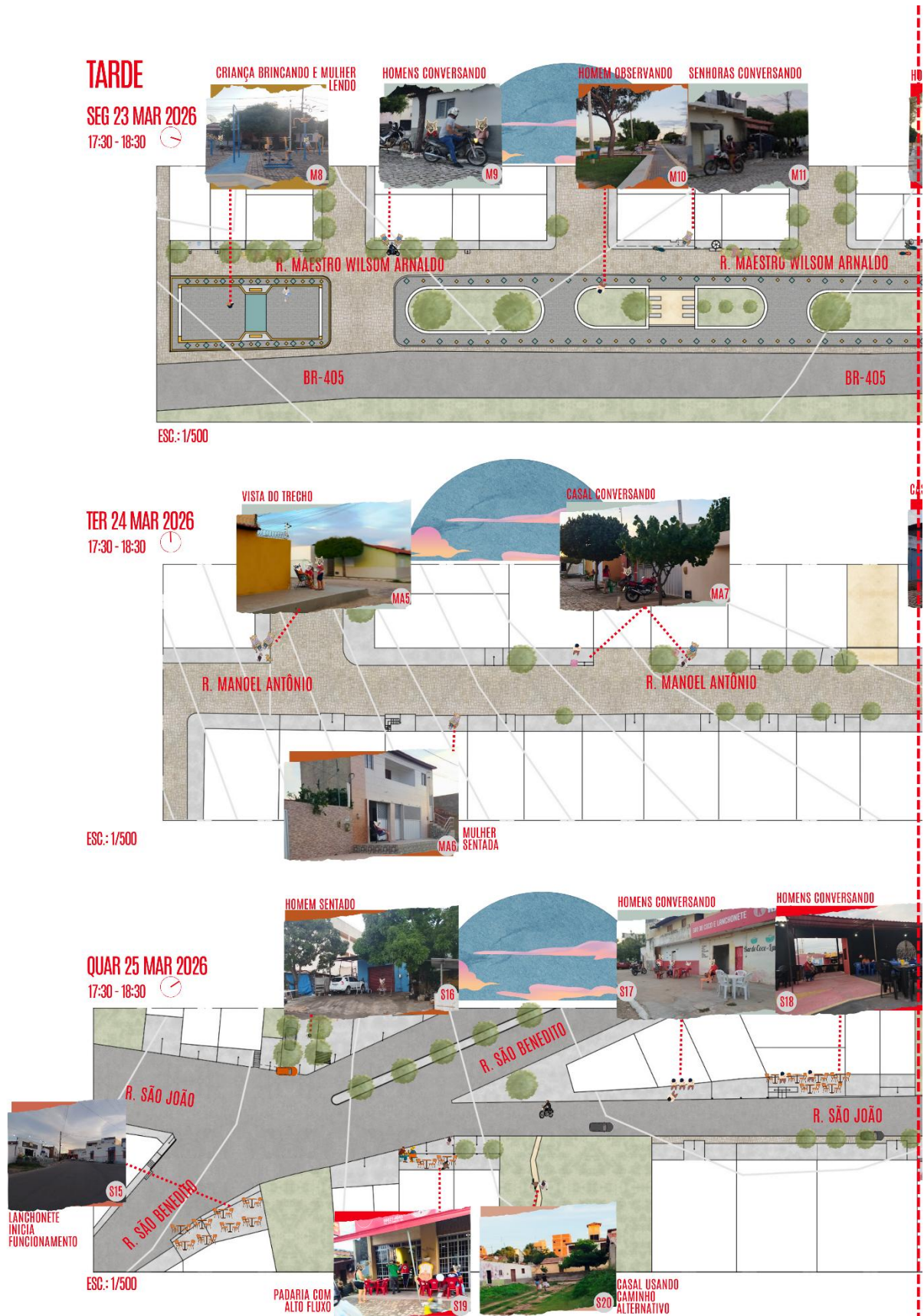
Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Similarmente, as calçadas da rua Maestro Wilson Arnaldo encantam com sua vivacidade. É observado de antemão a grande sobreposição de usos: no início da rua uma mulher lê enquanto uma criança brinca com equipamentos da academia pública (M8), logo na esquina se encontra um grupo de quatro homens, conversando (M9), em seguida é observado um homem sentado na praça (M10) observando as calçadas a sua frente, que por sua vez é ocupada por duas senhoras sentadas conversando com um homem adulto (M11). A paisagem do cotidiano é cortada por um homem a cavalo bêbado tropego (M12), quase coloca as crianças em perigo, a população notando a situação convence o homem a ir embora. Enquanto isso, no bar passava jogo, o dono fazia espetinhos na churrasqueira na rua, as crianças brincavam na praça, corriam para a rua e calçadas num fluxo próprio da empolgação infantil (M13). Na esquina é notado uma mulher se balançando na cadeira enquanto mexia no celular, aos seus pés notei uma bicicleta infantil, outro vestígio das brincadeiras que o trecho testemunha, por último crianças brincam nas mesas da lanchonete em que mulheres trabalhavam (M14). É interessante notar a intervenção dos moradores nas suas calçadas, como é o caso da enorme caixa d'água locada com uma cobertura para proteção, além disso é comum a calçada como um alpendre, onde pilares segurando uma cobertura para proteção (M11). Nesse trecho, a atmosfera foi sentida diferente, o próprio som é de pessoas vivendo e usando o espaço, e não de motores.

Em contraste, na rua Manoel Antônio os vizinhos pareceram mais tímidos. Na esquina encontrei duas senhoras conversando, quando outra senhora que passeava com seu cachorrinho foi conversar com elas (MA5). A frente notei uma senhora e um homem jovem sentados de maneira solitária (MA6 e MA7), em seguida observei dois casais conversando, o primeiro parecia ter uma conversa demorada e o segundo, em pé, tinham pressa (MA7 e MA8). O final do trecho permaneceu sem movimento (MA9).

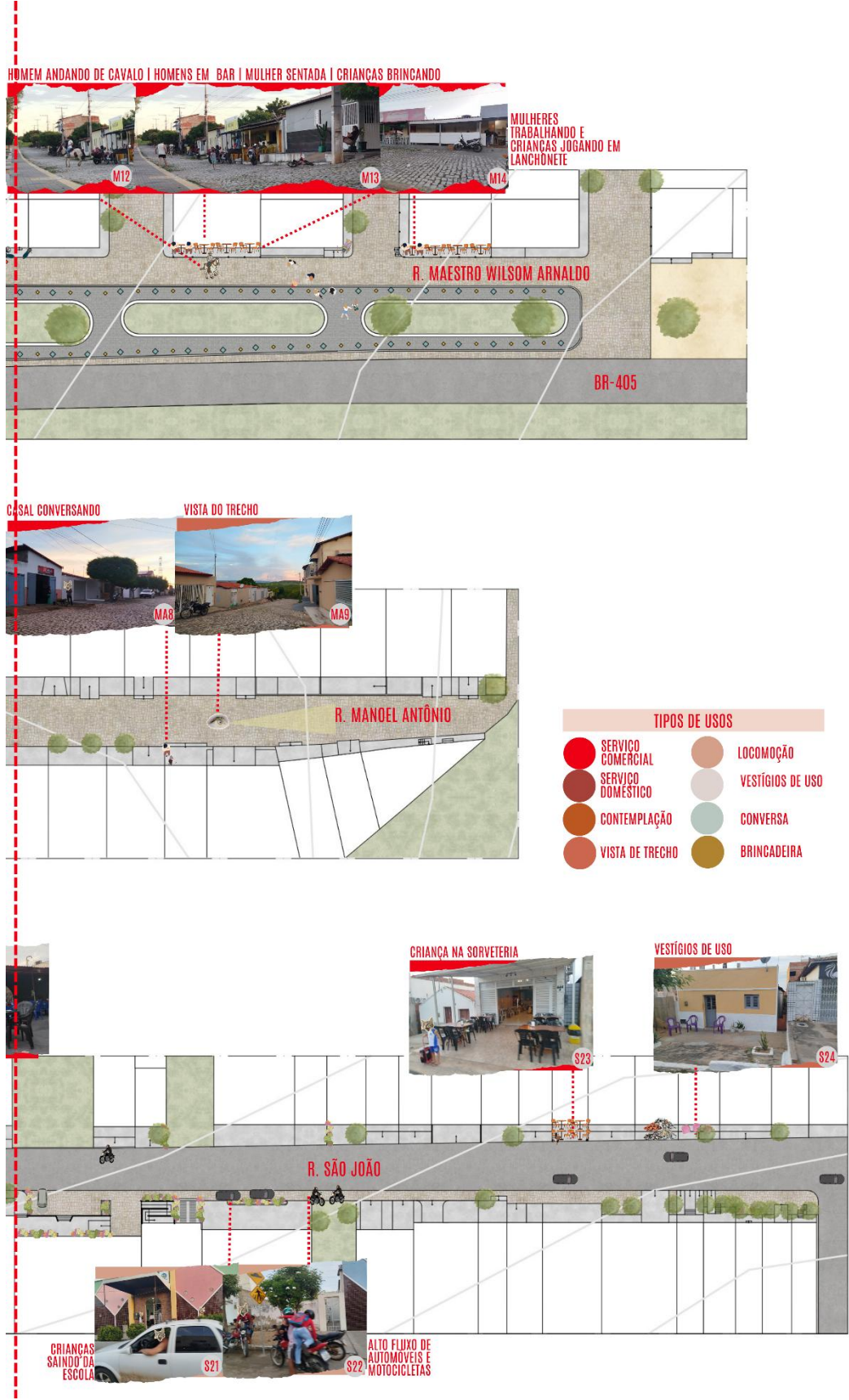
Na rua São João, o movimento noturno começa a aparecer nos estabelecimentos. Na lanchonete Pit Stop e o espetinho Na Esquina os funcionários preenchem a calçada com mesas e cadeiras para receber os clientes, enquanto a padaria faz fila com moradores, trabalhadores e estudantes, agindo como um potencializador de fluxo local (S15, S19 e S18). Analogamente, foi observado a grande presença masculina na área: um homem estava sentado sozinho, escutando música (S16), um grupo de homens idosos estavam sentados na calçada de um bar, conversando e rindo alto (S17). Na escola, as crianças são liberadas e seus responsáveis os esperam em automóveis e motocicletas (S21 e S22), o som de motores e buzinas invade o trecho. Por fim, notei um garotinho, saindo da sorveteira próxima, sem supervisão (S23) e uma calçada com cadeiras, que indica atividade humana no local (S24).

Figura 27 - Cartografia – Ação Tarde C



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

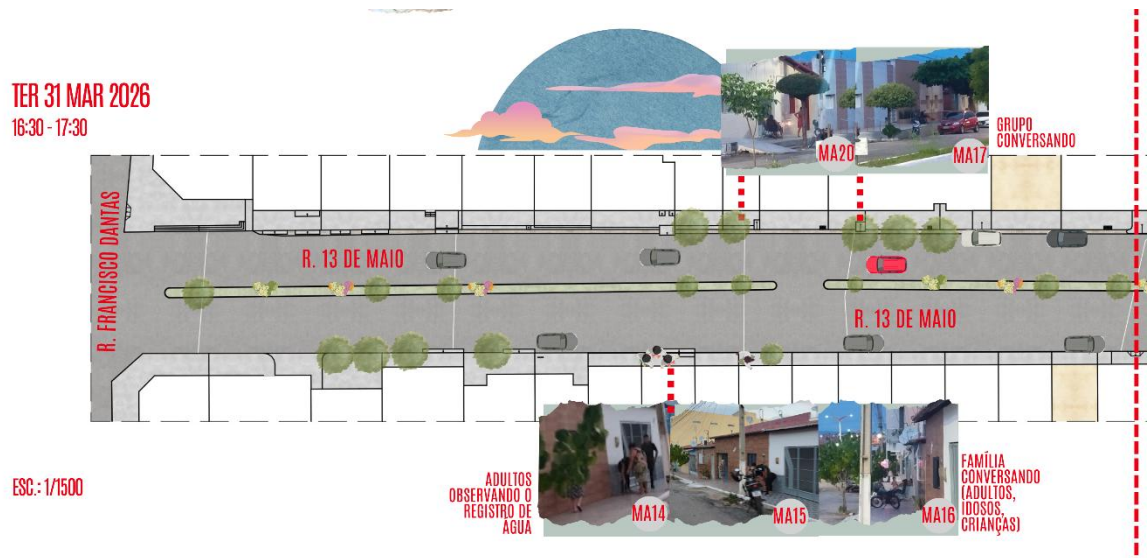
Figura 28 - Cartografia – Ação Tarde D



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

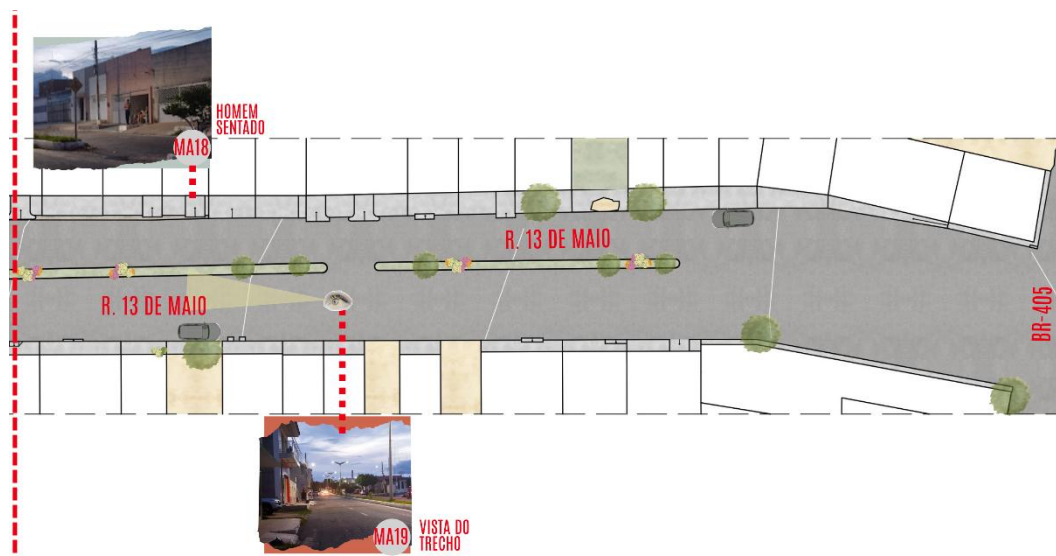
À tarde, a calçada é palco das ações sociais na rua 13 de Maio, como identificado nas Figura 29 e Figura 30. Grupos de idosos sentadas conversando é o grupo predominante (MA16, MA17, MA18 e MA20). Em campo, presenciou-se uma senhora saindo de casa com uma cadeira nos braços indo sentar-se com vizinhas com uma certa distância da sua casa, mostrando que não é apenas o ato de contemplar a paisagem que a move o cotidiano exercido nas calçadas, mas a interação social (MA7). Além de um grupo de adultos interessados em um registro de água (MA14), numa ação utilitária.

Figura 29 - Cartografia – Ação Manhã E



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 30 - Cartografia – Ação Manhã F



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

À noite, entre 20h e 21h, ocorre a redução do fluxo de veículos motorizados, criando uma paisagem sonora tranquila, com pouca verberação de sons de automóveis ou motocicletas. As calçadas mais uma vez são artefatos protagonistas da interação social urbana e da “calçada para dentro de casa”, como cartografado (Figura 31, Figura 32, Figura 33 e, Figura 34).

A rua Carloto Fernandes Távora apresenta uma alta vitalidade noturna. As Figura 31 e Figura 32 revelam uma atmosfera doméstica e familiar nas calçadas: crianças brincando livremente (C20), casais conversando (C19, C23 e C24) grupos de famílias reunidos (C22 e C26) e pessoas diante de suas casas (C21, C25 e C27). A calçada torna-se uma extensão direta da casa. Em campo, observei em algumas moradas o hábito de assistir à televisão a partir da calçada: a um só tempo, os corpos sentados na calçada se situam em ambiente público, mas os aproximam de seus lares.

Na rua Joaquim Torquato, a apropriação do espaço é dividida por um misto de permanência passiva e atividades comerciais. Presenciei o hábito recorrente de sentar na calçada de maneira solitária, em contraste com a vitalidade trazida pelo comércio noturno (J32 e J35). A lanchonete (Café de La Paix) e o bar (Bar da Elizângela) em funcionamento atuam como pontos potencializadores de fluxo e permanência, ampliando o domínio mercantil para a calçada, transformando-a em um lugar de contatos e trocas sociais (J37 e J38).

A rua Lafaiete Diógenes, por sua vez, mantém as operações cotidianas que analisei no entardecer. Identificam-se agrupamentos de homens e mulheres de diferentes idades conversando nas calçadas na primeira metade do trecho (L29, L30 e L31). Lanço luz na performance ou cena de um idoso cochilando diante da lanchonete, uma explícita demonstração de conforto e segurança (L32). A segunda metade do trecho permanece sem pessoas nesse dia e horário (L34). No entanto, com cadeiras vazias e mobiliário deixados na calçada são "vestígios de uso"(L33) esses elementos funcionam como marcadores territoriais, atestando fisicamente a intenção de voltar, além de enfatizar sentimentos de segurança compartilhados com os vizinhos. Dessa maneira, é a permeabilidade da fronteira entre o público e o privado é nítida, na qual a calçada permanece "habitada" simbolicamente mesmo durante as ausências momentâneas de seus habitantes.

Figura 31 - Cartografia – Ação Noite A



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 32 - Cartografia – Ação Noite B



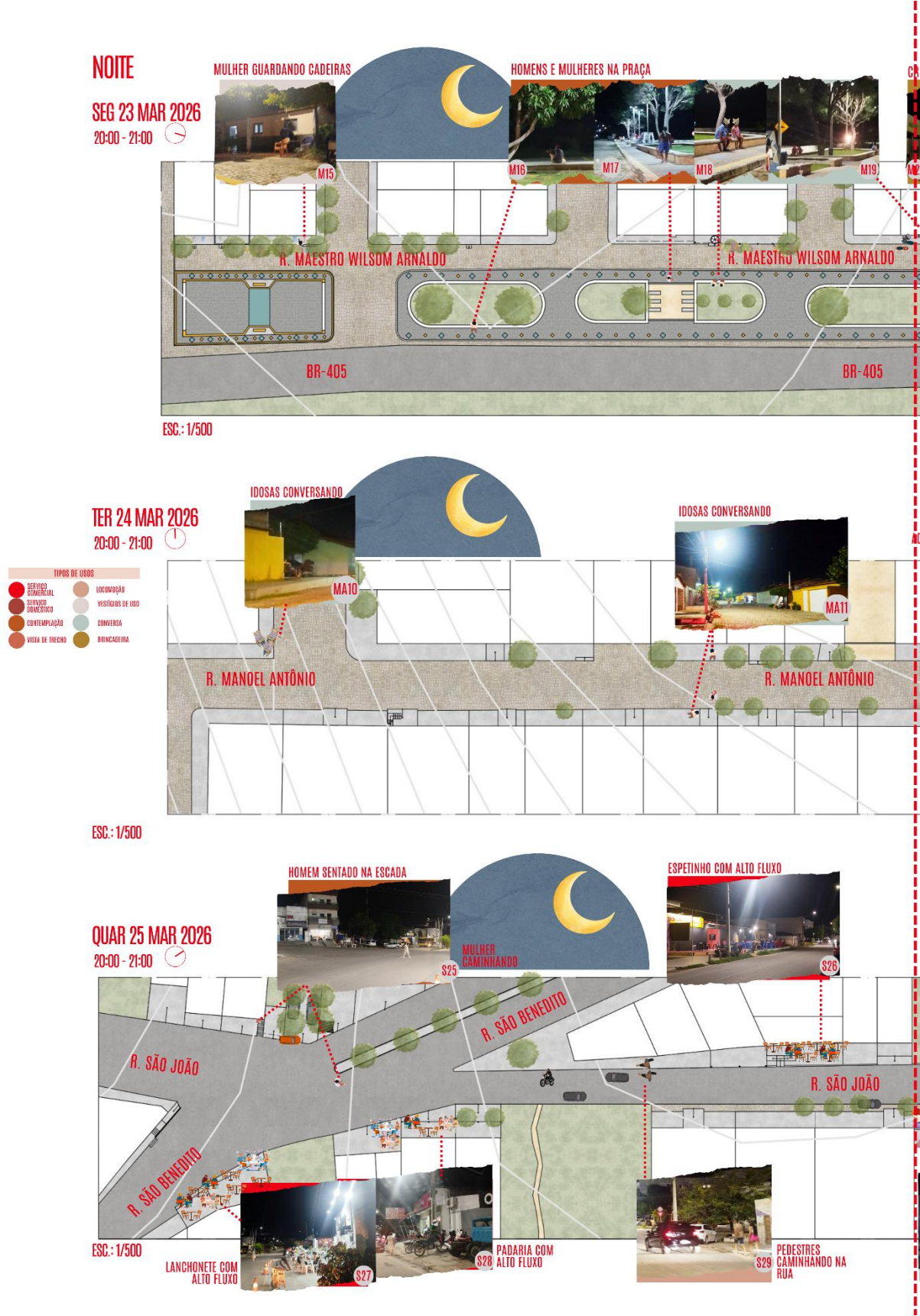
Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

A atmosfera alegre da rua Maestro Wilson Arnaldo começa a diminuir (Figura 33 e Figura 34). No início do trecho, vi uma família com cerca de quatro pessoas guardando as cadeiras da calçada e trancando a porta (M15). Ainda assim, na praça estava um casal (M18) e duas mulheres conversavam em sentados nos bancos (M19), enquanto um homem observa o local (M16) e outro caminhava de maneira solitária (M17). Na segunda metade do trecho, o bar fechou (M20) e a lanchonete vizinha desempenhou o papel de ponto atrativo de fluxo, em que se encontrava muitas famílias num momento de lazer (M21), em frente, crianças brincavam no playground da praça e corriam de um lado para outro da rua, numa brincadeira em grupo (M22).

Nesse horário foi encontrado mais movimento na rua Manoel Antônio, com maioria de mulheres adultas e idosas. As senhoras vistas a tarde continuavam no local, mas com mais duas companheiras, formando um grupo de quatro senhoras (MA10), notei que no chão havia uma garrafa de café indicando que elas conversavam e comiam na esquina. À frente, vi uma senhora sentada na calçada com um homem que permanecia no celular, ela tentou conversar com a vizinha da frente, sem atravessar a rua, e para facilitar o diálogo, ela se levanta e vai até o meio da rua, depois volta para sua cadeira (MA11). Em seguida, avistei uma adolescente sentada no chão da calçada mexendo no celular sozinha (MA12), o resto da rua estava vazio, porém uma casa mantinha o portão da garagem aberto, com os carros estacionados na calçada, e dentro foi possível identificar uma família conversando, dentre eles, um homem estava deitado na rede ao pé do portão (MA13).

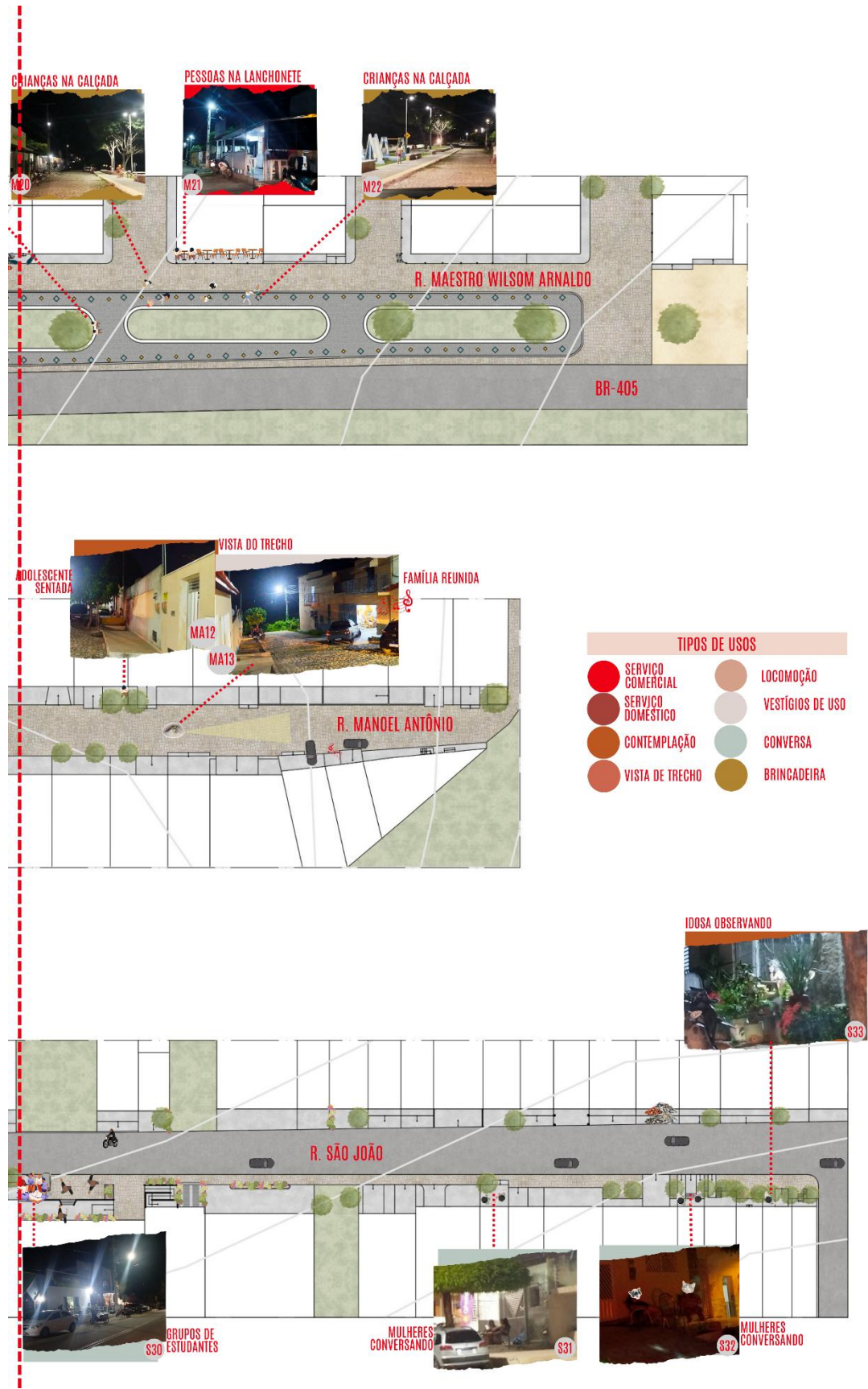
Na rua São João ocorre uma divisão de usos muito distintos em si, em que é notada a forte presença feminina. Na primeira metade do trecho prevalece a atividade de serviço de alimentação prestado na lanchonete muitas mesas são preenchidas por grupos de mulheres (S27), a padaria estava lotada, com fila e mesas cheias, nos quais notei jovens estudantes com roupas características do curso técnico de enfermagem, (S28) no processo passei por uma senhora e um casal de jovens que caminhavam pela rua (S29). No espetinho, havia um grande fluxo de pessoas, em sua maioria homens bebendo (S26). Por outro lado, na segunda metade do trecho, vi muitos jovens ocupando a calçada da escola profissionalizante (S30), eles conversavam alto e em grupos pequenos, vi outros caminhando até a lanchonete. Em seguida, o trecho se acalma, o silêncio prevalece e só é possível ver mulheres adultas e idosas sentadas, conversando na calçada (S31, S32 e S33), assim, o restante das casas se mantinham fechadas.

Figura 33 - Cartografia – Ação Noite C



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

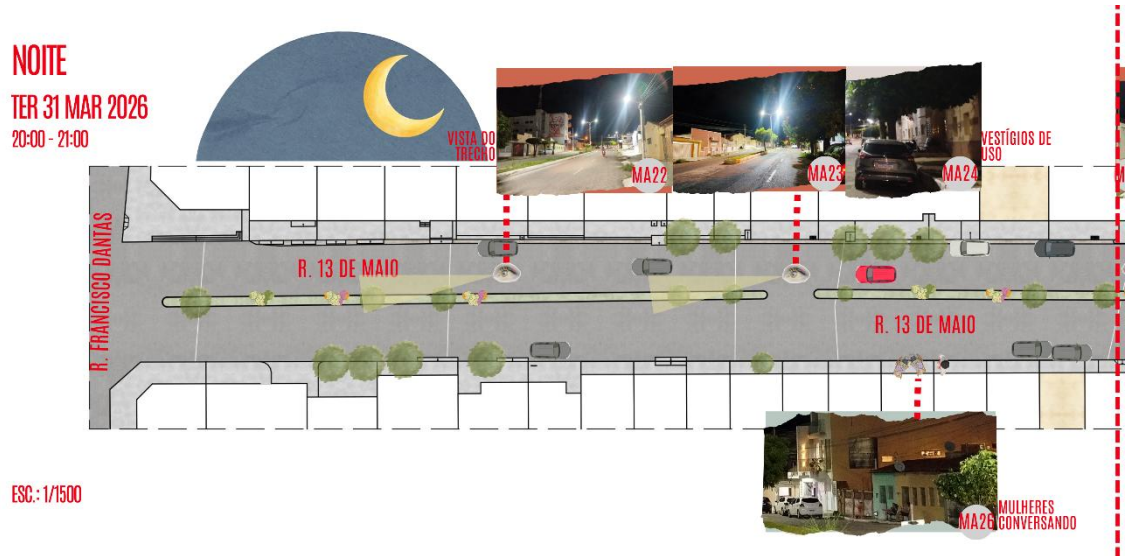
Figura 34 - Cartografia – Ação Noite D



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

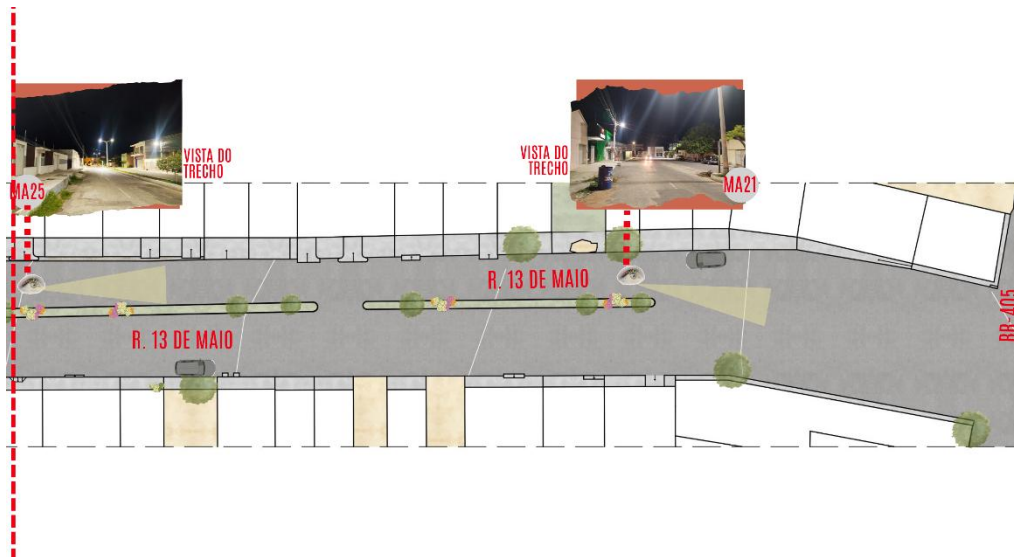
A cartografia noturna no trecho da rua 13 de Maio (Figura 35 e Figura 36) revela um certo esvaziamento semelhante às demais com uma dinâmica de recolhimento, que cria uma paisagem silenciosa. A sociabilidade é reduzida a um grupo de mulheres conversando (Imagem MA26), com vestígios de uso da imagem MA24.

Figura 35 - Cartografia – Ação Manhã E



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

Figura 36 - Cartografia – Ação Manhã F



Fonte: Adaptado do Google Earth (2026).

As cartografias apresentadas ensaiam o que Jane Jacobs (2011) chama de balé da calçada. Para ela, a convivência social nas calçadas forma uma coreografia ordenada como a do balé, cada morador com sua própria rotina entende a rotina social da sua rua, tanto em dias

que são obrigados a ser um estranho em outra calçada, mas também em dias de costume, em que cada indivíduo ou grupo compõe um todo ordenado. Jacobs (2011) explica que a calçada é por si um elemento abstrato, que depende da usabilidade do contexto urbano.

Em ruas comerciais como, no caso do estudo feito, a São João a calçada toma um fluxo rápido de tráfego, com personagens variados e habituais, quem costuma ir na padaria nos mesmos dias e horários e tomar café sentado à mesa, já sabe quem esperar, são conhecidos, mas sem intimidade suficiente para invadir a vida privada, definido pela autora como não comprometimento pessoal. A soma desses contatos sociais resulta numa identidade pública e forma uma rede de confiança, respeitando o tênue limite entre público/privado. Em contraponto, no mesmo bairro é visto um fenômeno diferente, na rua Carloto Távora, os vizinhos conversam, chamam o outro para experimentar uma nova receita de bolo e sentam-se na calçada por longos momentos, exercendo a progressiva privatização do espaço público de Certeau et al. (2025). A convivialidade testemunhada na rua e na calçada é um fator determinante para entender a atratividade do espaço, os olhos para a rua influenciam a sensação de segurança, tornando cada morador um proprietário natural do espaço público formando uma rede complexa de relações e vigilantes mútuos (Jacobs, 2011).

Similarmente, Doreen Massey (2026) explica o espaço sendo produto de “relações-entre”, sendo necessário compreendê-lo como a coexistência de uma pluralidade de trajetórias e uma simultaneidade de “estórias-até agora”. A autora chama atenção para a interposição de estórias, na rua diversas ações acontecem de forma paralela, o ritmo do comércio é acelerado enquanto o doméstico é lento. A exemplo, na rua Lafaute Diógenes identifiquei o mesmo homem sentado na cadeira em três períodos do dia (Figuras 14(L8), 16(L18) e 22(L26)), enquanto as lojas funcionavam no fluxo constante ao ritmo do mercado. Dessa forma, é identificada um entrelaçamento de usos e agentes. Essa periodização e temporalidade, como menciona Massey (2026) compõem a coexistência da heterogeneidade, cada rua e calçada possui sua rotina atravessada pelas relações. Em cada rua foram cartografadas ações rotineiras dos moradores, que apesar de aproximadas, a atuação nunca é igual, pois existe antes as entidades e interrelações formadoras de identidade. Dessa forma, o ser é parte integrante no que consiste a espacialidade e essa, forma a identidade. Assim, o espaço precisa estar aberto, sempre em processo, para atender as necessidades dos usuários.

4.3 Pesquisa Participante

O estudo sobre as calçadas de Jaguaribe e Pau dos Ferros se valeu de pesquisa participante com os/as moradores/as que se apropriavam delas de distintas modalidades,

principalmente na forma de cultivo da borda calçada-jardim. Esses lugares foram selecionados a partir de leitura visual da pesquisadora em campo. Durante as caminhadas pelas cidades, a percepção foi moldada pela experiência urbana descrita por Gordon Cullen (2008). A paisagem urbana é apreendida pelos sentidos e pelo corpo. Assim, ao virar uma esquina e me deparar com uma calçada com um enorme jardim, era tomada por uma grande surpresa, empolgação e admiração. Nesse aspecto, foi necessário incursões recorrentes nas cidades para apreender como as operações cotidianas e a sensibilidade dos/das usuários/as aparecem de forma expressiva nas calçadas. Para tanto, desdobraram-se conversas com essas pessoas no intuito de perceber o significado daquele lugar nas experiências diárias.

A abordagem metodológica da pesquisa participativa busca aproximar o/a entrevistado/a na produção do conhecimento, o que permitiu que cada conversa fluísse de forma única. Após as conversas, foi realizada a transcrição de áudios e a análise do conteúdo, incluindo a fotografia das calçadas. Respeitando a confidencialidade e anonimato de cada morador, optou-se por instituir um sistema de códigos. Os/as participantes são identificados/as pelo termo "Morador" ou "Moradora", seguido pela inicial da cidade onde residem, Jaguaribe (J) ou Pau dos Ferros (P), e a numeração sequencial. Em suma, os relatos dão voz aos habitantes e comprovam, na prática, que a calçada é um território esponjoso, poroso, próprio da borda e do complexo entrelaçamento entre o público e o doméstico.

A pesquisa participante que direciona este trabalho de conclusão de curso se circunscreve na simpoiese proposta por Donna Haraway (2023, p. 119), que seria “fazer-com. Nada se faz por si só; nada é realmente autopoético ou auto-organizado [...] descreve a mundificação conjunta, em companhia”. Os relatos e conversas transcritos a seguir são testemunhos de que os argumentos aqui tecidos são o resultado de um trabalho conjunto (fazer-com) com habitantes de Jaguaribe e Pau dos Ferros.

4.3.1.1 Tecer os fios das conversas

A partir dos relatos, fica claro que a calçada, longe da função de passeio, expressa as complexidades da vida humana nas bordas e na cidade. Torna-se o lugar da tessitura de pertencimento, afeto e resistência. São como contranarrativas da apropriação de territórios muitas vezes pouco considerados nas políticas de estado de planejamento urbano. As conversas se fundamentaram em quatro premissas diretivas: quais momentos do dia usa-se a calçada? Desde quando a calçada é um jardim e local de descanso? Quais atividades familiares são realizadas na calçada? Qual o significado das plantas para você? Contudo, cada relato possui nuances próprias, pois cada morador/a se demorou em algum assunto. Dessa maneira, as

conversas foram categorizadas em quatro âmbitos: I) A estética do cuidado e os Jardins, II) Sobreposições, III) A expansão do domínio doméstico e IV) A calçada como ateliê.

4.3.1.2 A estética do cuidado e os jardins

Os/as moradores/as cultivam jardins na fachada de suas casas como resposta às necessidades ambientais e subjetivas, mas sobretudo para promover a beleza que encontram na jardinagem. Para a Moradora (J1), a apropriação sensível da fachada iniciou-se por um desejo estritamente estético (Figura 37). A formação de seu jardim, composto por espécies ornamentais sem frutos, ocorreu de maneira comunitária por meio da troca de mudas com suas vizinhas. Ela usa a calçada em horários próximos ao pôr do sol para conversar com pessoas conhecidas do lugar. A senhora ainda deixou claro que, em razão de a casa estar voltada para o oeste, as plantas colaboram com a amenidade da temperatura interna da residência. Atualmente, por questões de saúde, a ela delegou a manutenção do jardim ao irmão, assumindo a posição contemplativa.

Semelhantemente, para a Moradora (J2) o gosto pela jardinagem vem da beleza das plantas; porém, transcende a superficialidade, pois atua como um trabalho manual terapêutico. Para ela, esse é o momento de cuidar de seu jardim, tempo de “descansar a mente”. Por meio desse relato, observei que a calçada-jardim age nos sentimentos dela segundo chave biofílica. A biofilia pauta a relação harmoniosa entre humanos e fatores bióticos com vistas a firmar a harmonia entre eles (Trevisam; Oliveira, 2024). A senhora cita que sempre gostou de plantas e tentou manter seu cultivo como trabalho cotidiano. Devido ao fato de às condições climáticas do semiárido, que compõe boa parte dos sertões do Nordeste, a moradora se preocupa em manter as espécies delicadas sob a sombra de plantas maiores e, nos períodos de pico de calor, instala telas de sombreamento. A moradora mencionou que não se demora na calçada além do tempo com seu jardim (Figura 38), por gostar de assistir telenovelas, isto é, há um tempo de estar na calçada-jardim controlado por outras atividades cotidianas.

Figura 37 - Jardim da Moradora (J1)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 38 - Jardim da Moradora (J2)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Em Pau dos Ferros, esse fenômeno atravessa as operações da vida diária. A vegetação atua como estratégia terapêutica e de bem-estar, além do embelezamento da paisagem urbana. A Moradora (P1), já idosa, compôs seus jardins ao longo de muitos anos. Ela utiliza as espécies arbóreas primariamente para garantir sombreamento, viabilizando sua permanência na calçada durante a manhã e ao entardecer, a mesa e a cadeira na calçada (Figura 39) indicam a calçada-jardim como um território utilizado para lazer, alimentação e outras atividades. A vegetação é um verdadeiro arquivo vivo: ela guarda espécies que costumava trazer de suas viagens a Juazeiro do Norte (CE). Devido à idade, o cuidado diário foi transferido para a filha, evidenciando a herança familiar das relações biofilicas mediadas pela calçada-jardim. A senhora também citou sua tristeza quando as pessoas “arrancam as plantas”, sem pedir, pois, algumas espécies só brotam por semente ou batata (bulbos). Esse ato pode prejudicar a aclimação da espécie em outro lugar. A conversa com a senhora lembra os sensíveis comentários de Han (2021) como o trabalho de cuidar de jardim resulta na redenção.

Figura 39 - Jardim da Moradora (P1)



Fonte: Esdras Arraes (2025).

Para a Moradora (P2), o cultivo na calçada iniciou-se, igualmente, como um recurso terapêutico para o enfrentamento da depressão. Para ela, o "sentir-se bem" está atrelado ao fazer manual. Embora utilize pouco a calçada para sociabilidade, o espaço se converteu em uma

experimentação botânica particular (Figura 40), por meio da qual a moradora cultivava espécies variadas, e realiza por trabalho manual os enxertos e mudas. Já a Moradora (P5) destaca-se por um jardim ancorado por um grande pé de algodão, preferindo o colorido das flores aos cactos e suculentas para embelezar a paisagem da rua. Ela relatou que utiliza a calçada-jardim para conversar com vizinhos e familiares e tecer vínculos de sociabilidade.

Figura 40 - Jardim da Moradora (P2)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Já a Moradora (P8) iniciou o cultivo do jardim após uma enfermidade de seu marido. Como ato biofílico, ele acordava cedo às manhãs para cuidar do jardim, preferindo espécies ornamentais ("que não servem para nada"), enquanto ela preferia cultivar hortas (Figura 41). Ela conta que a única espécie frutífera (mamão – *Carica papaya*) cresceu por um “erro”, provavelmente veio com o adubo colocado nas plantas e “pegou”. A calçada é utilizada ao longo do dia, especialmente ao entardecer, para conversar e contemplar a paisagem daquele sertão.

Figura 41 - Jardim da Moradora (P8)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

A fachada vibrante da Moradora (P3), contendo plantas e objetos coloridos (Figura 42), funciona como atrativo para um ecossistema botânico local, sobretudo o complexo e belo jardim plantado no quintal da casa (Figura 43). O jardim é minuciosamente planejado, com vasos adornados por artefatos decorativos. A sociabilidade, neste caso, dá-se por meio da doação de mudas: a moradora orgulha-se de fazer constantes "mudinhas" (com destaque para as Rosas do Deserto – *Adenium obesum*) com o intuito de oferecer para qualquer pessoa que lhe peça. O cultivo engloba a diversidade como princípio estético da jardinagem: hortaliças, frutíferas, flores, suculentas e cactos, somada à sua notável dedicação à criação de mudas e enxertos. Um fator determinante para permanência mínima na calçada é a localização de sua morada na periferia da cidade de Pau dos Ferros (bairro Bela Vista), junto à rodovia BR-405.

Figura 42 - Fachada Moradora (P3)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 43 - Fachada Moradora (P3)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Por sua vez, a moradora (P4) explicou que a falta de terreno no interior da casa a fez plantar na calçada e no corredor lateral de sua casa. Seu relato é um caso emblemático de troca de saberes (Figura 44). Ela não apenas cultiva, mas pesquisa ativamente o nome científico de cada muda que ganha ou compra. O grande destaque de sua calçada é a *Clitoria ternatea*, (Figura 45) planta que atrai atenção pela morfologia de sua flor (como o nome científico sugere, a flor lembra o órgão genital feminino). Além da curiosidade estética e científica (considerada por nós como emblema da interseccionalidade entre calçada-jardim e gênero), a planta revela a multiplicidade de usos do espaço fronteiro, sendo manuseada pela moradora como recurso medicinal na forma de chás.

Figura 44 - Jardim da Moradora (P8)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 45 - Espécie *Clitoria ternatea*



Fonte: UFSC (2026). Disponível em: < Disponível em: < <https://hortodidatico.ufsc.br/clitoria/> >. Acesso em: 4 mai. 2026.

4.3.1.3 Sobreposições

Partimos do conceito de **sobreposição** aplicado por Gordon Cullen (2008) em seu livro *Paisagem Urbana*. Para esse arquiteto, a sobreposição seria uma qualidade do cotidiano representada pela aceitação natural das “vantagens da convivência e dos inconvenientes” dos múltiplos usos da cidade (Cullen, 2008, p. 78). Nos casos estudados, a apropriação do ambiente público se dá de duas maneiras: a/o moradora/or intervém atribuindo funções comerciais à calçada. Um ótimo exemplo, foi localizado no bairro Alto São Geraldo (Figura 46 e Figura 47). A residente converteu sua calçada em espaço de venda de esculturas de jardins. Diferentemente das calçadas-jardins antes comentadas, aqui temos um fenômeno exemplar do que Solange de Aragão e Euler Sandeville Junior (2019) chamaram de **jardins de objetos**. Para a autora e o autor, o jardim de objetos é “normalmente cultivado por seu proprietário [da casa]... O tradicional se mistura ao novo: o jardim com sentido útil e o jardim da sociedade de consumo em um mesmo pedaço de chão” (Aragão; Sandeville Junior, 2019, p. 2).

Figura 46 - Objetos de jardim



Fonte: Esdras Arraes (2025).

Figura 47- Jardins de objetos



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Retomando a tessitura dos fios das conversas, a Moradora (J3) informou que, por sua casa ser local de venda de açaí, o uso da calçada se faz, sobretudo, à noite, com os clientes se

reunindo com os vizinhos para conversar. Seu “orgulho” reside no cultivo de suas plantas. Quando conversamos sobre “Qual o significado das plantas para você?”, ela respondeu: “eu amo planta, planta é vida”. Mais uma vez demonstrando os benefícios do entrelaçamento biofílico entre plantas e pessoas. Ela trata a vegetação com afeto e proximidade, como seres passíveis de entendimento, por isso faz questão de “conversar” com suas plantas: dá “bom dia” e “boa noite”. Além disso, ainda indica espécies sensíveis para afastar inveja e outros sentimentos negativos. O intenso amor pelas plantas a faz defender seu território de muitos acontecimentos negativos. O cultivo na calçada-jardim transcende o paisagismo e atinge uma profunda conexão emocional (Figura 48). Essa paixão embeleza o comércio noturno da família e cria um refúgio de convivência, inspirando outros moradores a jardinar a paisagem urbana.

Figura 48 - Jardim da Moradora (J3)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

4.3.1.4 A expansão do domínio doméstico

Essa categoria se refere à ocupação das calçadas quando o lote apresenta condições desfavoráveis para conforto e convivialidade, como a forte exposição da casa para a direção oeste. Dessa maneira, as/os moradoras/es expandem suas rotinas para o lado oposto da via. A Moradora (J4) comentou junto à sua filha o uso de um espaço ocioso diante de sua residência.

Devido à orientação poente e ao grande desconforto térmico, sua família adotou a instalação da cobertura na própria calçada para sombreamento, dando um aspecto de alpendre ao recinto. No entanto, a maior intervenção ocorreu do outro lado da via, onde a moradora plantou árvores de grande porte há mais de 20 anos e iniciou o cultivo de seu jardim. Recentemente, a família e os vizinhos pavimentaram a área criando uma calçada. O microclima criado é um potencializador da sociabilidade naquele território fraternal, que contém: o uso de uma churrasqueira improvisada, cadeiras, mesas, jarros de plantas e outros mobiliários (Figura 49). O lugar é palco de performances cotidianas variadas com refeições, jogos de cartas entre idosos e o convívio nos finais de semana (Figura 50).

Figura 49 - Jardim da Moradora (J4)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 50 - Mobiliário na calçada da Moradora (J4)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Situação parecida ocorreu com a família da Moradora (J5). Ela relatou como foi a ocupação da calçada. Limitados por uma rampa de garagem e insolação, a família calçou o trecho do lado oposto da rua. Logo que isso aconteceu a alguns anos, a sogra da moradora iniciou o cultivo de diferentes espécies vegetais. O casal adicionou mesas, cadeiras de balanço, bancos e churrasqueira (Figura 51), pois ali é onde se realiza a maior parte das atividades em família, como festa de aniversário e refeições.

Figura 51- Calçada da Moradora (J5)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Em outros casos, o domínio doméstico se amplia no âmbito da socialização urbana, a calçada torna-se um ambiente de recepção, como uma sala de estar a céu aberto. A Moradora (P6) conversava com sua amiga sentadas na calçada, quando a perguntei sobre como é a atualização do ambiente. Ela admitiu, rindo, sobre os benefícios coletivos, como o embelezamento da rua e a redução da temperatura local, fatores que legitimam a apropriação táctica. Ela narrou que passa boa parte do dia na calçada, mesmo no período mais quente do dia (entre 12h00-15h00). A calçada é identificada na Figura 52.

Figura 52 - Calçada da Moradora (P6)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Outro caso significativo refere-se à experiência da Moradora (P7), já idosa. Esse relato consolida a teoria da calçada como "esponja" e como lugar de troca afetiva. Ela toma a calçada como ambiente doméstico, e fez questão de que o revestimento do piso fosse o mesmo, para não haver nenhuma diferença entre os espaços, a fronteira pública/privada desaparece (Figura 53). Também cita seu costume de sentar com a família para conversar ou apenas olhar a paisagem urbana, principalmente do entardecer até a noite. A senhora explicou seu amor pelas plantas desde a infância e seu desejo de se tornar, após sua morte, em “jardineira de Nossa Senhora”. Nesse momento, ela me mostrou a blusa com a imagem da padroeira de Pau dos Ferros. Esse ato seria um dispositivo de agradecimento espiritual e aproximação religiosa. Apesar de as plantas serem cultivadas no quintal, há plantas na calçada por sua beleza. Outro símbolo de religiosidade atrelado à borda entre o doméstico e o público seria a imagem de Nossa Senhora Aparecida, encontrada em outro jardim da cidade de Pau dos Ferros (Figura 54).

Figura 53 - Calçada da Moradora (J5)



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 54 - Imagem religiosa em jardim



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

4.3.1.5 Calçada como ateliê

A calçada se torna lugar de trabalho e expressão de técnica no fazer design. São ações que enfatizam o uso da calçada como lugar onde o corpo se entrelaça com o trabalho artístico de artesãs de Jaguaribe. A calçada é um ateliê ao ar livre para mulheres que produzem a tradicional **renda filé** (Figura 55). Nossas conversas gravitaram no horizonte da pergunta: “As senhoras bordam há muito tempo?”. Elas relataram que desde de sempre aquele era o passatempo. Faça chuva ou faça sol, elas se encontravam na calçada para bordar e conversar.

Outra senhora comentou que aprendeu a bordar sozinha há mais de 10 anos. Quando ainda habitava o campo, ela assistia a um menino bordando e, por achar muito bonito, pediu que a ensinasse. Mas por ser uma criança de 7 anos, preferia brincar. Assim, ela decidiu aprender a arte sozinha, observando a performance de outras rendeiras e o trançado característico. Enquanto ela bordava o desenho, sua amiga fazia a grade de outra tela.

Como detalha a modista e antropóloga Helena Kussik (2024), a definição do filé como um bordado ou renda é comum. O termo é de origem francesa, sendo conhecido como uma rede bordada. Porém, em Jaguaribe, “o filé é considerado renda e as artesãs rendeiras” (ibid, 2024, p. 211). A autora explica o que foi observado na prática, o filé possui diferentes etapas e cada artista se especializa em uma, a saber: o quadro, a trama e a renda ou bordado. Durante a pesquisa participante, a presença dessas mulheres configurou a rua como uma verdadeira galeria de atividades: artesãs caminhando com telas, outras costurando em grupo, peças estendidas em varais sobre a calçada (Figura 56) e telas deixadas na porta de casa (Figura 57), reafirmando o ambiente público como lugar de sobreposições e continuidades do fazer e do conviver.

Figura 55 - Artesãs de renda filé



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 56 - Roupas de renda filé estendidas na calçada



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 57 - Telas de renda filé na calçada



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

O estudo sobre o uso das calçadas atravessa objetos recortados no meio social e procura compreender as relações das pessoas com plantas e os objetos variados. Nesse aspecto, Michel de Certeau et al. (2025) chama a atenção para as “táticas” sociais como um vínculo que une o espaço privado e o público. O limite entre essas dimensões constitui a borda que as une numa relação de interdependência. Nessa dicotomia entre o de dentro e o de fora, ocorre o crescimento do de dentro que efetua a apropriação do espaço. Dessa maneira, as intervenções nas calçadas, como sensivelmente demonstrado nos relatos das moradoras, criam uma cidade “poetizada”, a partir da qual estabelece um lugar de reconhecimento, como explica de Certeau et al. (2025). À medida que as moradoras relatam seus hábitos, como sentar para conversar com seus vizinhos, o estar na calçada para atividades artísticas e a jardinagem, é criado um vínculo emocional e social, num aspecto de convivência, base do processo de reconhecimento entre as pessoas envolvidas nas atividades.

Os nexos entre pessoas e calçadas são igualmente responsáveis por criar um sentido de pertencimento ao lugar. Pertencimento no sentido atribuído por Bell Hooks (2022) e bem comentado por Halina Leal (2022) para o prefácio do livro *Pertencimento*: “Pertencer envolve reconhecer o valor da vida, respeitando a diversidade de ecossistemas e experimentando a conexão entre o mundo natural e a liberdade possível advinda daí” (Alves, 2022, p. 11). Além disso, aclimatar plantas e cultivar um jardim na calçada é um exemplo de “tática” elaborada no

meio urbano, como um ato subversivo benéfico para maior conforto pessoal e coletivo, que transforma o cotidiano em arte. Como reflete o historiador francês, o “usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou o seu prazer, que são as marcas que ele soube, por si mesmo, impor ao espaço urbano” (de Certeau et al., 2025, p.39).

O fenômeno da calçada-jardim-borda-ateliê ainda é encontrado em outras cidades dos sertões, como Encanto-RN (Figura 58), José da Penha-RN (Figura 59 e Figura 60) e Araripina-PE (Figura 61). Nas imagens, as calçadas recebem tratamento criativo por meio do projeto e cultivo paisagístico de jardins. As calçadas são um palco das “táticas” dos artistas do cotidiano, as moradoras e os moradores. É perceptível a segurança de se expressar, além do conhecimento no que se refere às maneiras adequadas de plantar e ao senso estético para compor. As calçadas-jardins favorecem a construção de paisagens urbanas coletivas. Ornamentam o lugar com o colorido das flores e folhagens que embelezam a fachada. O design é criterioso na seleção das espécies florísticas, das árvores, de suculentas e cactos, que cuidam do bioma local, diversificando-o, promovem conforto térmico, bem como ata os nós simpoéticos de pessoas com os seres do mundo vegetal (Haraway, 2023).

Figura 58 - Calçada – Jardim em Encanto/RN



Fonte: Esdras Arraes (2026).

Figura 59 - Calçada-Jardim em José da Penha/RN



Fonte: Esdras Arraes (2026).

Figura 60 - Calçada-Jardim em José da Penha/RN



Fonte: Esdras Arraes (2026).

Figura 61 - Calçada-Jardim em Araripina/PE



Fonte: Esdras Arraes (2026).

4.4 Noturnos

Esse tópico parte da experiência da observação sensível em campo dos usos das calçadas com a lua protagonizando os astros celestes. Nas cartografias, foi identificado o anoitecer como correspondente a um período de maior usabilidade desses ambientes. A principal hipótese aqui refletida é que esse fenômeno ocorre por ser o período do dia confortável termicamente comparado aos horários da manhã e vespertinos mais quente. As calçadas se tornam lugares convidativos para experimentar o cotidiano noturno. Também é o momento no qual os moradores já saíram do trabalho e podem se dedicar a suas vidas pessoais, ou seja, à vida cotidiana performada nas bordas da cidade. A seguir, as figuras (Figura 62, Figura 63, Figura 64, Figura 65, Figura 66 e, Figura 67) comparam os mesmos ambientes cartografados durante o dia e à noite, a fim de ilustrar o uso observado.

Figura 62 - Apropriação comercial na rua Joaquim Torquato



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 63 - Apropriação doméstica rua Joaquim Torquato



Fonte: Esdras Arraes (2026).

Figura 64 - Apropriação doméstica na rua Carloto Távora



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 65 - Apropriação doméstica rua Carloto Távora



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 66 - Rua Maestro Wilson



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

Figura 67 - Apropriação comercial na rua São João



Fonte: Arquivo pessoal (2026).

5 DISCUSSÕES

5.1 A poíeses das calçadas: apontamentos

A calçada exerce simbolismo no cotidiano das pessoas, como uma borda entre a esfera particular e a pública. É nesse limiar que as operações criativas de intervenção permitem o verdadeiro habitar. Este trabalho dá visibilidade aos hábitos de apropriação encontrados nas cidades dos sertões do Nordeste, especificamente em Jaguaribe (CE) e Pau dos Ferros (RN). Dessa maneira, parafraseando Patrícia da Cruz (2025), o encerramento desta pesquisa atende a um limite de tempo institucional, mas o debate está longe de uma conclusão definitiva.

Esse caráter aberto se dá, fundamentalmente, porque o espaço, como fundamenta Doreen Massey (2026), não pode ser fechado ou completo; ele é um processo contínuo que depende da multiplicidade e da pluralidade contemporâneas. Jane Jacobs (2011) nos ensina que a rua deve estar aberta à complexidade da vida urbana e abrigar a ordem orgânica e o ritmo das pessoas, enquanto Richard Sennett (2020) acrescenta que a porosidade deve estar prevista nos projetos urbanos para que a cidade não pereça. Essa abertura para o inusitado considera as necessidades de quem habita a cidade, fato imprescindível ao urbanismo e a projetos urbanos preocupados em não apenas impor uma vontade técnica, mas que saiba lidar com as especificidades da vida cotidiana e das bordas formativas do ambiente coletivo/privado.

Assim, a calçada é a borda que conecta o doméstico e o público, palco da justaposição de usos, tempos e cotidianos. Esse artefato funciona, nos termos de Certeau et al. (2025), como uma tática de rebeldia frente às estratégias do sistema, que convenientemente estabelece normas alheias à realidade vivida e aplica multas por o seu descumprimento. Diante do desafio heurístico encontrado ao longo da pesquisa, este trabalho lançou luz nas diversas operações cotidianas de intervenção nas bordas e como tais se sobrepõem, oferecendo uma fruição de limites. As intervenções são variadas: desde o simples ato de sentar-se na calçada, transformando-a numa sala de estar a céu aberto, o exercício de trabalho artístico feito por mãos femininas, até a adição de objetos e o cultivo de jardins, consolidando a privatização progressiva do espaço descrita por Certeau et al (2025).

Portanto, a calçada atua como uma linha de fuga da captura institucional, onde os métodos operacionais descritos por AbdouMalik Simone (2022) e as rotinas dos usuários compõem o que Jacobs (2011) denomina de “balé complexo da calçada”. Face à cidade, essas calçadas moldam uma cidade poetizada, com ritmos, temporalidades, estrutura e voz próprios a serem

interpretados e divulgados como representação e expressão de urbanidade. Trata-se de um lugar cujas dinâmicas de uso interseccionam gênero, raça e classe social.

Ademais, a falta de interesse em definir a calçada ao longo da história dá a ver o pouco caso do poder público para com esse artefato que promove circulação na cidade. Apesar de ser público, faz parte da responsabilidade do morador a construção de sua calçada, criando os sentidos de reconhecimento, pertencimento e a naturalização da apropriação. Cabe acentuar que, o objetivo aqui não é romantizar a falta de acessibilidade gerada pelos obstáculos e desníveis existentes em muitas calçadas, mas sim registrar a potência do hábito e provocar uma reflexão sobre como o cotidiano pode ser uma chave criativa no planejamento e projeto urbanos. A falta de sensibilidade em projetos de teor modernista pode gerar uma paisagem insípida, monótona como apreendidas nos bairros Nações Unidas, Chico Cajá e João Catingueira. Em contraponto, a vivacidade encontrada em outros bairros de Pau dos Ferros como São Benedito, Manoel Domingos, Princesinha do Oeste, Alto do Açude e São Judas Tadeu e outros casos aqui apresentados demonstra a complexidade do pluriverso das relações sociais e a diversidade urbana. O “habitar” nas calçadas desafia a tentativa de padronizar a vida na cidade e representa a identidade social efetivada no cotidiano.

Dessa maneira, torna-se evidente como os apontamentos da seção 4.1, sobre as cartografias-ações produzidas, e da seção 4.2, sobre a pesquisa participante entrecruzam-se e se complementam. Nos mapas elaborados, foram demonstrados visualmente os múltiplos usos dos espaços: constatou-se que moradores que se sentam na calçada para conversar possuem uma temporalidade distinta daqueles que estão apenas de passagem. Na pesquisa participativa, busquei conversar com esses moradores que se demoram nas calçadas. De uma maneira geral, evidencia-se um profundo apego ao lugar; a calçada supera a função técnica de uma passagem pavimentada para tornar o tráfego dos pedestres seguro, e converte-se em um jardim, um mirante para contemplar a paisagem, um refúgio com maior conforto térmico, e um lugar que proporciona a liberdade de conversar com vizinhos ou se reunir com a família. O morador consegue criar lugares de recolhimento e prazer, além de itinerários individuais ante as imposições do planejamento urbano (Mayol in Certeau et al., 2025; Simone, 2022). Essa dilatação do tempo na calçada, aliada às inevitáveis intersecções de gênero, raça e classe social, é o que rege a complexidade das interações e cristaliza a calçada como um território plural e vivo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 A calçada vivida

Os estudos realizados em pesquisa de campo e consultas bibliográficas demonstram a subutilização das calçadas nas prescrições normativas, as quais ainda empregam condicionantes oriundas da era colonial. O dilema sobre a posse da calçada a torna uma borda e uma fronteira, ele é criado pela tentativa estatal de redirecionar sua responsabilidade de construir e manter o zelo sobre esse ambiente. Assim, historicamente e em muitos casos, os órgãos públicos estabelecem diretrizes onerosas, tentando controlar ações por meio de multas, mas se eximem de participar ativamente na construção da urbanidade e do espaço público de qualidade. Por consequência, os moradores se empenham na autoconstrução e no zelo pela calçada, criando pertencimento ao lugar. A calçada se torna parte e extensão do ambiente doméstico, uma borda com seus acordos e tensionamentos, sendo fruto de operações criativas e sensíveis de seus moradores.

Ao dar continuidade às pesquisas de campo, foram produzidas cartografias-ações de trechos da cidade de Pau dos Ferros em que é possível redirecionar o olhar para os usos das calçadas. De maneira complementar, as conversas com moradores, por meio da pesquisa-participativa e da pesquisa-ação, constituída nas cidades de Pau dos Ferros e Jaguaribe, exemplificam de maneira prática como as calçadas são habitadas e o vínculo do morador com sua calçada, a maneira sensível que este intervém nela. Em campo, foi demonstrado como o fenômeno de usar a calçada, para além de um passeio público, é comum em diversas cidades pequenas nos sertões do Nordeste.

Nesse aspecto, a amplitude e subjetividade em torno da calçada sugere um complexo entrelaçamento entre público e privado, morador e estado. Este trabalho não tenta romantizar a falta de acessibilidade encontrada, mas tornar visível um hábito que influencia a maneira de produzir conhecimento ou projetos em torno do urbanismo. A complexidade em torno desse tensionamento dificulta qualquer intervenção de requalificação urbana sem um estudo sensível, pois tende insistir em uma perspectiva hegemônica de domesticar o hábito e a cultura voltando à reprodução colonial.

A complexidade do tema favorece a continuidade dessa pesquisa intitulada “Poemas urbanos: a poíeses da calçada e da vida cotidiana nas bordas de duas cidades dos sertões (Pau dos Ferros/RN & Jaguaribe/CE)”. Este estudo pretende contribuir para o estudo da borda e entendimento sobre as calçadas como um ambiente complexo e sensível. Para estudos futuros, sugere-se investigar propostas de desenho urbano que conciliem acessibilidade universal e usos

sensíveis já existentes. Assim, as calçadas vividas nos sertões não são apenas passeios públicos, são poemas urbanos escritos cotidianamente por seus moradores.

REFERÊNCIAS

- ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. **Cartografar é habitar um território existencial**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- ARAGÃO, Solange de; SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Jardim de objetos – introduzindo a questão. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, v. 30, n. 44, 2019, p. 1-9.
- ARRAES, Damião Esdras Araujo. **Ecos de um suposto silêncio: paisagem e urbanização dos “certoens” do Norte, c. 1666-1820**. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-13062017130722/publico/DamiaoEsdrasAraujoArraes.pdf> >. Acesso em: 16 de outubro de 2025.
- BASTIDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes**. São Paulo: DIFEL, 1978.
- BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2004. 159 p. (Série Pesquisa em Educação, v. 3).
- BRAGANÇA, Luciana Souza et al. **Jardins possíveis**. Tese (doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário português, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico...**: autorizado com exemplos dos melhores escritores portugueses, e latinos. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu; Lisboa: Officina de Pascoal da Sylva, 1712-1728. 8 v. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/>. Acesso em: 2 jun. 2026.
- CACCIARI, Massimo. **Polis y civitas: la raíz étnica y la concepción móvil de la ciudad**. In: CACCIARI, Massimo. *La ciudad*. Traducción de Moisés Puente. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.
- CASTRO, A. **Espaços Públicos, Coexistência Social e Civilidade. Cidade-Comunidade e Territórios**, p. 33-67, 2002.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2025.
- CRUZ, Patricia Fernanda de Sousa. “Cidade acaba com o sertão. Acaba?”: narrativas cartográficas de um lugar-sertão no Piauí. 2025. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2025.
- CUFF, Dana et al. **Urban Humanities**. Cambridge, MA: The MIT Press, 2020.
- CULLEN, Gordon. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CLÉMENT, Gilles. **Jardins, Paisagens e gênio da natureza**. Salvador: EDUFBA, 2024.

CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleao. **Diccionario de medicina popular e das sciencias accessorios para uso das familias**, contendo a descripção das Causas, symptomas e tratamento das moléstias; as receitas para cada molestia; As plantas medicinaes e as alimenticias; As aguas mineraes do Brazil, de Portugal e de outros paizes; e muitos conhecimentos uteis. 6. ed. Paris, A Roger & F Chernoviz, 1890. 2 v. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

CHUECA GOITIA, Fernando. **Breve historia del urbanismo**. 4. ed. Madrid: Alianza Editorial, 1977. 136 p. (El Libro de Bolsillo).

DEBRET, Jean-Baptiste. **Casa para alugar, cavalo e cabra à venda**. [Entre 1816 e 1831]. 1 desenho. Acervo da Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo. Disponível em: < <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3743?locale=en> >. Acesso em: 10 nov 2025.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano: no processo do planejamento**. São Paulo: Pini, 1990

DOMINGUES, Álvaro. **A rua da estrada**. Porto: Dafne Editora, 2009.

DOMINGUES, Álvaro. **Vida no campo**. Porto: Dafne Editora, 2012.

FRIEDMAN, Fania; FERREIRA, Carlos Henrique C. (orgs.). **Urbanizações brasileiras 1800-1850**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023. Disponível em:< https://www.researchgate.net/profile/Luiz-Saraiva/publication/384765438_As_provincias_que_nao_foram_Rio_Negro_Cisplatina_e_Cariris_Novos_desdobramentos_de_territorios_ocupacao_e_projetos_de_poder_na_construcao_do_Imperio_do_Brasil_c_1811-1828/links/6706b9bccc8c9a65638fcacc/As-provincias-que-nao-foram-Rio-Negro-Cisplatina-e-Cariris-Novos-desdobramentos-de-territorios-ocupacao-e-projetos-de-poder-na-construcao-do-Imperio-do-Brasil-c-1811-1828.pdf >. Acesso em: 16 de novembro de 2025.

FRY, Tony. **Design as politics**. Oxford; New York: Berg Publisher, 2011.

FUÃO, Fernando. **@Capital**. In: A Pedagogia da arquitetura bancária. Porto Alegre: Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura (PROPAR/UFRGS), 2019. Texto inédito apresentado em seminário.

GABARRÓN, Luis R.; LANDA, Libertad Hernández. **O que é pesquisa participante?** In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. (Orgs.). Pesquisa participante: a partilha do saber. Tradução de Telmo Adams. Aparecida: Ideias & Letras, 2021.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GEHL, Jan. **La humanización del espacio urbano: la vida social entre los edificios**. Barcelona: Reverté, 2020.

GOULART REIS FILHO, Nestor. **Evolução urbana no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1968.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: N-1 Edições, 2023.

HAN, Byung-Chul. **Louvor à Terra: uma viagem ao jardim**. Petrópolis: Vozes, 2021

HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: HEIDEGGER, Martin. Ensaios e conferências. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 125-141.

HERNÁNDEZ, César; VÉLEZ, Luis; ANDRADE, Rubens (Orgs.). **El paisaje del borde-urbano**: parte alta de la comuna 8 de Medellín. Rio de Janeiro: Paisagens Híbridas, 2022.

HOOKS, Bell. **Pertencimento**: uma cultura do lugar. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

HOLANDA, Frederico de (org.). **Urbanidades**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012. 279 p.

HOLANDA, Sandra de Souza Paiva. **Expansão urbana, mercado imobiliário e renda da terra**: a cidade de Pau dos Ferros – RN. 2023. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2023.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

JAGUARIBE (CE). Prefeitura Municipal. **Plano Diretor de Jaguaribe**. Jaguaribe: Prefeitura Municipal, 2019. Disponível em:<
https://www.jaguaribe.ce.gov.br/arquivos/126/Leis%20Municipais_1437_2019_0000001.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2026.

JAPPE, Anselm. **Concreto**: arma de construção em massa do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2025.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Regina Benevides de. **Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia**. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. cap. [INSERIR NÚMERO DO CAPÍTULO], p. [INSERIR PÁGINA INICIAL]-[INSERIR PÁGINA FINAL].

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KUSSIK, Helena (coord.). **Bordado filé**. Têxteis do Brasil. 1. ed. São Paulo: Artesol, 2024.

L'AMÔAÉ - LABORATÓRIO DE ESTUDOS DECOLONIAIS. **Jardim da Moradora (P1)**. Pau dos Ferros, 2025. 1 fotografia. Acervo do laboratório. Imagem gentilmente cedida por Esdras Arraes.

LEAL, Halina. Pertencimento e sua dimensão de cura. Prefácio à edição brasileira. In: hooks, bell. **Pertecimento**. São Paulo: Elefante, 2022.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF, 2011.

MARX, Murillo. **Cidade brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

MARX, Murillo. **Cidades no Brasil**, terra de quem? São Paulo: Edusp; Nobel, 1991.

MARX, Murillo. **Cidade no Brasil, em que termos?** São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Tradução de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2026. 312 p.

MELLO, Elias Wenceslão Cabral de. **Planta do Passeio Público**. [S. l.: s. n.], [ca. 1850]. 1 desenho. Disponível em: <
http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon326438/icon326438.htm
 >. Acesso em: 1 abr. 2026.

MILES, Malcolm. **Depois do domínio público: espaços de representação, transição e pluralidade**; in BRANDÃO, P.; REMESAR, A. (coord.) Espaço Público e interdisciplinaridade, Lisboa, Centro Português do Design, 2000.

MOURÃO, Ada Raquel Teixeira. **As calçadas a partir de um aporte psico-ambiental: usos, significados e apropriação do espaço público**. 2014 (Doutorado em Espacio Público y Regeneración Urbana: Art, Teoría y Conservación del Patrimonio) – Facultat de Psicologia, Universitat de Barcelona, Barcelona, 2014. Disponível em:<
https://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/65308/2/01.ARTM_TESE.pdf >. Acesso em 25 de agosto de 2025.

NEVES, Eduardo Góes; CASTRIOTA, Rodrigo. **Urbanismos tropicais**. PISEAGRAMA, Belo Horizonte, edição especial Vegetalidades, p. 64-73, set. 2023.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. **A cartografia como método de pesquisa-intervenção**. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade, v. 1, n. 1, 2009.

PAU DOS FERROS (RN). **Lei Complementar nº 016, de 29 de dezembro de 2021**. Institui o Plano Diretor Participativo do Município de Pau dos Ferros e dá outras providências. Pau dos Ferros, RN: Prefeitura Municipal, 2021. Disponível em: <
https://pau dosferros.rn.gov.br/arquivos/2162/LC%20%20LEI%20COMPLEMENTAR_016_2021_0000001.pdf >. Acesso em: 25 nov. 2025.

PAU DOS FERROS (RN). **Lei nº 311, de 3 de abril de 1972**. Institui o Código de Postura do Município de Pau dos Ferros e dá outras providências. Pau dos Ferros, RN: Prefeitura Municipal, 1972. Disponível em: <
https://pau dosferros.rn.gov.br/arquivos/169/LEIS_311_1972_0000001.pdf >. Acesso em: 25 nov. 2025.

PERULLI, Paolo. **Visões da cidade: as formas do mundo espacial**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2012.

PINTO, Luís Maria da Silva. **Diccionario da lingua brasileira**. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil (1500-1720)**. São Paulo: Pioneira, 1968.

RIO GRANDE DO NORTE (Província). **Collecção de Leis Provinciaes do Rio Grande do Norte (RN) - 1835 a 1887**. [S. l.: s. n.], [1887]. Disponível em: <

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=245291x&pesq=pau%20dos%20feiros&pagfis=957> >. Acesso em: 25 nov. 2025.

RIBEIRO, Ana Clara Torres et al. **Por uma cartografia da ação**: pequeno ensaio de método. Cadernos IPPUR, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. [inserir as páginas aqui, se souber], jan./abr. 1986.

SANTOS, Milton. Urbanidades. In: Douglas Aguiar; Vinicius M. Netto (Orgs.). Rio de Janeiro: Folio Digital; Letra e Imagem, 2012.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023. 112 p.

SENNETT, Richard; SENDRA, Pablo. **Desenhando a desordem**: experiências e disrupções na cidade (Urbanidades fraturadas). Tradução de Maria Alice Junqueira Bastos. São Paulo: Perspectiva, 2020.

SILVA, Antonio de Moraes. Bluteau, Rafael. **Diccionario da lingua portugueza** composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. 1. ed. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, MDCCLXXXIX [1789]. 2v.: v. 1: xxii, 752 p.; v. 2: 541 p. Disponível em: <https://www.bbm.usp.br/pt-br/dicionarios/>. Acesso em: 2 jun. 2026.

SIMONE, AbdouMaliq. **The surrounds**: urban life within and beyond capture. Durham: Duke University Press, 2022.

SYDOW, Elisabeth; SILVA, Paola. **Em busca de uma calçada para caminhar**: a privatização dos espaços públicos. Caracas: Revista Espacios, v. 44, n. 7, 2023. Disponível em: < <http://sistemasblandosxd.revistaespacios.com/a23v44n07/a23v44n07p04.pdf> >. Acesso em: 10 de setembro de 2025.

TELLES, Lygia Fagundes. **Ciranda de pedra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

TREVISAM, Elisaide; OLIVEIRA, Suziane Cristina Silva de. Contribuições da biofilia para o desenvolvimento sustentável. **Veredas do Direito**, v. 21, p. 1-20, 2024.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.

TUNSTALL, Elizabeth (Dori). **Decolonizing design**: a cultural justice guidebook. Cambridge; London: The MIT Press, 2023.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

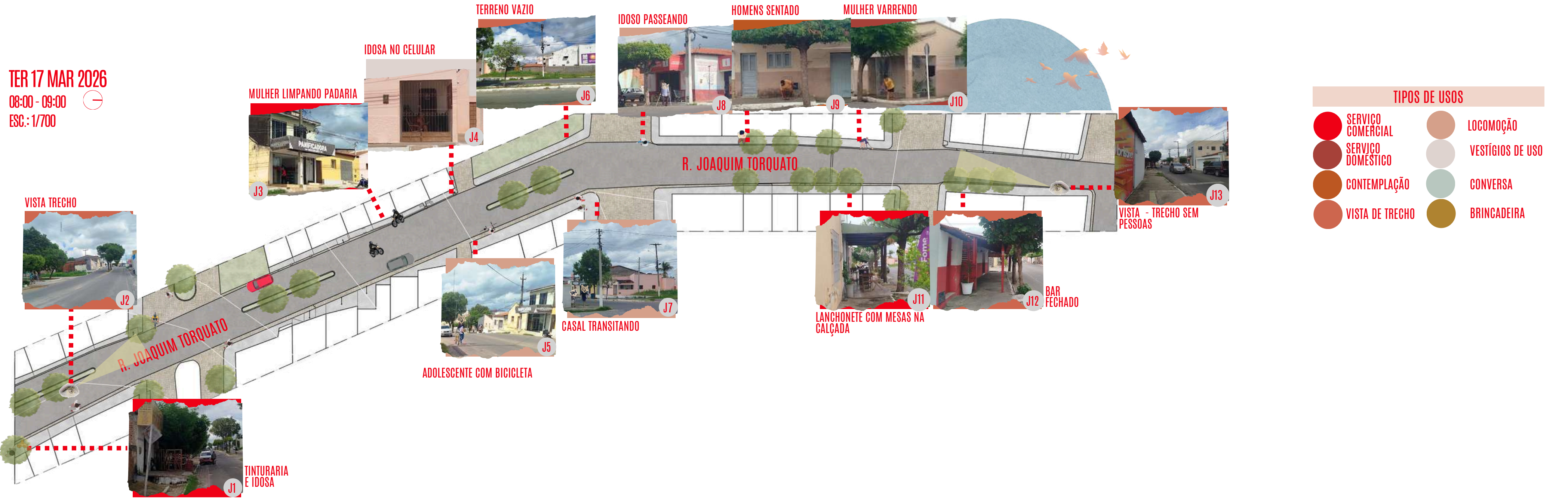
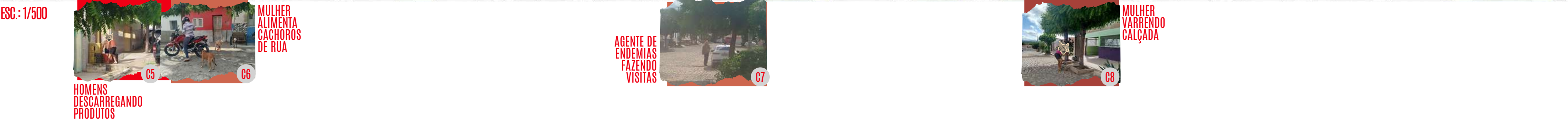
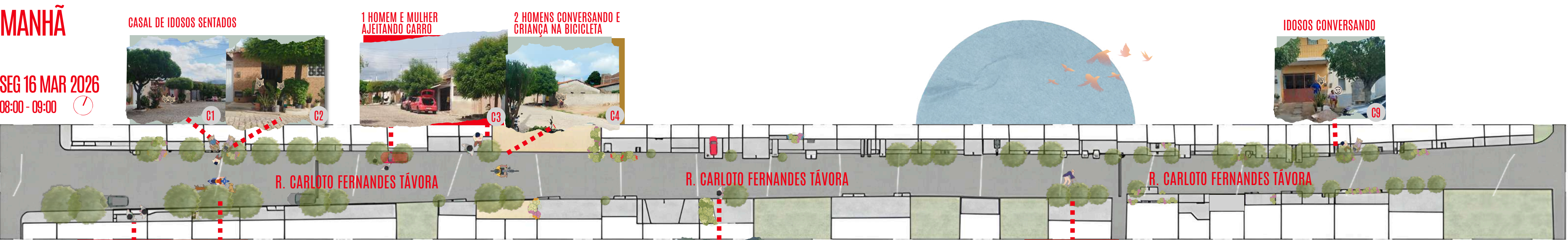
VERDI, Marta Inez Machado et al. **Da Haussmannização às cidades saudáveis**: rupturas e continuidades nas políticas de saúde e urbanização na sociedade brasileira do início e do final do século XX. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

WAGNER, Zacharias. **Mercado de escravos no Recife (atual Rua Bom Jesus)**. [Entre 1637 e 1644]. 1 desenho. Disponível em:<

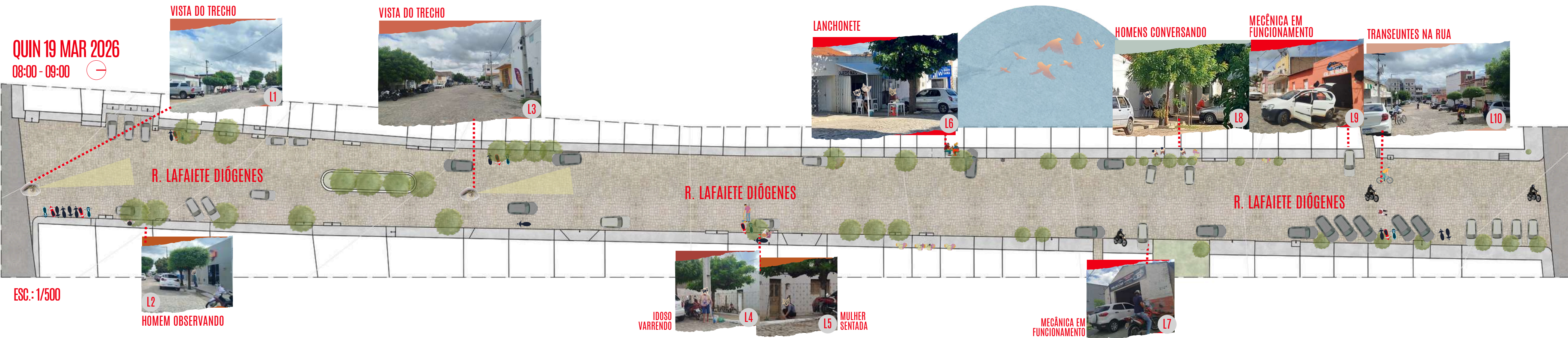
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Zacharias_Wagner_-_Mercado_de_escravos_no_Recife.jpg >. Acesso em: 10 nov 2025.

ZATTAR, Neuza. **Calçadas: espaços públicos ou privados**. Línguas e Instrumentos Linguísticos. ed, n. 23/24, 2008.

APÊNDICE A: CARTOGRAFIAS - AÇÃO



TIPOS DE USOS			
	SERVIÇO COMERCIAL		LOCOMOÇÃO
	SERVIÇO DOMESTICO		VESTÍGIOS DE USO
	CONTEMPLAÇÃO		CONVERSA
	VISTA DE TRECHO		BRINCADEIRA



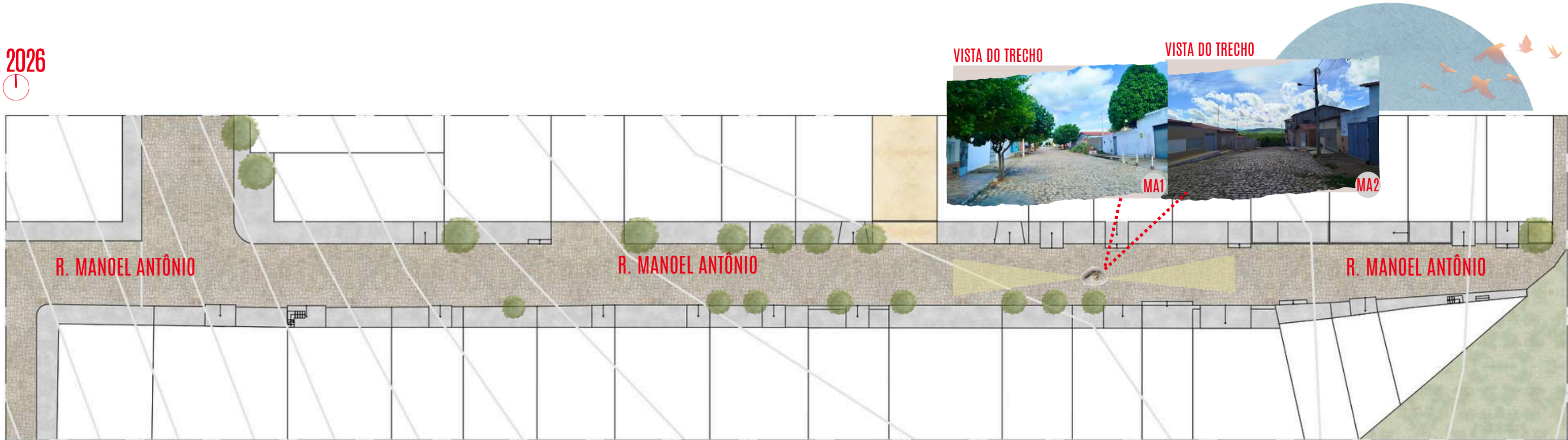
MANHÃ

SEG 23 MAR 2026
08:00 - 09:00



ESC.: 1/500

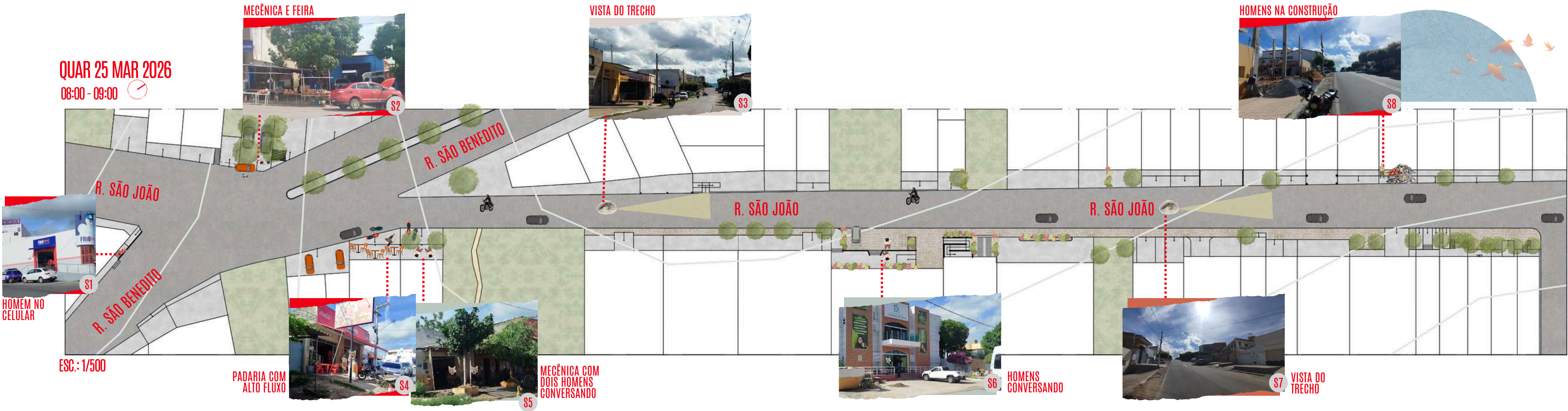
TER 24 MAR 2026
08:00 - 09:00



ESC.: 1/500

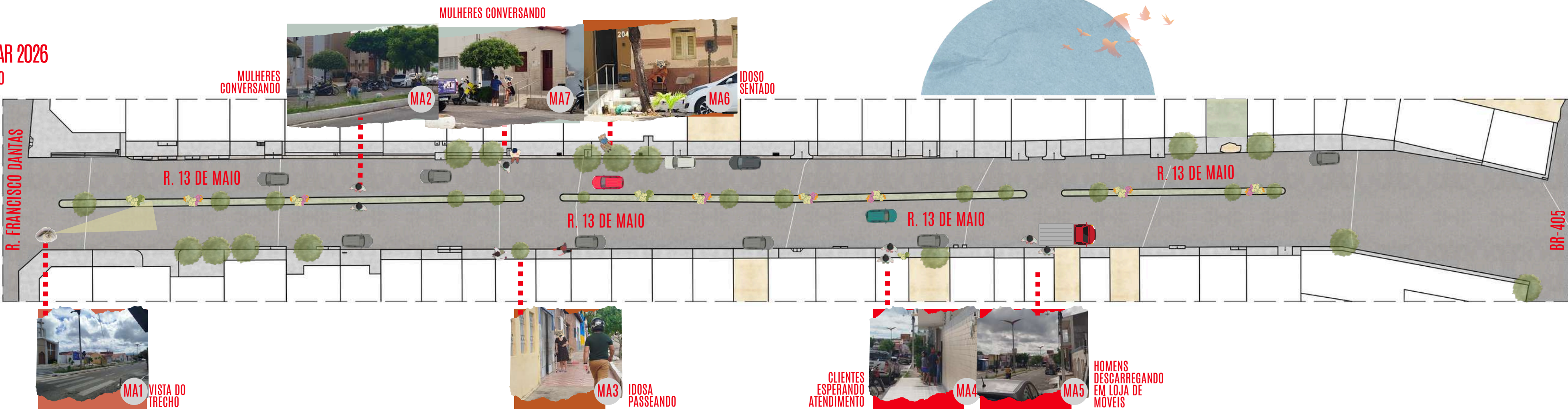
TIPOS DE USOS			
● SERVIÇO COMERCIAL	● LOCOMOÇÃO	● VESTÍGIOS DE USO	● CONVERSA
● SERVIÇO DOMESTICO	● CONTEMPLAÇÃO	● VISTA DE TRECHO	● BRINCADEIRA

QUAR 25 MAR 2026
08:00 - 09:00



ESC.: 1/500

TER 31 MAR 2026
08:00 - 09:00



ESC.: 1/1500

MEIO-DIA

SEG 16 MAR 2026

12:00 - 13:00



MENINO BRINCANDO



C10

RUA VAZIA



C11

RUA VAZIA

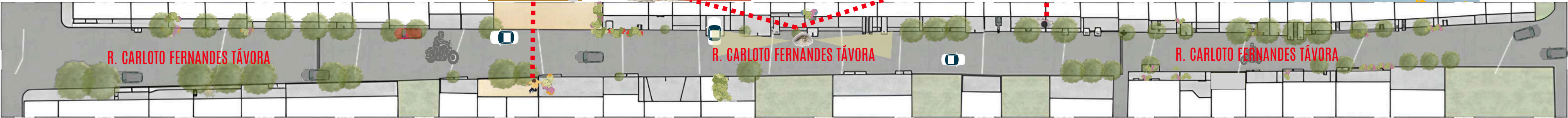


C12

MULHER CONVERSANDO



C13



ESC.: 1/500

VISTA DO TRECHO



J16

VISTA DO TRECHO



J19

HOMEM SENTADO



J15

R. JOAQUIM TORQUATO



J17

RAPAZ CAMINHANDO

J18



VISTA - TRECHO SEM PESSOAS

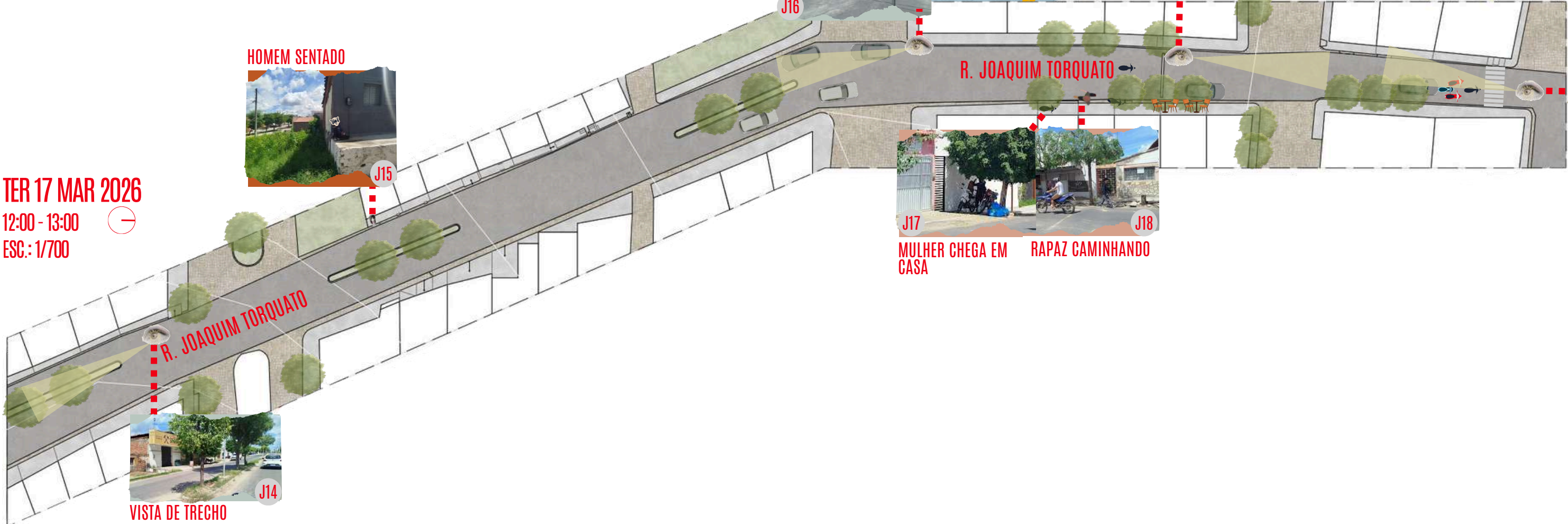
J20

TIPOS DE USOS			
	SERVIÇO COMERCIAL		LOCOMOÇÃO
	SERVIÇO DOMÉSTICO		VESTÍGIOS DE USO
	CONTEMPLAÇÃO		CONVERSA
	VISTA DE TRECHO		BRINCADEIRA

TER 17 MAR 2026

12:00 - 13:00

ESC.: 1/700



QUIN 19 MAR 2026

12:00 - 13:00



VISTA DO TRECHO



L11

VISTA DO TRECHO



L12

MULHER SAINDO DE MOTO

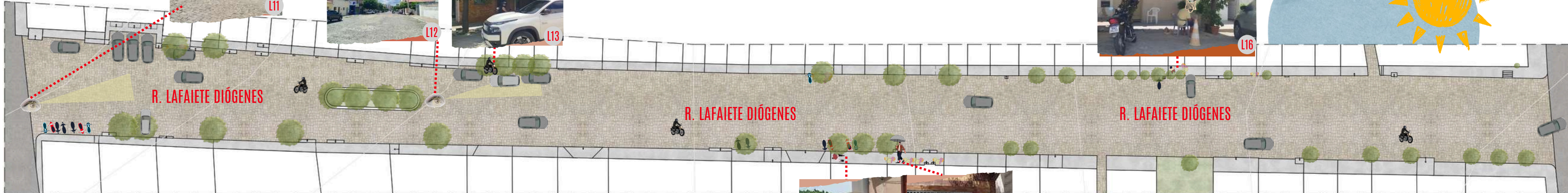


L13

R. LAFAIETE DIÓGENES

R. LAFAIETE DIÓGENES

R. LAFAIETE DIÓGENES



ESC.: 1/500

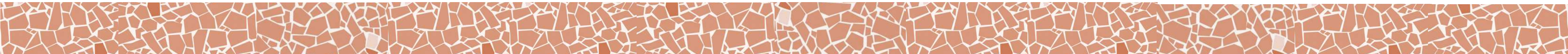
MULHER COMEÇA ESPEDIENTE



L14

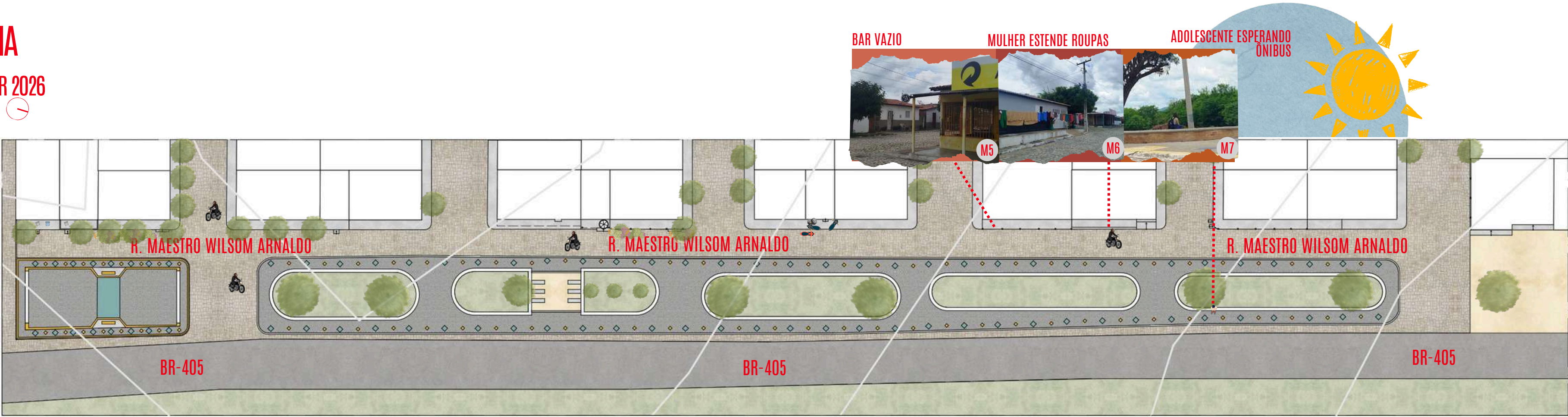
L15

MENINO SE PROTEGENDO DO SOL



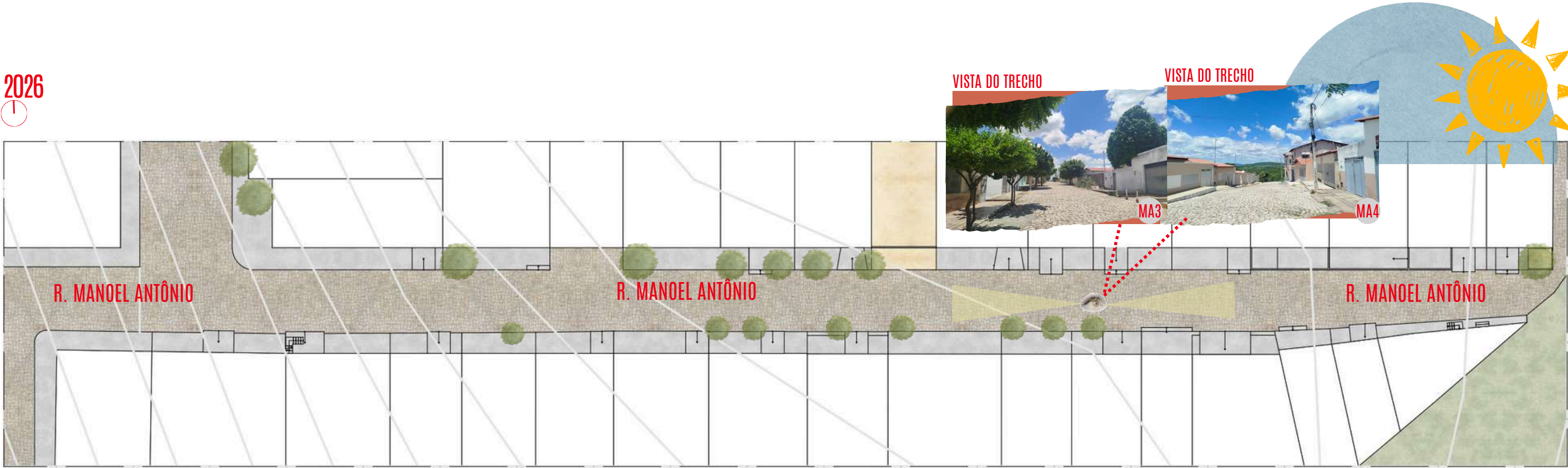
MEIO DIA

SEG 23 MAR 2026
12:00 - 13:00



ESC.: 1/500

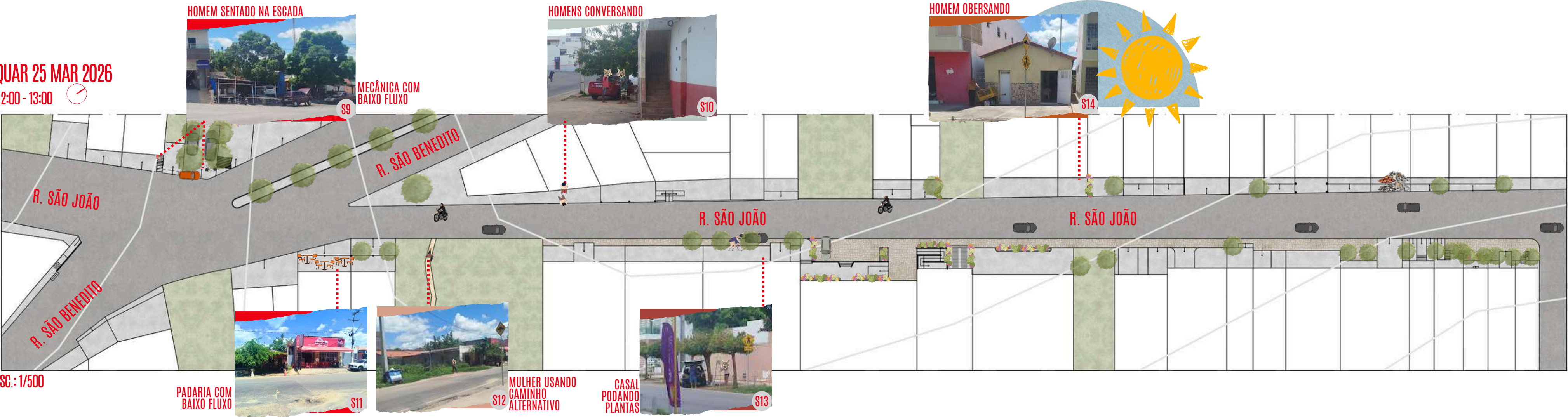
TER 24 MAR 2026
12:00 - 13:00



ESC.: 1/500

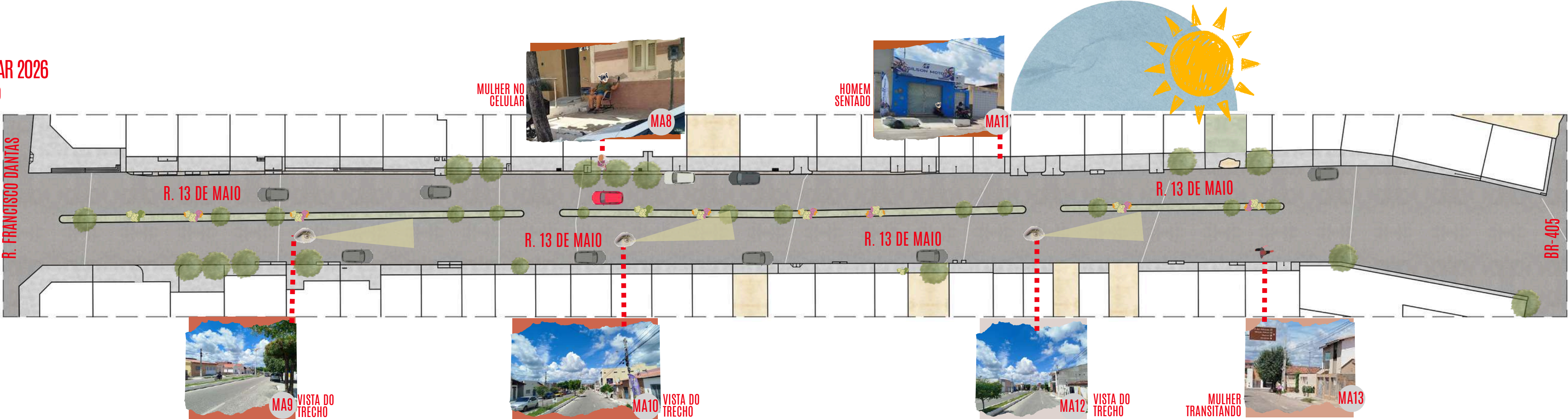
TIPOS DE USOS			
●	SERVIÇO COMERCIAL	●	LOCOMOÇÃO
●	SERVIÇO DOMÉSTICO	●	VESTÍGIOS DE USO
●	CONTEMPLAÇÃO	●	CONVERSA
●	VISTA DE TRECHO	●	BRINCADEIRA

QUAR 25 MAR 2026
12:00 - 13:00

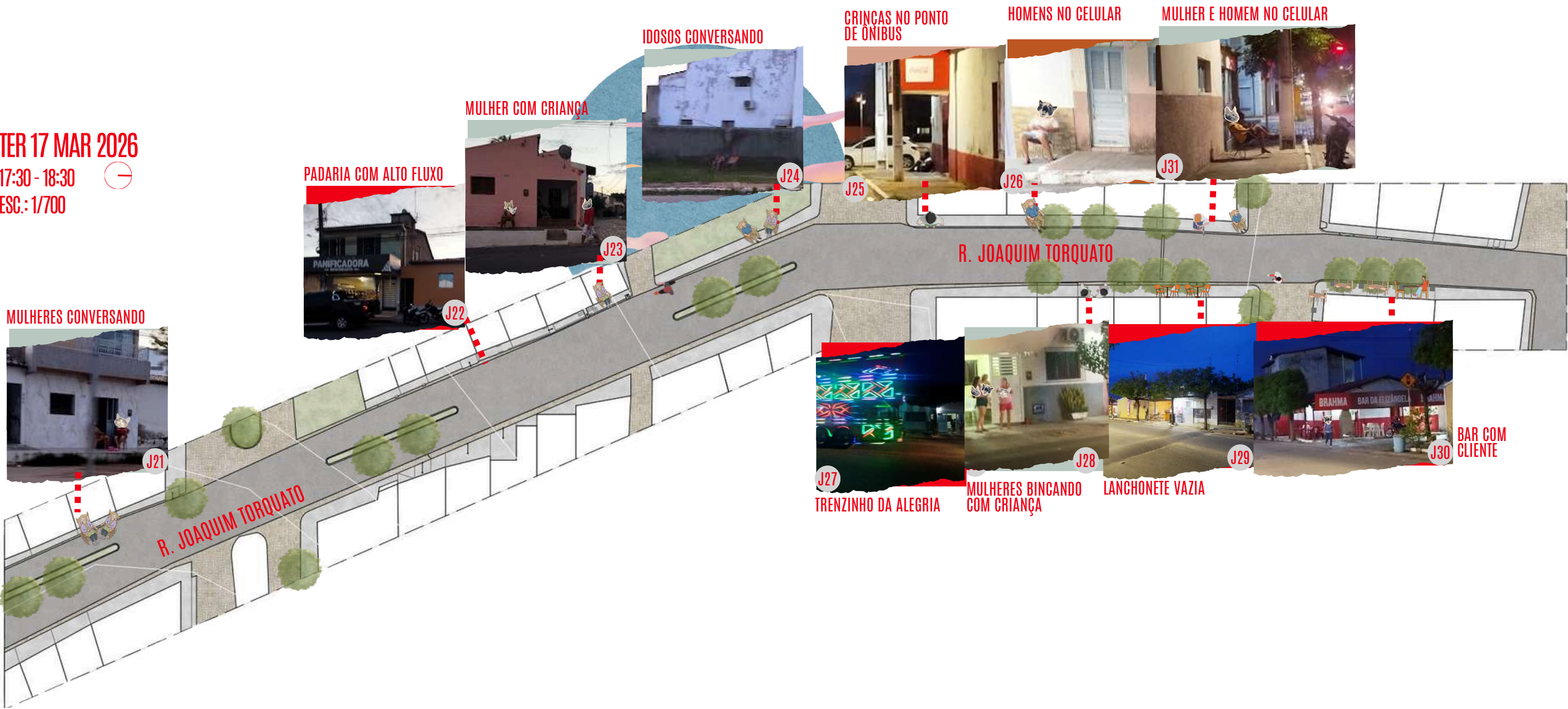
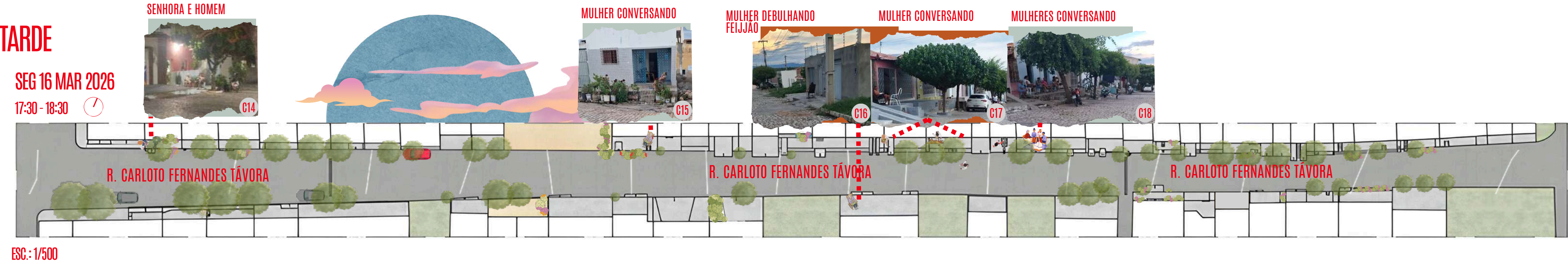


ESC.: 1/500

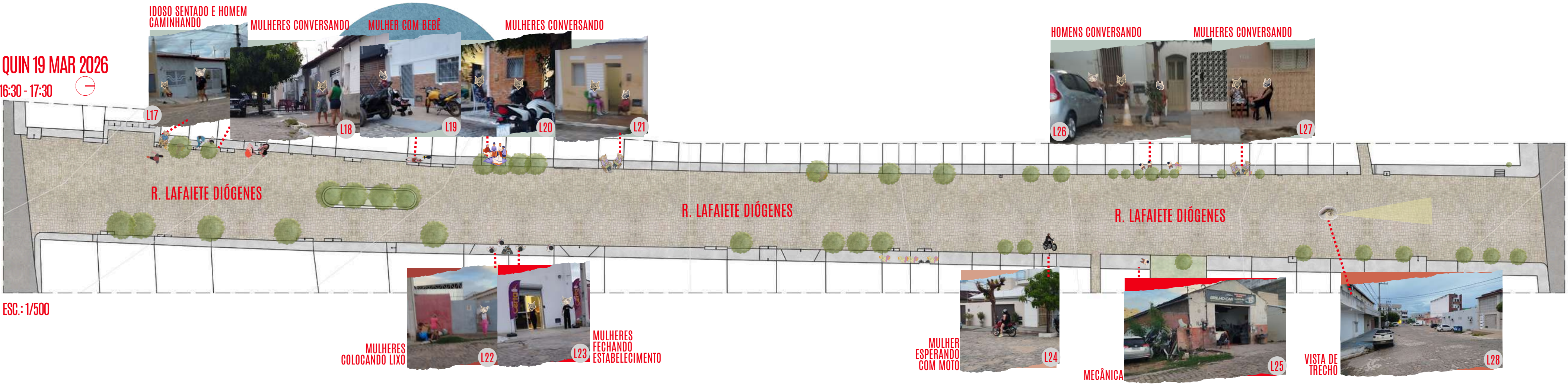
TER 31 MAR 2026
12:00 - 13:00

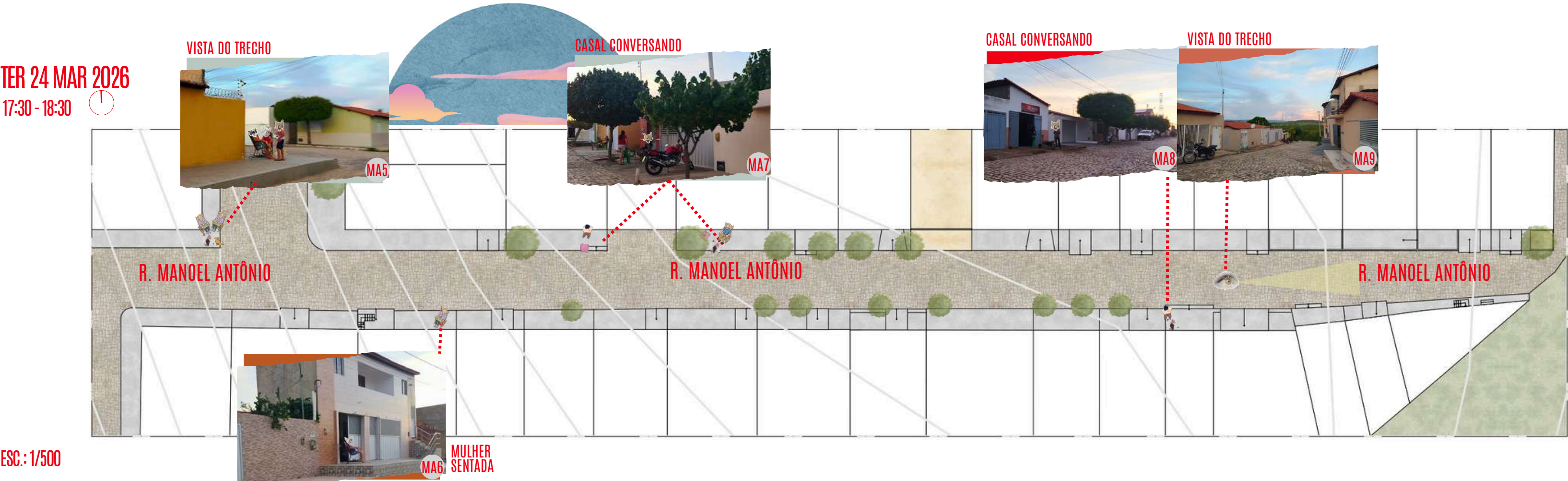
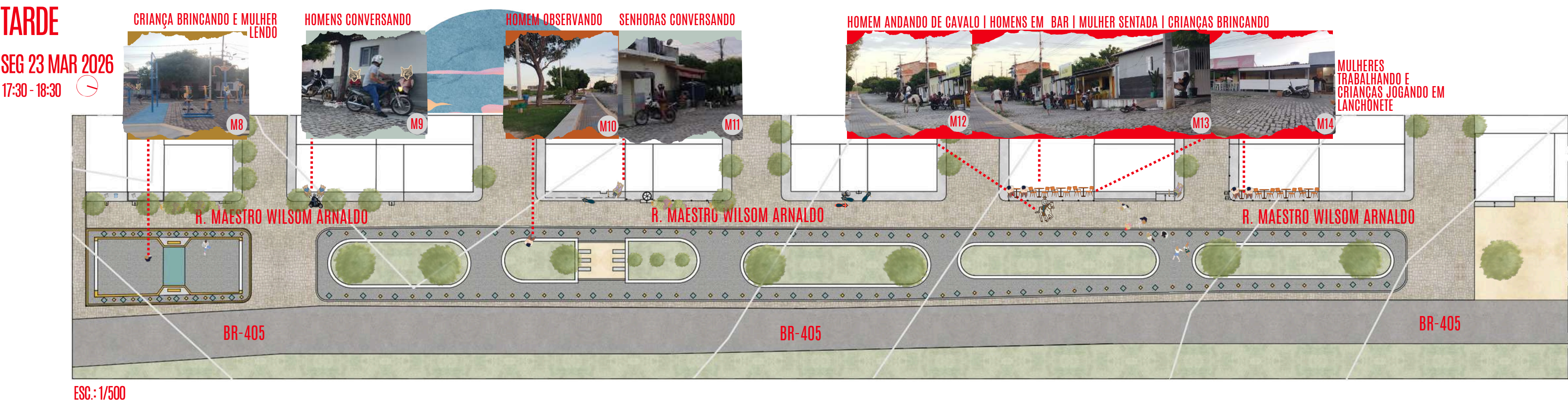


ESC.: 1/1500

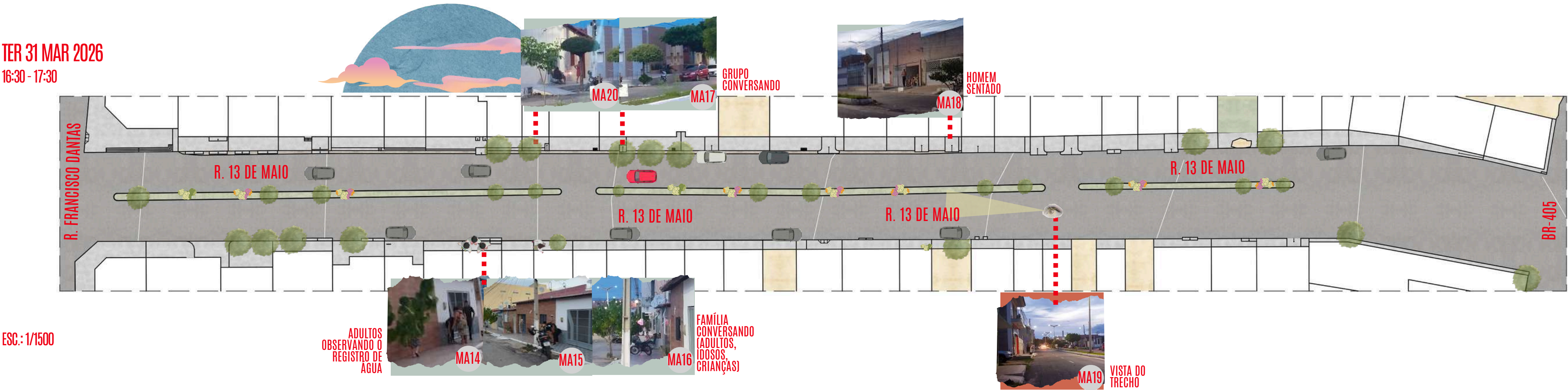
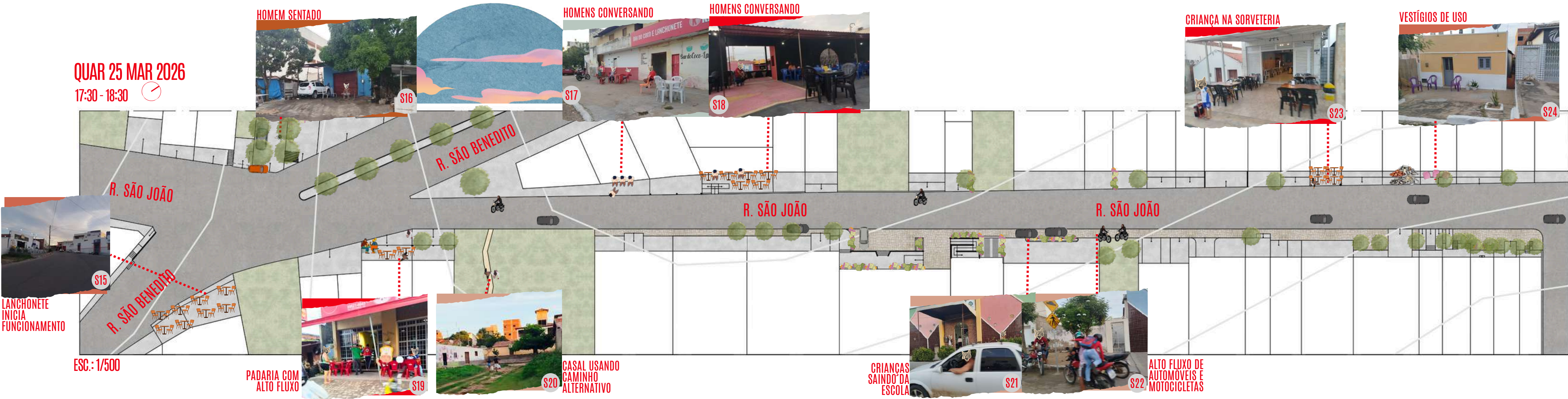


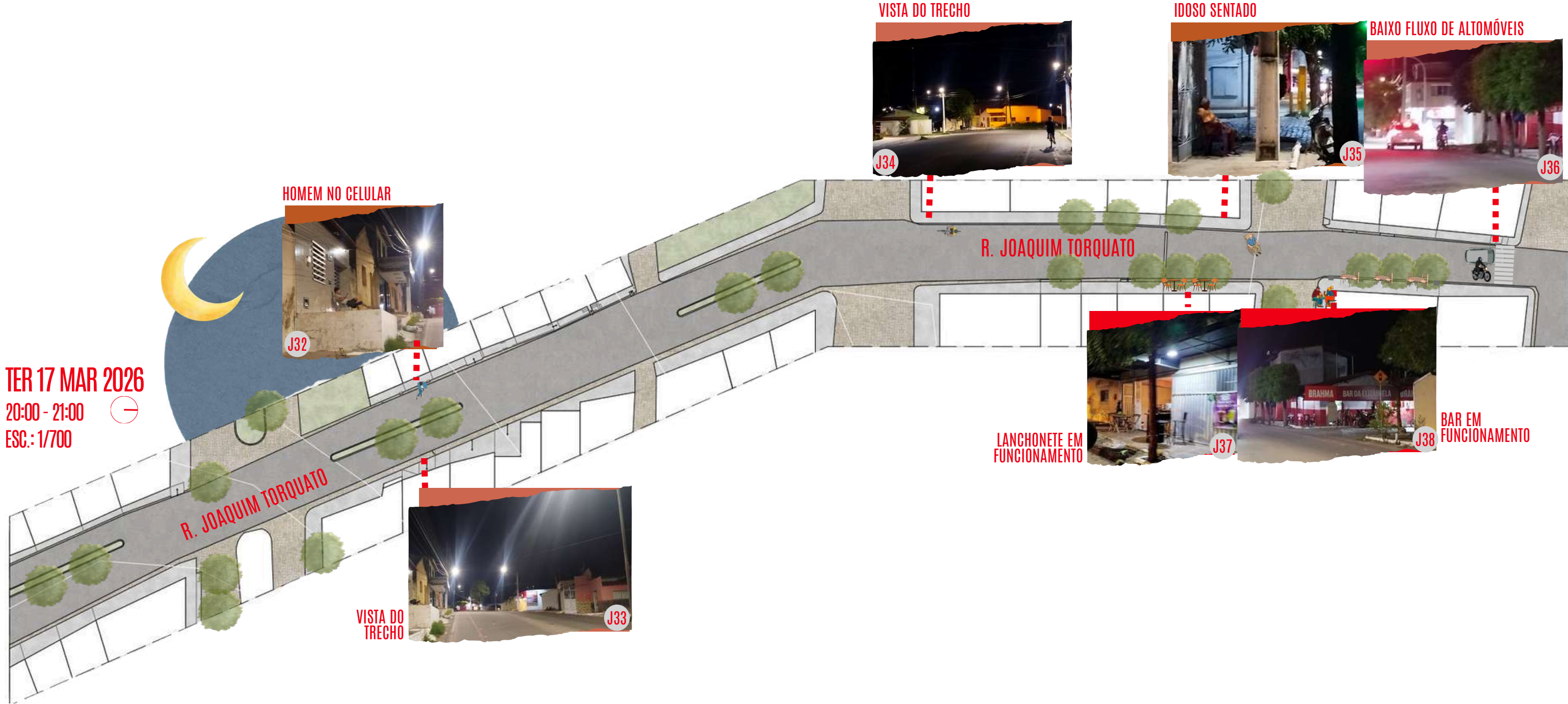
TIPOS DE USOS			
	SERVIÇO COMERCIAL		LOCOMOÇÃO
	SERVIÇO DOMÉSTICO		VESTÍGIOS DE USO
	CONTEMPLAÇÃO		CONVERSA
	VISTA DE TRECHO		BRINCADEIRA



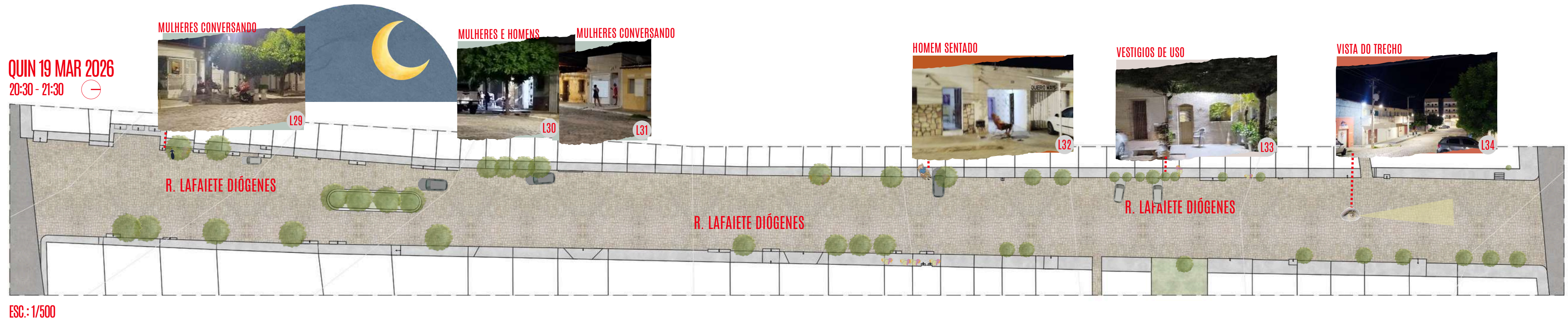


TIPOS DE USOS	
● SERVIÇO COMERCIAL	● LOCOMOÇÃO
● SERVIÇO DOMÉSTICO	● VESTÍGIOS DE USO
● CONTEMPLAÇÃO	● CONVERSA
● VISTA DO TRECHO	● BRINCADEIRA



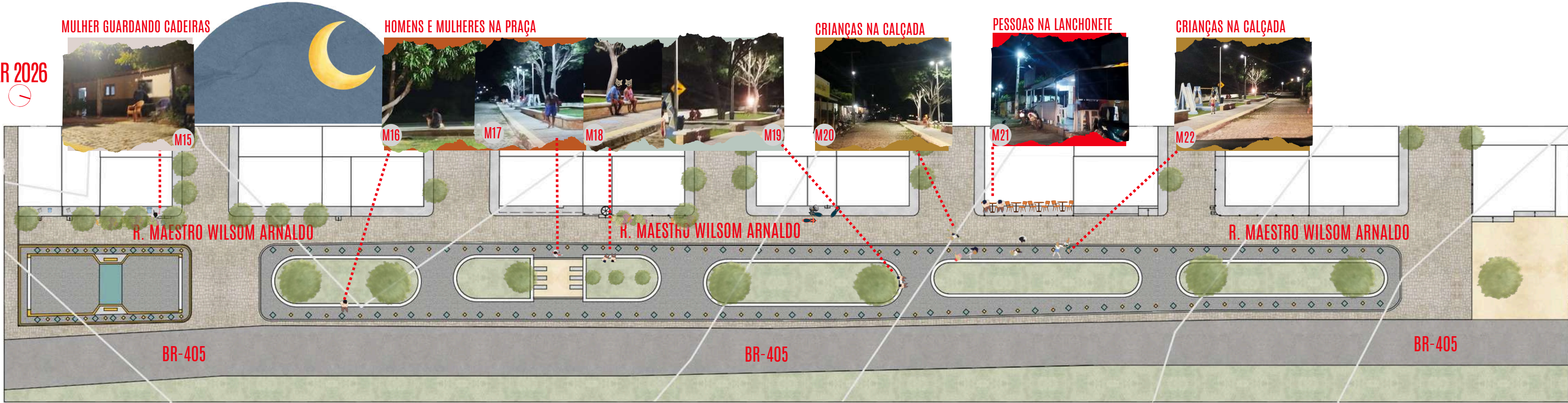


TIPOS DE USOS			
	SERVIÇO COMERCIAL		LOCOMOÇÃO
	SERVIÇO DOMÉSTICO		VESTÍGIOS DE USO
	CONTEMPLAÇÃO		CONVERSA
	VISTA DE TRECHO		BRINCADEIRA



NOITE

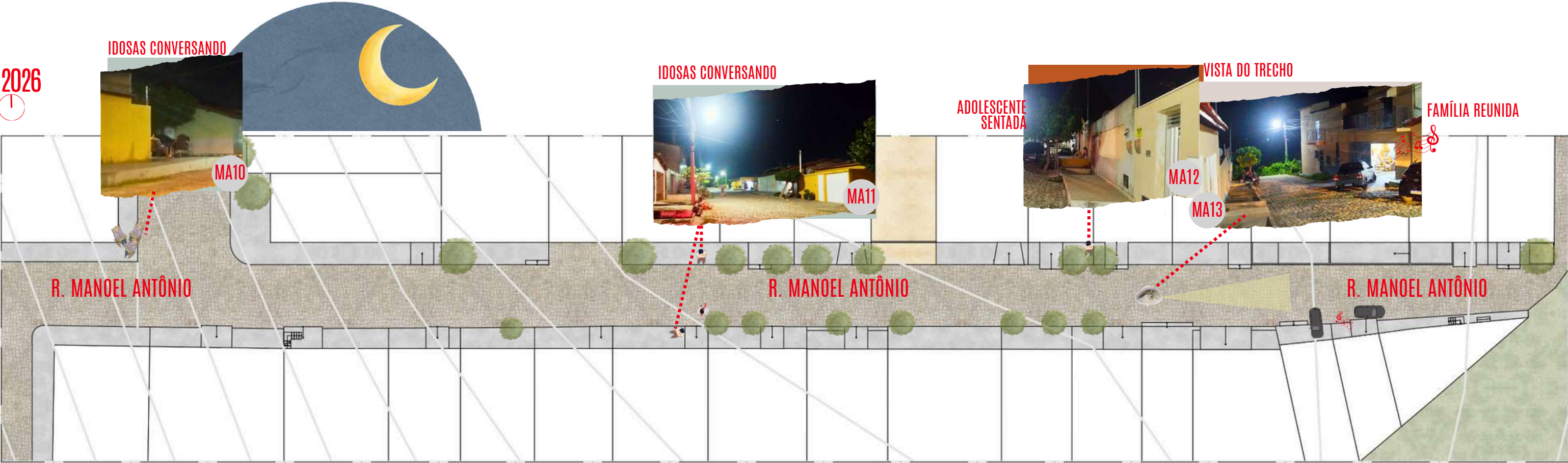
SEG 23 MAR 2026
20:00 - 21:00



ESC.: 1/500

TER 24 MAR 2026
20:00 - 21:00

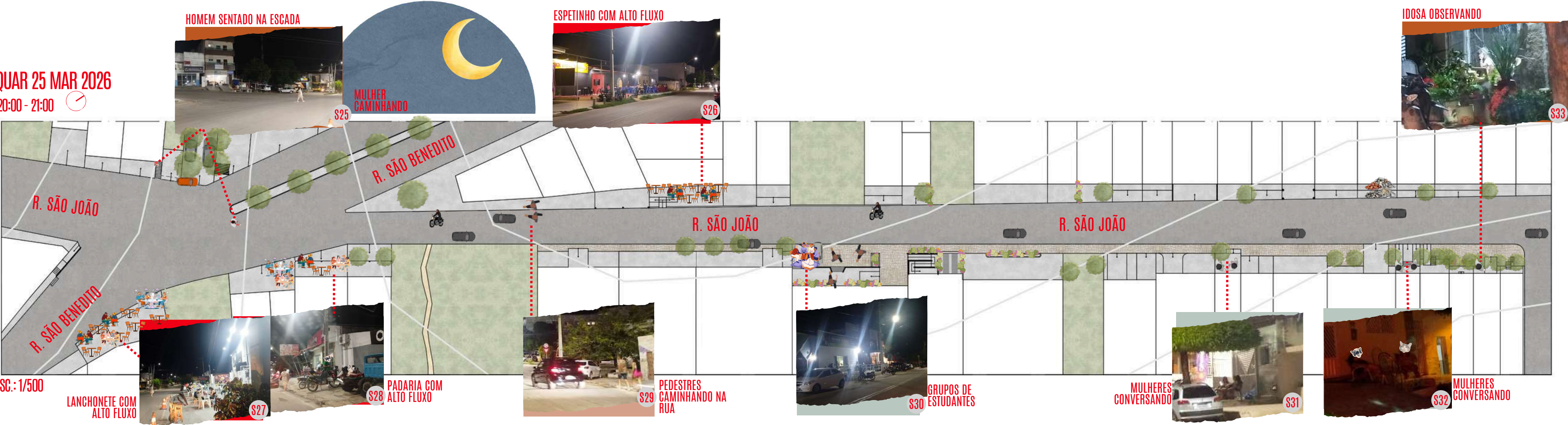
- TIPOS DE USOS
- SERVIÇO COMERCIAL
 - SERVIÇO DOMÉSTICO
 - CONTEMPLAÇÃO
 - VISTA DE TRECHO
 - LOCOMOÇÃO
 - VESTÍGIOS DE USO
 - CONVERSA
 - BRINCADEIRA



ESC.: 1/500

- TIPOS DE USOS
- SERVIÇO COMERCIAL
 - SERVIÇO DOMÉSTICO
 - CONTEMPLAÇÃO
 - VISTA DE TRECHO
 - LOCOMOÇÃO
 - VESTÍGIOS DE USO
 - CONVERSA
 - BRINCADEIRA

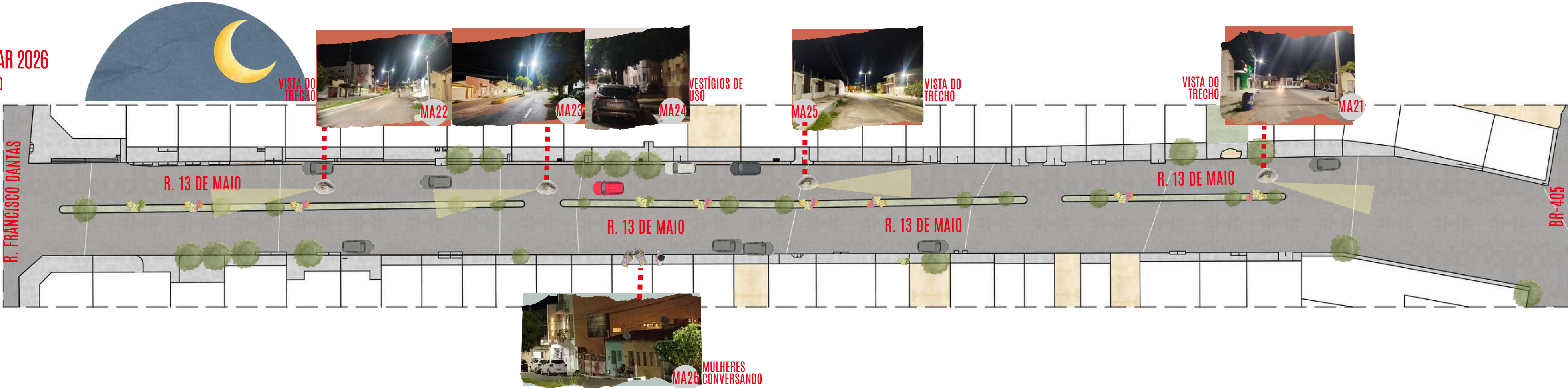
QUAR 25 MAR 2026
20:00 - 21:00



ESC.: 1/500

NOITE

TER 31 MAR 2026
20:00 - 21:00



ESC.: 1/1500